

o mundo  
prodigioso  
que tenho  
na cabeça

# franz kafka

um ensaio  
biográfico

por louis begley



COMPANHIA DAS LETRAS

o mundo  
prodigioso  
que tenho  
na cabeça  
franz kafka  
um ensaio  
biográfico  
por louis begley

*Tradução*

Laura Teixeira Motta

# Sumário

## Introdução

1. A vida é meramente terrível
2. Que tenho eu em comum com os judeus?
3. O reino mais profundo da verdadeira vida sexual está fechado para mim...
4. Sou feito de literatura, não sou nada além disso
5. O machado para o mar congelado dentro de nós...

## Chave das referências bibliográficas

Bibliografia selecionada

Uso dos topônimos alemães

Datas importantes na vida de Kafka

Agradecimentos

Sobre o autor

# Introdução

Milhões leram os romances e contos de Franz Kafka — suas obras foram traduzidas para todas as línguas que têm literatura escrita — e muitos outros milhões que nunca leram uma única linha de Kafka conhecem seu nome e com naturalidade descrevem como “kafkianas” suas experiências desnorteantes ou frustrantes com as complexidades da vida moderna. Kafka autorizou a publicação de apenas algumas de suas obras enquanto viveu. Entre elas estão duas novelas, *A metamorfose* e *Na colônia penal*, que, cada uma isoladamente, já lhe granjeariam um apreciável lugar no panteão literário. Da mesma elevada qualidade são, entre outros, seus contos “O veredicto”, “Um médico rural”, “Um relatório para uma Academia”, “Um artista da fome” e o último texto que ele escreveu, “Josefina, a cantora ou O povo dos camundongos”. Esses escritos garantiram-lhe a admiração de um público de autores e críticos em Praga, Berlim e Viena, que o reconheceram como um dos mestres da prosa alemã moderna. A obra de Kafka foi antologizada quando ele ainda era vivo e traduzida para o tcheco, o húngaro e o sueco. Ainda assim, é seguro afirmar que Kafka não teria conquistado seu monumental renome sem os incansáveis esforços de seu melhor amigo e primeiro biógrafo, Max Brod, o responsável pela publicação póstuma de seus romances e outros textos de ficção.

Kafka não deixou testamento. Mas logo após sua morte, Brod encontrou na escrivaninha do apartamento de seus pais uma carta em que Kafka lhe pedia, como seu último desejo, que queimasse todos os seus escritos sem os ler: diários, manuscritos, cartas (as que escrevera e as que recebera), além de esboços — Kafka desenhava muito bem — e tudo o que fosse de sua autoria e pudesse estar em mãos de terceiros. Quanto aos papéis em posse de outros, ele

instruiu Brod: “pede-os em meu nome. As cartas que não quiserem entregar-te, ao menos que prometam lealmente queimá-las eles mesmos”. Uma carta anterior para Brod, também encontrada na escrivaninha de Kafka, ia além:

De todos os meus escritos, os únicos livros que podem ficar são: *O veredicto*, *A metamorfose*, *Na colônia penal*, *Um médico rural* e o conto *Um artista da fome*. (As poucas cópias de *Contemplação* podem permanecer. Não quero dar a ninguém o trabalho de macerá-las; mas que nada desse volume torne a ser publicado.) (T, 266)<sup>1</sup>

Brod escolheu não seguir as instruções de Kafka. Baseou essa decisão, em parte, numa conversa que tivera com Kafka em 1921, na qual dissera ao amigo que não tencionava destruir os papéis. E argumentou que o fato de Kafka não ter escolhido para testamenteiro alguma outra pessoa que concordasse em agir segundo seus desejos poderia ser interpretado como um indicador de que Kafka não estava “absolutamente firme na decisão de que suas instruções deviam vigorar”. A justificativa de maior peso e mais imperativa foi a convicção de Brod de que “a obra não publicada de Kafka contém tesouros estupendos e, comparada às suas próprias obras, as melhores coisas que ele escreveu”. (T, 269)

Independentemente de quanto se acredita que é prerrogativa absoluta de um escritor decidir quais dentre os seus textos devem ser publicados e quais nunca verão a luz do dia, devemos ser gratos pelo fato de os romances e os últimos contos de Kafka terem sido preservados.

A cláusula na segunda carta de Kafka autorizando Brod a recuperar papéis em poder de terceiros veio a ter uma importância vital. Brod estava em posse do manuscrito de *O processo* desde 1920 e dos originais de *O castelo* desde 1923. No entanto, usou a segunda carta como alavanca para obter dos pais de Kafka papéis pessoais que ainda estavam no quarto do escritor, entre eles a incomumente longa (aproximadamente cem páginas manuscritas) *Carta ao pai*, escrita em 1919. De Dora Diamant (1898-1952), uma jovem judia polonesa com quem Kafka vivera em Berlim nos últimos meses antes de morrer, Brod conseguiu reaver um caderno de esboços, o original do conto “A

construção” e o último caderno dos diários de Kafka. De Milena Jesenská (1896-1944), o grande amor de Kafka, Brod recebeu o manuscrito de *O desaparecido ou Amerika* e quinze cadernos contendo diários do início do relacionamento dos dois até 6 de janeiro de 1921, que Kafka dera a Milena em outubro de 1921. Cartas e mais esboços, além do manuscrito de “Josefina, a cantora”, vieram de Robert Klopstock (1899-1972), um estudante de medicina que contraíra tuberculose durante o serviço militar. Kafka tornou-se amigo de Klopstock quando ambos estiveram internados em um sanatório em Matliary, nas Altas Tatras (a cordilheira que serve de fronteira natural entre a Eslováquia e a Polônia). Klopstock ajudara Dora a cuidar de Kafka em sua derradeira doença.

Reunidos os manuscritos, Brod venceu difíceis problemas editoriais decorrentes da desorganização dos textos e dos métodos de composição de Kafka e lutou incansavelmente pela publicação da obra inteira. O *succès d'estime* que os escritos de Kafka haviam desfrutado não era incentivo suficiente para que as editoras alemãs assumissem grandes riscos comerciais — especialmente diante das terríveis condições econômicas na Alemanha — com um autor que não vendera bem e parecia exercer atração limitada sobre o grande público. Apesar disso, os três romances foram publicados na Alemanha: *O processo* em 1925 (pela *avant-garde* Verlag Die Schmiede), *O castelo* em 1926 e *Amerika* em 1927 (ambos pela Kurt Wolff Verlag). As perspectivas para escritores judeus pioraram radicalmente quando Hitler subiu ao poder em 30 de janeiro de 1933. Os livros de Kafka foram queimados em público e, em outubro de 1935, inseridos na famigerada “Lista de obras nocivas e indesejáveis”. Dali por diante, Brod recorreu a diversos estratagemas, entre eles conceder os direitos em alemão das obras de Kafka à Mercy Verlag de Praga. Essa editora era nominalmente tcheca, embora fosse vinculada ao grupo editorial Schocken. Em 1937 as obras completas foram publicadas pela Mercy no alemão original. A nova edição incluiu ficção que antes só existira em manuscritos, os diários e algumas cartas a amigos (principalmente Brod) e outros textos, mas nenhuma das cartas a Felice Bauer

(1887-1960), a primeira noiva de Kafka, ou a Milena Jesenská. Também em 1937 a mesma editora lançou em alemão a biografia de Kafka escrita por Brod. (Um exemplo chocante do embotador impacto do longo domínio comunista sobre a cultura tcheca é o fato de as obras completas de Kafka só terem se tornado disponíveis em tcheco na segunda metade de 2007.)

Os diários de Kafka apresentavam um desafio particular, pois ele regularmente escreveu sucessivas versões de seus contos de ficção em alguns dos mesmos cadernos que usou para o diário. Brod fez excertos dos rascunhos mais avançados para publicá-los. Isso deixou em aberto a questão do tratamento que seria apropriado dar às demais partes dos diários. A decisão de Brod de publicá-las, juntamente com a maioria das cartas de Kafka que lhe chegaram às mãos, é bem mais difícil de justificar do que a resolução de publicar os textos de ficção inacabados. Há muitos escritos fascinantes nos diários e cartas, e sem dúvida eles revelam muito da atormentada vida íntima desse gênio intensamente reservado. Mas a natureza dessas revelações, somada ao pedido de Kafka para que os papéis fossem queimados sem ser lidos, deveria ter sido razão suficiente para honrar a vontade do escritor. O argumento que Brod apresentou para justificar a preservação e a publicação da obra inacabada — que, comparada à obra publicada, continha algumas das melhores coisas que Kafka já escrevera — não poderia aplicar-se ao caso dos papéis pessoais. Na realidade, os diários são um parco registro da vida de Kafka e dizem relativamente poucas coisas relevantes sobre a maioria dos eventos importantes ou sobre as questões éticas, literárias e políticas da época. Quanto à correspondência, a caracterização feita por Kafka (num momento de desânimo) das cartas que trocava com Milena está bem próxima da verdade para muitas delas e se aplica ainda melhor às cartas para Felice:

No fundo, sempre escrevemos o mesmo. Pergunto-te se estás enferma, tu mo perguntas, digo que quero morrer, e tu também o dizes, quero chorar como uma criancinha diante de ti, e então tu queres chorar diante de mim como uma menininha. E uma e dez mil vezes e sempre quero estar a teu lado, e tu me dizes o mesmo. Suficiente, suficiente. (*LM*, 111)\*

Sem ter insistido com Felice e Milena na época da morte de Kafka para

que entregassem as cartas para serem destruídas ou as destruíssem elas mesmas, Brod acabou perdendo o controle sobre o destino subsequente daqueles papéis. Quando o exército alemão entrou em Praga em 1939, Milena confiou as cartas que guardava a um amigo escritor, Willy Haas (1891-1973), que frequentara o círculo de Kafka. Em 1952, Haas publicou-as na Alemanha, argumentando que Milena não faria objeções. A resposta da filha de Milena a essa declaração implausível foi que nem Milena nem Kafka jamais teriam consentido. Acompanhada pelo marido e por dois filhos, Felice deixou a Alemanha e foi para Suíça em 1931, depois emigrou para os Estados Unidos em 1936, levando consigo as cartas de Kafka. Em 1955, cinco anos antes de morrer, ela as vendeu à Schocken Books. Incluídas nessa venda estavam cartas de Kafka a Grete Bloch (1892-1944), uma amiga que Felice apresentara a Kafka. Grete dera as cartas a Felice em 1935.

Embora a ficção de Kafka seja austeramente anistórica, ele não escreveu em uma paisagem tão vazia e inexplorada quanto os campos inverniais que K., o desafortunado agrimensor, atravessa penosamente a caminho dos domínios do conde Westwest em *O castelo*. Como Kafka galantemente salientou a Felice, que se mostrara ciumenta da atenção que ele estava dedicando a seu romance *Amerika*,

Aconteça o que acontecer imploro, de mãos postas em súplica, que não tenhas ciúme do meu romance. Se as pessoas nele suspeitarem do teu ciúme, fugirão de mim; já agora eu mal as estou segurando pela ponta das mangas. E imagina que, se fugirem de mim, terei de correr atrás delas, talvez até o além-mundo, onde obviamente elas se sentem bem à vontade. Eu sou o romance, eu sou minhas histórias — onde, pergunto, haveria o mais ínfimo lugar para ciúme? (LF, 138)

Ancorado em Praga e na classe média judaica germanófona da cidade, Kafka tinha a sensibilidade de um homem de sua época e lugar. Haas observou que

Kafka certamente disse tudo, tudo o que tínhamos na ponta da língua e nunca dissemos, nunca pudemos dizer [...] Não consigo imaginar como qualquer homem que não tenha nascido em Praga



no período entre 1880 e 1890 poderia compreendê-lo no que quer que fosse [...] Kafka parece-me [...] um segredo austríaco, judeu e praguense do qual só nós temos a chave.<sup>2</sup>

Há muito exagero e um importante grão de verdade na elegante assertiva de Haas, sendo a verdade que mesmo um mínimo de conhecimento sobre a vida e o contexto social de Kafka devem enriquecer a experiência de ler sua obra. A Boêmia, Praga e a família de Kafka parecem ser bons lugares para começar.

1 A chave das referências encontra-se no fim deste texto.

2 W. Haas, *Die Literarische Welt*, Munique, 1960, pp. 33 ss. Citado em Stölzl, Christoph, *Kafkas böses Böhmen: Zur Socialgeschichte eines Prager Juden* (Munique, edição crítica, 1975), pp. 16 ss.

\* A tradução das citações de *Briefe An Milena* [*Cartas à Milena*, São Paulo, Livraria Exposição do Livro, s.d.], exceto *LM*, 248, são de Torrieri Guimarães. As citações de *Um artista da fome/A construção*, *Carta ao pai*, *O castelo*, *Contemplação/O foguista*, *A metamorfose*, *Um médico rural*, *Narrativas do espólio*, *O processo* e *O veredicto/Na colônia penal* são traduções de Modesto Carone, publicadas pela Companhia das Letras. A tradução das citações de *Der Verschollene* [*O desaparecido ou Amerika*, São Paulo, Editora 34, 2003] são de Susana Kampf Lages. As citações de *Gespräche mit Kafka* [*Conversas com Kafka*, São Paulo, Novo Século, 2008], são tradução de Celina Luz. (N. T.)

# 1. A vida é meramente terrível

Franz Kafka nasceu em 1883, filho de Herrmann Kafka (1852-1932) e Julie (1856-1934), cujo sobrenome de solteira era Löwy. A família era judaica. Os dois irmãos mais novos de Kafka morreram pouco depois de nascer. Ele teve três irmãs mais novas, nascidas em Praga como Franz: Elli (1889-1941), Valli (1890-1942) e Ottla (1892-1943), esta última a confidente e favorita de Kafka. As três foram assassinadas pelos alemães em campos de concentração. Diante da pressão de nacionalistas tchecos em forma de boicotes e violência contra firmas pertencentes a “alemães” — como era chamada a população germanófona na Boêmia, gentios ou judeus —, Herrmann removeu primeiro um “r” e depois um “n” de seu nome e passou a chamar-se Herman. A intenção era tornar seu nome menos agressivamente teutônico.

“Praga não solta”, escreveu Kafka aos dezenove anos a Oskar Pollak, seu melhor amigo na escola secundária pré-universidade. “Essa velha megera tem garras. A gente tem que ceder.” (*L*, 5) Na época em que Kafka nasceu, a “velha megera” era a terceira cidade mais importante do Império Austro-Húngaro, atrás de Viena e Budapeste. Fora a capital do antigo reino da Boêmia, que os Habsburgo passaram a governar em 1547, depois que um membro da dinastia, Fernando I, subjuguou os magnatas boêmios e foi reconhecido pela dieta da Boêmia como o soberano da região por direito hereditário. Era um rico prêmio: Fernando obteve, além da Boêmia propriamente dita, as importantes províncias da Morávia e Silésia. Uma medida desse valor é o fato de que Praga tornou-se a capital dos domínios dos Habsburgo. Mas em 1617 a capital foi transferida para Viena e, na época do nascimento de Kafka, a Boêmia era administrada de Viena como uma possessão dos Habsburgo. Assim permaneceu até o fim da Primeira Guerra Mundial, quando foi declarada a República Tcheca independente, composta da Boêmia e da Morávia. A vizinha Eslováquia uniu-se à república dois dias depois, e o país passou a chamar-se Tchecoslováquia. A Boêmia perdera a Silésia para a Prússia muito tempo

antes, em consequência da Guerra da Sucessão Austríaca (1740-8), e a Silésia tornara-se parte da Alemanha quando os estados germânicos foram unificados em 1871. O Tratado de Versalhes entregou parte da Silésia à Polônia.

O século xvii na Boêmia fora um período de guerras internas e religiosas brutalmente destrutivas. Seguiu-se um drástico declínio econômico, e vastas terras pertencentes à antiga nobreza tcheca foram expropriadas e concedidas a famílias estrangeiras que haviam fornecido mercenários ao imperador. Os protestantes boêmios foram esmagados, e o catolicismo romano tornou-se a religião do Estado. Como parte da repressão, a língua tcheca foi reduzida à categoria de dialeto camponês, e o alemão passou a ser a língua da administração e das classes média e alta. Mas em fins do século xviii, um ressurgente movimento nacionalista tcheco, nutrido por ideais revolucionários franceses, obteve de Viena reformas que incluíam o reconhecimento oficial do tcheco como uma língua paralela no ensino escolar e universitário em Praga. O fervor e a acrimônia do nacionalismo tcheco intensificaram-se no século xix, tendo como eixo e foco a hostilidade a tudo o que fosse alemão.

A Boêmia e a Morávia, além da própria Áustria e de outras terras dos Habsburgo, continham populações judaicas pequenas mas economicamente significativas. A maior concentração de judeus no império, sem comparação, residia na Galícia, que foi província polonesa até que uma partição da Polônia entregou-a à Áustria. Após a derrota das Potências Centrais em 1918, a maior parte da Galícia reverteu à recém-independente República Polonesa. Os judeus da Boêmia foram submetidos a um duro regime: como em outras partes da Europa desde o começo da Idade Média, ficaram geralmente confinados em guetos e sofreram um sem-número de restrições legais e humilhações.

Por exemplo, os judeus radicados na zona rural, embora em geral não vivessem em guetos, não podiam possuir nem arrendar terras. Por anos, a imperatriz Maria Teresa obrigou os judeus a pagar um imposto especial pelo privilégio de serem autorizados a viver na Boêmia. A Revolução Francesa acenou com a perspectiva de uma existência melhor para os judeus da Europa. Em 1789, a Declaração dos Direitos do Homem adotada pela convenção revolucionária prometeu implicitamente a igualdade e a liberdade religiosa a

todos os homens. Essa promessa foi cumprida para os judeus franceses em 1791, quando lhes foi concedida a cidadania plena. A onda de revoluções que convulsionou a Europa continental em 1848 resultou na adoção pela Áustria da Constituição de 25 de abril de 1848, que garantia o livre exercício da religião a todas as minorias em terras dos Habsburgo, inclusive na Boêmia; a Constituição também aboliu tributos especiais e outras restrições aos judeus. Uma contrarrevolução seguiu-se rapidamente: o liberal, mas fraco, imperador Fernando I abdicou e foi sucedido no trono por seu sobrinho muito mais conservador, o imperador Francisco José. Mas para grande júbilo dos judeus, Francisco José promulgou uma nova Constituição em 1849, pela qual os judeus obtiveram importantes direitos novos, entre eles a liberdade para casar-se, escolher o seu local de residência e adquirir bens imóveis. A reação antissemita foi violenta por todo o império, em especial na Boêmia, assumindo a forma de agitação e arruaças contra judeus. Seguiram-se revogações de direitos dos judeus, mas em 1867 outra nova Constituição dos Habsburgo removeu todas as incapacitações legais aplicadas à população judaica. Essa iniciativa de emancipar os judeus não era sinal de filossemismo. Era motivada pelo cálculo do governo de que os talentos empresariais judaicos, se lhes dessem liberdade de ação, poderiam reviver as estagnadas economias da Áustria e da Boêmia. E, de fato, o “Milagre Boêmio”, no qual os judeus tiveram importante papel, materializou a rápida industrialização e o desenvolvimento do comércio. O lado negativo do progresso manifestou-se no *crash* da bolsa de valores de Viena em 1873 e na crise econômica da década de 1880, que combinados ocasionaram um cataclismo em escala equivalente à da Grande Depressão e perdas eleitorais para os liberais em 1879. A culpa por outro subproduto do veloz crescimento industrial, a desestabilização da zona rural boêmia, foi atribuída aos judeus.

No passado, indivíduos judeus nos estados austro-húngaro e alemão que tinham acumulado grandes fortunas e sido úteis a seus soberanos haviam obtido a condição de judeus da Corte (*Hoffjuden*) ou judeus protegidos (*Schutzjuden*); esse status resguardara-os do sistema de gueto. Mas eles eram

exceções. Para os demais judeus, os novos direitos eram um esperado sinal para sair do atoleiro medieval, aproveitar as oportunidades de viver com mais liberdade e adquirir educação e cultura alemãs, que seriam seu passaporte para a condição de classe média. Entretanto, apesar de todo o novo otimismo, os judeus não se equivocaram na interpretação do significado da igualdade jurídica: ela não eliminava as barreiras efetivas erigidas pelo antissemitismo e pelo sentimento de classe. Por via de regra, a oficialidade do exército dos Habsburgo permaneceu vedada a judeus, assim como a docência nas universidades e os empregos no funcionalismo público, com exceção das funções inferiores. Mas até as últimas décadas do século XIX não houve entraves ao ingresso nas profissões liberais na Áustria-Hungria, e judeus tornaram-se advogados e médicos em números gritantemente desproporcionais à sua porcentagem na população total. Um novo paradigma judaico estabeleceu-se na Boêmia: avós ortodoxos nascidos na primeira metade do século haviam ganhado a vida com dificuldade como comerciantes, mascates, artesãos ou albergueiros em vilarejos e cidades pequenas, às vezes, mas nem sempre, em um gueto; graças a um trabalho incansável, seus filhos prosperaram no ramo do comércio e gravitaram para Praga ou cidades maiores, buscando melhores oportunidades e fugindo do ódio que a população rural tcheca lhes devotava. A segunda geração preservou as formas da prática religiosa judaica, mas o judaísmo já não constituía o fato central de sua vida. Os netos, ainda mais distanciados da observância religiosa, ingressavam em uma das profissões liberais ou levavam o negócio da família a um nível mais elevado. É claro que nem todos os filhos aproveitavam a oportunidade de enriquecer. Alguns se tornavam escritores. Um gracejo comum na época era dizer que, se alguém visse um judeu num café praguense, podia apostar que era um escritor.

A evolução da família de Kafka encaixava-se nesse molde. Na época em que Kafka nasceu, seu pai, Herman, estava estabelecido em Praga como dono de uma loja de armarinhos e acessórios de moda. Mas, sendo o quarto filho de

um açougueiro ritual de Wossek, um vilarejo de algumas centenas de habitantes no sul da Boêmia, Herman não tinha a educação e o refinamento que lhe teriam permitido entrar para as camadas superiores da classe média judaica assimilada. Kafka ressentia-se do hábito que Herman tinha de jogar na cara de seus mais afortunados filhos a excruciante penúria e as privações que sofrera como filho de açougueiro:

É desagradável ouvir o pai falar com incessantes insinuações sobre a boa sorte das pessoas de hoje em dia e os sofrimentos que ele teve de suportar na juventude. Ninguém nega que, durante anos, por possuir agasalhos insuficientes no inverno, ele teve feridas nas pernas, que passou fome frequentemente, que com apenas dez anos tinha de atravessar os vilarejos puxando uma carroça, inclusive no inverno e muito cedo pela manhã — mas, e isso é algo que ele não quer entender, esses fatos somados ao fato de que eu não passei por tudo isso de modo nenhum levam à conclusão de que tenho sido mais feliz do que ele, que ele pode orgulhar-se daquelas feridas nas pernas, o que é coisa que ele supõe e afirma desde sempre, que eu não sei avaliar seus sofrimentos passados e que, finalmente, só porque não passei pelos mesmos sofrimentos devo ser eternamente grato a ele. [...] Como eu teria prazer em ouvi-lo falar sobre sua juventude e seus pais, mas escutar tudo isso num tom de vanglória e queixa é um tormento. Vezes sem conta ele junta as mãos: “Quem pode entender isso hoje em dia? O que é que os filhos sabem? Nenhum passou por coisas assim! Imagine se um filho compreende isso hoje!”. (D, 154)

O judeu torna-se homem aos treze anos, após seu *bar mitzvah*. A partir de então, Herman teve de cuidar de si: mandaram-no trabalhar para um comerciante em Pisek, uma cidade próxima. Mas ele recebera instrução suficiente, presumivelmente na escola judaica em Wossek, para ser capaz de ler e escrever em tcheco, que permaneceu como sua primeira língua, e também em alemão, que ele falava com fluência. Também sabia hebraico o suficiente para conseguir localizar-se no livro de orações e para ler a Torá no púlpito quando o convocavam na sinagoga. Aos vinte anos, foi recrutado para o exército. O açougueiro ritual fora um homem de força prodigiosa, que, segundo diziam, conseguia erguer um saco de farinha com os dentes. Herman puxara ao pai. Deu-se muito bem no serviço militar e foi promovido a cabo. Quando voltou à vida civil, tentou a sorte como mascate rural, mas, como tantos judeus, achou o clima político e social de Praga mais tolerante. Ali ele

se fixou e um ano depois, em 1882, casou-se com Julie. Sua loja de armarinhos e acessórios de moda, que por fim evoluiu para estabelecimento atacadista, foi aberta com auxílio financeiro do casal Löwy, os pais de sua esposa.

O passado de Julie fora menos árduo. Seus pais, assimilados e germanófonos, estavam uma geração à frente de Herman Kafka e sua família em matéria de progresso social. Kafka compôs um esboço romantizado de seus ancestrais maternos:

Em hebreu meu nome é Amschel, como o avô materno da minha mãe, de quem ela, que tinha seis anos quando ele morreu, se lembra como um homem muito devoto e erudito de longas barbas brancas. Ela se recorda de que teve de segurar nos dedos dos pés do cadáver e pedir perdão por qualquer ofensa que pudesse ter cometido contra seu avô. Também se lembra dos muitos livros do avô, que forravam as paredes. Ele tomava banho no rio todo dia, inclusive no inverno, quando fazia um buraco no gelo para lavar-se. A mãe de minha mãe morreu de tifo ainda bem moça. Desde essa morte, sua avó tornou-se melancólica, recusava-se a comer e não falava com ninguém; um dia, passado um ano da morte da filha, ela saiu para caminhar e não voltou. Seu corpo foi encontrado no Elba. Ainda mais erudito do que seu avô era o bisavô de minha mãe. Cristãos e judeus honravam-no igualmente. Durante um incêndio, ocorreu um milagre graças à sua devoção: as chamas pularam e pouparam sua casa, enquanto as casas ao redor foram destruídas pelo fogo. Ele teve quatro filhos, um dos quais se converteu ao cristianismo e se tornou médico. Todos, exceto o avô de minha mãe, morreram jovens. Ele teve um filho, que minha mãe conhecia como o doido tio Nathan, e uma filha, a mãe de minha mãe. (*D*, 152-3)

O pai de Julie Kafka, Jakob Löwy, possuía uma loja de tecidos para cortinas em Podiebrad, uma cidadezinha histórica a leste de Praga. Como nenhum de seus filhos se dedicou ao negócio, ele vendeu a loja, mudou-se para Praga e se estabeleceu como cervejeiro, prosperando o suficiente para viver na Casa Smetana, uma das mais belas construções de Praga. Os irmãos de Jakob também eram cervejeiros ou donos de tecelagem. Na época em que Herman desposou Julie, os casamentos entre judeus eram arranjados; mesmo quando não eram, o normal era casar-se apenas com a aprovação dos pais. Herman, pobre e inculto, foi uma escolha singular para noivo de Julie. Talvez o pai e a madrasta dela julgassem-na em perigo de se tornar uma solteirona:

ela já estava com 26 anos. Também é possível que tenham reconhecido as boas qualidades de Herman: seu tino para os negócios, sua ambição e seu desejo de constituir família.

Kafka via uma importante dicotomia entre os lados Kafka e Löwy de sua família. Na *Carta ao pai*, que ele dera à sua mãe para que entregasse ao seu pai — o que ela não fez — ele disse a Herman que

como pai você era forte demais para mim, principalmente porque meus irmãos morreram pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar inteiramente só o primeiro golpe, e para isso eu era fraco demais.

Compare-nos um com o outro: eu, para expressá-lo bem abreviadamente, um Löwy com certo fundo Kafka, mas que não é acionado pela vontade de viver, fazer negócios e conquistar dos Kafka, e sim por um aguilhão dos Löwy, que age mais secreto, mais tímido, numa outra direção, e muitas vezes cessa por completo. Você, ao contrário, um verdadeiro Kafka na força, saúde, apetite, sonoridade de voz, dom de falar, autossatisfação, superioridade diante do mundo, perseverança, presença de espírito, conhecimento dos homens, certa generosidade — naturalmente com todos os defeitos e fraquezas que fazem parte dessas qualidades e para as quais o precipitam seu temperamento e por vezes sua cólera. (S, 117)

Ele via sua querida irmã caçula, Ottilia, como um caso especialmente complicado na família:

existia aqui algo como um Löwy equipado com as melhores armas dos Kafka. [...] a representação mais pura do matrimônio entre você e minha mãe e das energias que nele se juntaram. [...] Do seu lado, a tirania do temperamento, do lado dela a obstinação, a suscetibilidade, o sentimento de justiça, a inquietação dos Löwy, tudo isso sustentado pela consciência da força dos Kafka. (S, 141)

Kafka tinha muitos tios e primos. Mas foram os tios Löwy, três dos irmãos e meio-irmãos de Julie, que tiveram a maior importância na vida e imaginação dele. Alfred (1852-1923), o “tio de Madri”, figura de algum fascínio para o sobrinho, ascendera ao cargo de diretor de uma ferrovia espanhola. Em um momento crucial em 1907, ele usou seus contatos para ajudar Kafka a conseguir seu primeiro emprego. O tio Rudolf (1861-1922), que se suicidou, era alvo das piadas de Herman Kafka: o bobo da família, que se contentava em não subir mais na vida do que ser guarda-livros de uma



cervejaria num subúrbio de Praga e permanecer solteiro morando com um pai que lhe era insuportável. Quando ficou evidente que Kafka não se tornaria um homem de negócios e certamente não se destacaria como advogado, Herman começou a zombar dele por sua semelhança com o tio Rudolf, uma meia-verdade que Kafka, que pouco tempo antes sondara as profundezas da falta de compreensão de sua mãe pelas complicações da personalidade do filho, julgou necessário aceitar:

Quando vejo todo o meu modo de vida seguindo uma direção que é alheia e falsa para todos os meus parentes e conhecidos, emerge a apreensão, e meu pai a expressa, de que me tornarei um segundo tio Rudolf, o bobo da nova geração da família, o bobo um pouco alterado para atender às necessidades de um período diferente; mas doravante poderei sentir como minha mãe (cuja oposição a essa opinião enfraquece continuamente com o passar dos anos) condensa e reforça tudo o que fala em meu favor e contra tio Rudolf e que se interpõe como uma cunha entre as concepções acalentadas a respeito de nós dois. (*D*, 143-4)

Em janeiro de 1922, Kafka sofreu um grave colapso nervoso. Tornara-se impossível para ele dormir, manter-se acordado ou suportar a vida. “Os relógios não estão em uníssono”, ele escreveu. (*D*, 398) Seus pensamentos voltaram-se para o tio Rudolf. A anotação sobre o tio no diário expõe também um desalentador autorretrato do sobrinho naquele momento de extrema angústia e depressão:

Minha semelhança com tio Rudolf, porém, é ainda mais desconcertante: ambos retraídos (eu menos), ambos dependentes dos pais (eu mais), em desavença com o pai, amados pela mãe (ele além disso condenado ao horror de viver com o pai, embora naturalmente seu pai também estivesse condenado a viver com ele), ambos tímidos, excessivamente modestos (ele mais), ambos considerados homens nobres e bons — não há nada dessas qualidades em mim e, pelo que eu saiba, bem pouco nele (reserva, modéstia, timidez são consideradas coisas nobres e boas porque oferecem pouca resistência aos impulsos agressivos das outras pessoas) — ambos hipocondríacos de início, depois doentes de fato, ambos, para zeros à esquerda, mantidos razoavelmente bem pelo mundo (ele, por não ser tão zero à esquerda, mantido muito pior, na medida em que agora é possível fazer uma comparação), ambos funcionários burocráticos (ele melhor), ambos vivendo uma vida extremamente invariável, sem nenhum indício de desenvolvimento, jovens até o fim dos nossos dias (“conservados” é uma expressão melhor), ambos no limiar da insanidade; ele, muito distante dos judeus, com tremenda coragem, com tremenda vitalidade (pela qual se pode medir o grau de perigo da

insanidade), escapou para a igreja, onde, pelo que se pôde saber, suas tendências à loucura foram um tanto refreadas, quando ele próprio durante anos provavelmente não fora capaz de se refrear. Uma diferença em seu favor, ou desfavor, era que, tendo menos talento artístico do que eu, ele poderia portanto ter escolhido um melhor caminho na vida em sua juventude, não era dividido no íntimo, nem mesmo pela ambição. Se ele tinha de contender (interiormente) com mulheres, eu não sei, uma história que li escrita por ele indicaria isso; quando eu era criança, além disso, falavam algo nesse sentido. [...] Não é verdade que ele não era bom, nunca encontrei nele nenhum sinal de avareza, inveja, ódio ou ganância; ele provavelmente era uma pessoa desimportante demais para ser capaz de ajudar outros. Ele era infinitamente mais ingênuo do que eu, sem comparação. Em detalhes isolados ele era minha caricatura, nos essenciais, eu sou a dele. (*D*, 403-4)

Mas o tio predileto era Siegfried (1867-1942), médico rural em Triesch, uma cidadezinha da Morávia. Kafka passou as férias de agosto de 1907 com ele. Em carta a Brod contou que estava andando de motocicleta, bebendo cerveja, pastoreando vacas e cabras, revolvendo feno no campo e se dedicando a várias outras atividades ao ar livre — entre elas “perambulando pelo parque até meia-noite com uma moça irritantemente enrabichada”. (*L*, 25-6)

E foi a Siegfried que, como veremos, a família recorreu na época da doença terminal de Kafka. Como o tio Rudolf, Siegfried suicidou-se, em seu caso para evitar ser deportado para o campo de concentração de Theresienstadt.

O pequeno primeiro apartamento de Herman e Julie, onde Kafka nasceu, ficava em Rathausgasse, na orla de Josefstadt, o antigo bairro judeu que fora reconstruído por ocasião de um programa de renovação urbana. Para acompanhar sua crescente prosperidade, a família mudou-se algumas vezes para apartamentos maiores e mais confortáveis dentro ou perto dos limites da cidade antiga de Praga. A última mudança durante a vida de Kafka foi em 1907, para o elegante prédio residencial conhecido como Oppelt-Haus, na esquina de Alstädter Ring e Niklasstrasse. Além dos Kafka, viviam no apartamento a faz-tudo da família, Marie Werner — sempre tratada por “Fräulein”, ela era uma judia que só falava tcheco —, a cozinheira, dois gatos

e um canário. A loja da família também mudou em 1907, de Zeltnergasse número 12 para um recinto maior no Palácio Kinsky em Altstädter Ring. As irmãs de Kafka dividiam um quarto. Aos 24 anos, pela primeira vez na vida, Kafka teve um quarto só para si. Mas era mais uma passagem do que um quarto, ligando o quarto dos pais à sala de estar e ao banheiro comum.

A coabitação com a família foi, de várias formas, um tormento para Kafka. Ele era melindroso e sensível ao barulho, e no apartamento da família o ataque a seus sentidos era constante. Uma anotação no diário em 1911 registra sua habitual aflição:

Quero escrever, com um tremor constante na testa. Sento-me em meu quarto, justamente o quartel-general do tumulto da casa toda. Ouço fecharem todas as portas, por causa do barulho delas sou poupado apenas dos sons dos passos de quem as atravessa correndo, ouço até o bater da porta do forno na cozinha. Meu pai irrompe pela porta do meu quarto e passa arrastando seu roupão, as cinzas são raspadas do fogão. [...] Valli pergunta, gritando do outro lado da antessala como se estivesse do outro lado de uma rua de Paris, se o chapéu de meu pai já foi escovado, um pedido de silêncio que se diz favorável a mim torna mais alto o grito de uma voz que responde. (*D*, 104)

O barulho — e todos os demais incômodos — poderia ter sido mais fácil de suportar se o pai não fosse sua principal fonte, como durante seu ritual jogo de cartas à noite:

O clamor do jogo de cartas e mais tarde a costumeira conversa — alta, embora não coerente — que meu pai mantém quando está bem. (*D*, 171)

Ou quando ele se derretia pelo primeiro sobrinho de Kafka, o pequeno Felix, um caso em que o ciúme intensificava o tormento:

É depois do almoço. O pequeno Felix acaba de passar pelo meu quarto nos braços da governanta a caminho do quarto de dormir; atrás dele vem meu pai, atrás do meu pai, meu cunhado, atrás do meu cunhado, minha irmã. Ele é posto na cama da minha mãe, e agora meu pai, do meu quarto, fica ouvindo da porta na esperança de que Felix torne a chamá-lo, pois é dele que Felix mais gosta. Pronto, ele acaba de chamar “Dje-Dje”, que quer dizer vovô, e agora meu pai, trêmulo de alegria, abre a porta várias vezes, enfia por ela a cabeça repetidamente, e com isso incita a criança a mais chamados por “Dje-Dje”. (*LF*, 217)

“Como em criança”, Kafka lembrou ao pai,

eu ficava junto de você principalmente durante as refeições, a sua lição principal era em grande parte uma lição sobre o comportamento correto à mesa. [...] Como você por natureza tinha um apetite vigoroso e uma predileção especial por comer tudo rápido, quente e em grandes bocados, o filho tinha de se apressar, reinava à mesa um silêncio sombrio, interrompido por admoestações: “Primeiro coma, depois fale”, ou “Mais depressa, mais depressa”, ou “Veja: já terminei de comer faz muito tempo”. Não era permitido partir os ossos com os dentes, mas você podia. O principal era que se cortasse o pão direito, mas o fato de que você o fizesse com uma faca pingando molho era indiferente. Era preciso prestar atenção para que não caíssem restos de comida no chão, no final a maioria deles ficava embaixo de você. À mesa não era permitido se ocupar de outra coisa a não ser da refeição, mas você polia e cortava as unhas, apontava lápis, limpava os ouvidos com o palito dos dentes. (S, 124)

Não é de admirar que Kafka se tornasse um vegetariano convicto e proselitista — até que a dieta a ele imposta para combater a tuberculose o forçasse a comer carne — ou que ele fosse adepto do “fletcherismo”, uma moda nutricional na Grã-Bretanha inventada e promovida por Horace Fletcher (1849-1919), que recomendava mastigar cada bocado 32 vezes.

Somado à repulsa que Kafka sentia na hora das refeições estava o horror à intimidade de seus pais. Em uma carta escrita em 7 de julho de 1913, poucas semanas depois de ter pedido Felice em casamento pela primeira vez, ele escreveu que “a própria visão dos que me geraram enche-me de consternação”. E prosseguiu contando uma visita à sua família no campo:

Ontem por acaso todos nós — meus pais, minha irmã e eu — fomos obrigados a andar por cerca de uma hora no escuro por um caminho lamacento. [...] Apesar de todos os seus esforços, minha mãe caminhava tão desajeitadamente que ficou com os sapatos, e sem dúvida também as meias e a saia, recobertos de terra. Mas estava totalmente convencida de que poderia ter se sujado muito mais, e ao entrarmos em casa ela me pediu (por brincadeira, é claro) que reconhecesse o fato inspecionando os sapatos dela. [...] Porém, acredite, eu era completamente incapaz de olhar para eles, pois sentia repugnância, e não, como você poderia pensar, pela terra. Àquela altura, contudo [...] eu passara a sentir certa afeição, ou melhor, admiração por meu pai por ele ser capaz de suportar tudo isso — com minha mãe e comigo, minhas irmãs e as famílias delas no campo, e a confusão na casa de veraneio onde se vê lã de algodão em meio aos pratos e uma nojenta variedade de objetos sobre as camas; onde uma de minhas irmãs, a do meio, está deitada na cama com uma leve infecção na

garganta, enquanto o marido, sentado ao lado dela, não para de chamá-la por gracejo e também a sério de “minha preciosa” e “meu tudo”; onde o menino, porque não consegue se segurar quando brincam com ele, faz as necessidades no chão bem no meio da sala, enquanto as duas criadas se acotovelam na execução de várias tarefas, onde minha mãe insiste em servir a todos, onde o pão é besuntado com gordura de ganso, que, com sorte, escorre-nos pelos dedos. [...] Não é por serem parentes que não consigo suportar estar no mesmo aposento que eles, mas meramente por serem pessoas. [...] Não posso viver com pessoas; eu absolutamente odeio todos os meus parentes, não porque sejam maus, não porque eu não os tenha em boa conta [...] mas simplesmente porque são pessoas com quem vivo em estreita proximidade.

### Concluiu dizendo a Felice que ele

seria incomparavelmente mais feliz vivendo num deserto, numa floresta, numa ilha, e não aqui no meu quarto entre o quarto dos meus pais e a sala de estar. [...] Cuida, Felice, para não pensares que a vida é ordinária, se com ordinária quiseses dizer monótona, simples, trivial. A vida é meramente terrível; sinto isso como poucos. Com frequência — e no mais íntimo do meu ser talvez o tempo todo — duvido que eu seja um ser humano. (*LF*, 286-7)

Kafka poderia ter decidido não visitar seus pais no campo. Em Praga, era impossível evitar a intimidade. Durante seu segundo noivado com Felice, ele copiou em seu diário um trecho de uma carta para ela (aparentemente não enviada), respondendo ao comentário não despropositado de Felice de que “não seria o maior dos prazeres sentar-me à mesa em casa com toda a tua família”. Sem esconder seu desprazer, ele a lembrou de que estava ligado pelo sangue a seus pais e irmãs, e prosseguiu:

Por vezes esse laço de sangue também é alvo do meu ódio; a visão da cama de casal em casa, os lençóis usados, as camisolas de dormir cuidadosamente postas à vista podem exasperar-me até a náusea, podem virar-me do avesso; é como se eu não houvesse nascido de uma vez, nascesse continuamente no mundo rançoso saído da vida rançosa naquele quarto rançoso, como se precisasse regularmente buscar a confirmação de mim mesmo ali, e estivesse ligado de maneira indissolúvel a toda aquela abominação, em parte, se não de todo, pelo menos ela ainda me tolhe os pés, que querem correr e ainda estão grudados na polpa informe original. (*D*, 371)

A salva disparada contra Herman na *Carta* destinava-se a ferir. Quando Kafka entregou o texto para que Milena o lesse, avisou: “E procura

compreender ao lê-la todas as argúcias legais, é uma carta de advogado”. (LM, 63) Mas a retratação era, ela própria, outra “argúcia legal”, um misto de falsa modéstia e de artimanha retórica destinado a granjear simpatia por seus exageros com uma aparência de franqueza e autocrítica preventiva. Sem dúvida era verdade que seu pai não tencionava prejudicá-lo, mas as intenções não contam na criação dos filhos, e as declarações espalhadas por toda a *Carta* de que seu pai não era responsável pelos maus sentimentos entre os dois eram insinceras. Na verdade, a mais flagrante das “argúcias legais” foi fingir amar o pai. Manifestamente, ele o odiava. Como fazem os filhos que cumprem o dever sem amor, em julho de 1922, uma época em que ele próprio estava muito doente, Kafka viajou a Praga saindo de Planá, um vilarejo a cerca de cem quilômetros ao sul, onde estava convalescendo sob os cuidados de Otla, para estar à cabeceira de Herman, que se recuperava de uma cirurgia. Depois da visita, Kafka disse a Brod que

[a] afeição dele por mim diminuiu dia a dia (não, no segundo dia estive no auge, mas a partir de então declinou constantemente). E ontem ele não via a hora de me ver fora do quarto, enquanto forçava minha mãe a ficar [...] ele tem uma cicatriz nas costas que no passado quase lhe impossibilitava ficar deitado por tempo prolongado; além disso existe a dificuldade em cada mudança de posição para seu corpo pesado, seu coração irregular, as bandagens volumosas, a tosse, com seu efeito doloroso sobre a incisão, mas acima de tudo sua mente desassossegada, tacanha e ignorante. [...] Ontem ele fez um gesto com a mão para a enfermeira (que achei excelente) quando ela estava saindo, um gesto que na linguagem dele só podia significar “cadela!”. E esse estado dele (que talvez só eu possa apreender em todo o seu horror) prosseguirá [...] por dias. (L, 343)

Brod aparentemente replicou que o pai de Felix Weltsch — Felix era amigo de Kafka e Brod — mencionara que Herman Kafka falara com “orgulho e olhos brilhantes” sobre seu filho Franz. Implacável, Kafka descartou o comentário:

Neste caso, o que há para fazer brilhar os olhos de um pai? Um filho incapaz de se casar, que não pode dar continuidade ao nome da família, aposentado aos 39 anos, ocupado exclusivamente com seu jeito esquisito de escrever, cujo único objetivo é sua própria salvação ou danação; desamoroso; alienado da Fé, e com isso um pai não pode esperar sequer que ele diga as preces pelo descanso de

sua alma; tísico e, como o pai muito apropriadamente julga, tendo adoecido por sua própria culpa [...] (L, 347)

Em 1910 Kafka escreveu versão após versão da declaração a seguir, expandindo-a a cada vez:

Quando reflito, devo dizer que minha educação me foi muito prejudicial em vários aspectos. Essa censura aplica-se a uma multidão de pessoas — ou seja, meus pais, diversos parentes, pessoas que visitavam minha casa, escritores diversos, uma certa cozinheira que me levou à escola durante um ano, uma porção de professores (os quais devo comprimir juntos em minha memória, pois do contrário um cairia fora aqui e ali — mas seja como for, uma vez que os comprimi dessa maneira, a massa toda fragmenta-se pedaço a pedaço de qualquer jeito), um inspetor escolar, circunstantes que passavam lentamente; em suma, esta censura se revira na sociedade como um punhal [...] (D, 15)

Uma avaliação objetiva do desempenho de Kafka na escola elementar e secundária, refletida em suas notas e nas recordações de amigos, condiz mais com o êxito acadêmico do que com indiferença e fracasso. Porém, mesmo sem esses indicadores, a erudição e a cultura geral de Kafka tornam difícil acreditar que ele não se interessasse pelos estudos.

Após o exame final de Kafka na escola secundária, seu pai ostensivamente absteve-se de interferir e deu liberdade ao filho para escolher a profissão. O modo como Kafka interpretou a deferência de seu pai — dezoito anos mais tarde, quando escreveu a *Carta* — foi diferente, e caracteristicamente implacável:

Desde que comecei a pensar, tive uma preocupação tão profunda com a afirmação espiritual da minha existência que tudo o mais me foi indiferente. [...] Foi nesse estado, pois, que recebi a liberdade de escolher uma profissão. Mas será que eu ainda era realmente capaz de usar essa liberdade? Julgava-me ainda em condições de chegar a ter uma verdadeira profissão? Minha autoavaliação era muito mais dependente de você do que de qualquer outra coisa [...] o seu peso me puxava para baixo. [...] Eu pensava: nunca vou passar do primeiro ano primário, mas consegui e até recebi um prêmio; certamente porém não vou ser aprovado na admissão ao ginásio, mas fui bem-sucedido; agora entretanto vou fracassar no primeiro ano ginasial — não, não fracassei, e assim continuei sempre em frente. [...] Para mim as aulas — e não só elas, mas tudo em volta, nessa idade decisiva — interessavam-me mais ou menos como interessam a um funcionário de banco que deu um desfalque, mas que ainda está no emprego e treme de medo de ser descoberto, as pequenas

operações correntes do negócio bancário que ele ainda precisa realizar como funcionário. [...] Assim continuaram as coisas até o exame final do curso secundário, no qual realmente só fui aprovado graças em parte à fraude, [...] Para mim, portanto, não houve propriamente liberdade de escolha da profissão, pois eu sabia que diante do essencial tudo me seria tão indiferente como todas as matérias letivas do secundário; tratava-se pois de encontrar uma profissão que, sem ferir demais a minha vaidade, permitisse, mais que qualquer outra coisa, essa indiferença. O mais natural, portanto, era direito. Pequenas tentativas em sentido contrário, nascidas da vaidade e da esperança insensata, como duas semanas de estudo de química, meio ano de estudos germanísticos, só fortaleciam aquela convicção básica. Estudei, pois, direito. Isso significava que nos poucos meses antes das provas, com régio prejuízo dos nervos, eu alimentava o espírito literalmente de serragem, que além do mais já tinha sido mastigada por mil bocas antes de mim. (S, 151-4)

O fato fundamental é que o plano de carreira de Kafka logo se reduziu a descobrir uma ocupação respeitada e segura que lhe deixasse tempo suficiente para escrever e não fosse tão árdua que lhe drenasse a energia intelectual e psíquica. Sua escolha inicial, letras germânicas, é facilmente compreensível, mas ele não gostou da linha filológica seguida pela universidade em Praga. Além disso, por ser judeu ele não podia esperar que o estudo de literatura lhe rendesse um cargo na universidade com um salário viável. A química era considerada um campo de estudo potencialmente promissor que poderia permitir até a um judeu encontrar um emprego desejável numa empresa privada. Infelizmente, Kafka constatou que não tinha aptidão para as ciências. Essa circunstância também lhe barrou a medicina, a outra solução tradicional para judeus que não se dedicavam aos negócios ou ao direito. Os negócios — o negócio da família — também estavam fora de questão. “Fugi de tudo o que, mesmo à distância, lembrasse você”, escreveu Kafka na *Carta*, comentando o resultado do método de criação adotado por seu pai. (S, 135) Sobrou, então, o direito, o caminho que Kafka escolheu, embora não tivesse a intenção de praticar a advocacia. Era comum bacharéis em direito com objetivos profissionais limitados e desambiciosos aspirarem a cargos públicos, mas para um judeu o ingresso no funcionalismo, com exceção dos níveis inferiores, era praticamente impossível.

O desempenho acadêmico de Kafka durante os cinco anos em que estudou direito não foi destacado. Estudar intensamente para exames foi a causa de um



primeiro colapso, provavelmente mais nervoso do que físico, que o levou a buscar repouso e cura em um sanatório de Zuckmantel, na Silésia austríaca. Depois de mais uma sessão intensa de estudos no ano acadêmico de 1905-6, Kafka passou raspando nos exames de qualificação e em 16 de junho de 1906 recebeu o grau de doutor em direito. Já fizera um estágio não remunerado de dois meses no escritório de um advogado em Praga, e foi então estagiar durante o ano acadêmico de 1906-7 no tribunal de Praga, primeiro na área civil, em seguida na criminal. Esse treinamento era pré-requisito apenas para o ingresso no funcionalismo público da Áustria, e portanto desnecessário no caso de Kafka. No entanto, revelou-se uma dádiva, pois deu-lhe acesso a material que ele aproveitou quando escreveu sobre o tribunal em *O processo*. Ele adquiriria mais material valioso — a experiência pessoal no funcionamento da burocracia estatal — trabalhando para a empresa que o empregaria por toda a vida, uma seguradora semiestatal, de meados de 1908 até meados de 1922, e o usaria em *O castelo* e *O processo*.

O desejo de Kafka de trabalhar no sistema de “turno único”, adotado na burocracia estatal e em apenas algumas empresas privadas, complicou a busca de um cargo adequado no setor privado. Esse sistema, no qual se trabalhava das oito ou nove da manhã até duas ou três da tarde, encerrando-se então o expediente, era, na opinião de Kafka, essencial para que ele pudesse escrever durante parte da tarde e não estar fatigado demais para escrever à noite. Seu histórico escolar sofrível como candidato ao grau de doutor revelou-se um empecilho. Por fim, seu tio Alfred, o “tio de Madri”, conseguiu para Kafka, por intercessão de um conhecido em Praga, um cargo temporário no escritório em Praga de uma seguradora de Trieste, a Assicurazioni Generali. Kafka aceitou com gratidão, pensando que após o período de treinamento ele poderia ser mandado para um dos outros escritórios estrangeiros da companhia. Com isso, veria concretizado seu velho sonho de que o tio de Madri o ajudaria a libertar-se da família e de Praga e a escapar da vida de mediocridade que se estendia à frente. Ele confidenciou a Hedwig Weiler, a “moça irritantemente enrabichada” que conheceu em Triesch:

Estou na Assicurazioni Generali e tenho alguma esperança de algum dia sentar-me em cadeiras em países distantes, contemplando canaviais ou cemitérios maometanos pelas janelas do escritório [...] (L, 35)

Mas a Assicurazioni, além de adotar o turno duplo, com expediente das oito da manhã até as seis da tarde e duas horas de almoço, também tinha outras condições de trabalho singularmente árduas. As horas extras eram obrigatórias e exigidas com frequência, os supervisores tinham o hábito de maltratar os subalternos, o salário era baixo, e Kafka só teria direito a duas semanas de férias depois de completar dois anos no emprego. Ele não via possibilidade de encontrar tempo para escrever nessas circunstâncias; de fato, parece não ter escrito coisa alguma enquanto trabalhou para a Assicurazioni. Entretanto, sua experiência nessa empresa pode ter contribuído para sua descrição da sede da firma de tio Jakob em *Amerika*, com seu barulho enlouquecedor e telefonistas robóticos. O outro presente da Assicurazioni aos leitores de Kafka é o relatório médico de 1907 sobre sua condição física, que foi preservado nos arquivos da companhia. Kafka pesava 61 quilos e tinha 1,82 metro de altura. A altura média dos tchecos estava entre 1,65 e 1,68 metro, e a dos judeus tchecos entre 1,52 e 1,55 metro.<sup>3</sup> O médico achou-o relativamente fraco e delicado, mas com boa saúde geral. A opinião do próprio Kafka era menos favorável. Uma anotação no diário em 1911 dá o tom das queixas incessantes que prosseguiram até meados de 1917, quando a tuberculose tornou supérflua a hipocondria:

É certo que um grande obstáculo ao meu progresso é minha condição física. Nada se pode realizar com um corpo destes. Terei de me acostumar a seus perpétuos emperramentos. Em consequência de passar essas últimas noites em sonhos desvairados mas com pouquíssimos e breves momentos de sono, hoje de manhã eu estava totalmente incoerente, sentia apenas a testa, via uma condição sofrivelmente suportável só muito longe desta em que me encontro no presente, e de todo pronto para morrer eu me contentaria apenas com me encolher no chão de cimento do corredor com os documentos na mão. Meu corpo é comprido demais para sua fraqueza, não tem um mínimo de gordura que gere um abençoado calor, que preserve um fogo interior, nenhuma gordura da qual o espírito de vez em quando possa nutrir-se além da sua necessidade diária sem danificar o todo. Como é que o coração fraco que ultimamente me tem perturbado com tanta frequência conseguirá

bombear o sangue por todo o comprimento destas pernas? Até os joelhos já seria um trabalho suficientemente duro, e dali para baixo só pode verter com uma força senil para as frias partes inferiores do meu corpo. (D, 124-5)

Na realidade, depois de se recobrar das humilhantes idas à escola de natação com seu pai, nas quais seu corpo de menino esquelético contrastava com os músculos e a corpulência de Herman, ele se tornara um nadador forte e entusiasta. Em agosto de 1911, Kafka escreveu no diário:

Esse tempo passado em que não escrevi nem uma palavra foi para mim muito importante, pois deixei de sentir vergonha do meu corpo nas escolas de natação em Praga, Königssaal e Czernoshitz. (D, 50)

Ele também se transformara em um remador que gostava de percorrer o Moldau num esquife, além de um andarilho inveterado. Quando tinha oportunidade, cavalgava, andava de motocicleta ou jogava tênis.

No ano em que trabalhou para a Assicurazioni, Kafka participou avidamente da vida noturna de Praga. Possivelmente percebeu que seria incapaz de escrever à noite, por isso podia muito bem dar outro uso ao seu tempo. Além de filmes e operetas, Praga à noite oferecia muitas diversões que dificilmente sobrecarregariam a mente de um funcionário burocrático depois de trabalhar por dez ou mais horas. Nada menos do que 35 bordéis funcionavam na cidade em 1905. Em 1916 esse número reduziu-se para 23, com um total aproximado de cem ocupantes. Também havia cerca de quinhentas prostitutas atuando nas ruas, e nada menos que outros 6 mil trabalhadores clandestinos do sexo. Kafka frequentava os melhores bordéis. Também apreciava os cabarés e os cafés noturnos onde as garçonetes serviam vinho até a hora de fechar o estabelecimento e outros serviços mais pessoais em seguida. A garçonne favorita de Kafka era uma certa Hansi; uma fotografia tirada com ela foi preservada. Kafka sem dúvida pensava nela e em suas colegas quando criou personagens como Brunelda, a obesa predadora de homens de *Amerika*, a garçonne de cabaré que Josef K. visita uma vez por semana, a sexualmente agressiva Leni e a lavadeira de *O processo*, e Frieda e

Pepi de *O castelo*.

A insatisfação de Kafka na Assicurazioni Generali era tanta que em questão de meses ele começou a procurar outro emprego. Novamente encontrou alguém disposto a usar sua influência para ajudá-lo. O pai de um amigo do ginásio e da universidade, Ewald Príbram (que se suicidou em 1940 para não ser preso pelos nazistas), o dr. Otto Príbram, era presidente da Arbeiter-Unfall-Versicherungs Anstalt (o Instituto de Seguro contra Acidentes do Trabalho, uma semiestatal que segurava os operários contra acidentes de trabalho e inspecionava as condições de segurança das fábricas). A posição do dr. Príbram era uma anomalia. Em princípio, o Instituto era vedado a judeus, e ele era um judeu que aparentemente não se convertera. Persuadido pelo filho, providenciou para que Kafka fosse contratado em 30 de julho de 1908 por um período de experiência na divisão de segurança industrial, fazendo dele o segundo funcionário judeu do Instituto.

O outro era o dr. Siegmund Fleischmann, também não convertido. Durante a vida de Kafka, nenhum outro judeu foi contratado. Sua suscetibilidade ao ambiente antissemita é ilustrada pela réplica que deu, depois de nove anos no emprego, ao pedido de seu amigo Oskar Baum para que o ajudasse no caso de um veterano judeu que perdera a visão por ferimentos de guerra. O próprio Baum ficara cego na infância, quando ele e seus amigos foram atacados em uma briga com escolares gentios. Kafka estava então em uma de suas muitas licenças médicas, e escreveu a Baum dizendo que não poderia levar o assunto a seu diretor, dr. Robert Marschner, com quem seus contatos, em razão da doença de Kafka, agora se reduziam ao superior agindo “apenas como uma benigna Providência, sempre clemente e paciente e pagando a conta”. Mas ele poderia encaminhar Baum ao chefe da divisão apropriada, o dr. Fleischmann, “o primeiro, sendo eu o segundo e último decrépito judeu da organização”, que mostraria boa vontade para com o veterano. (*L*, 161) Algumas semanas depois, Brod pediu a Kafka que ajudasse Georg Langer, um judeu ortodoxo conhecido de ambos — e que em breve lhes daria aulas de hebraico — a conseguir um emprego no Instituto. Kafka recusou com insensibilidade atípica:

Não posso ajudar Langer desse modo. O Instituto é vedado aos judeus. Não me agradaria impingir tamanho incômodo ao diretor — pois é isso o que seria o pedido de um candidato a emprego para ser dispensado de trabalhar aos sábados. Nada explica o fato de dois judeus, com a ajuda de um terceiro [o dr. Příbram], terem sido admitidos, e tal coisa não há de acontecer de novo. Contudo, talvez haja algum lugar para Langer na nossa loja, se isso puder ser justificado ao meu pai [...] mas Langer é forte; por que não pede emprego a algum fazendeiro judeu? (*L*, 165)

As condições de trabalho no Instituto eram consideravelmente melhores do que as que Kafka encontrara na Assicurazioni, e o tão desejado sistema de turno único do Instituto foi de uma importância crucial, permitindo a Kafka afirmar que adotara a rotina descrita a Felice numa de suas primeiras cartas a ela:

Das oito às duas ou 2:30 no escritório, em seguida almoço até três ou 3:30, depois dormir na cama (em geral apenas tentativas...) até 7:30, depois dez minutos de exercícios, despido diante da janela aberta, depois uma hora de caminhada — sozinho, com Max, ou com outro amigo, depois jantar com a família (tenho três irmãs, uma casada, uma noiva; a solteira, sem prejuízo de minha afeição pelas outras, é de longe a minha predileta), depois às 10:30 (mas com frequência não antes das 11:00) eu me sento para escrever, e continuo, dependendo das minhas forças, inclinação e sorte, até uma, duas ou três da madrugada, ou mesmo até seis da manhã. Em seguida, de novo exercícios como dito acima, mas naturalmente evitando ações vigorosas, um banho, e então, em geral com uma leve dor no coração e contrações musculares no estômago, cama. E então, todos os esforços imagináveis para adormecer [...] Assim, a noite consiste de duas partes: uma em vigília, a outra insone [...] Por isso não é de admirar que no escritório, na manhã seguinte, eu mal consiga começar a trabalhar com o pouco de forças que me resta. (*LF*, 22)

Qualquer escritor de ficção habituado a ter de conciliar seu trabalho literário com as exigências de seu emprego diurno provavelmente ficará espantado com o pouco tempo reservado para escrever nesse dia tão bem planejado e consternadoramente pequeno-burguês. Mesmo aquelas poucas horas eram regularmente reduzidas pelo tempo dedicado à correspondência com Felice e, em menor grau, ao diário e às cartas aos amigos. As cartas de Kafka costumavam ser longas, mesmo quando o assunto era banal, e as perguntas que ele fazia poderiam ser feitas num rápido telefonema — se o telefone fosse de uso comum na época e se Kafka não tivesse aversão a

conversas telefônicas. Quando Felice lhe escreveu um ano depois sugerindo que seria possível uma organização mais racional de seu dia, ele se irritou. Ninguém, nem mesmo a mulher que ele dizia amar, podia mexer nos ritos segundo os quais ele organizara sua vida:

O modo presente é o único possível; se não o posso suportar, pior para mim; mas darei um jeito de suportá-lo. Uma ou duas horas para escrever não bastam (sem mencionar o fato de não se haver destinado nenhum tempo para escrever para si); dez horas seria perfeito, mas como não se pode atingir a perfeição deve-se ao menos chegar tão próximo dela quanto for possível e não pensar jamais em se poupar. (LF, 180)

Catorze meses depois ele foi efetivado no Instituto, e em abril de 1910 foi promovido ao cargo de *Konzipist*, ou “escrevente-chefe”. Seguiram-se outras promoções: ele se tornou vice-secretário do Instituto em 1913, secretário em 1920 e, em 1922, pouco antes de se aposentar por motivos médicos, secretário sênior. Esses eram cargos de responsabilidade que impunham respeito, numa instituição que tinha ela própria um considerável renome. Não obstante as constantes queixas de Kafka sobre seu trabalho no Instituto, ele era um funcionário valorizado. Seus talentos eram reconhecidos, e ele podia aplicá-los a tarefas que variavam de redigir os relatórios anuais e artigos técnicos do Instituto a técnicas de prevenção de acidentes. Uma realização notável, fruto de sua compreensão dos métodos de produção, foram suas sugestões para melhorar o esquema de segurança de máquinas de aplainação usadas na indústria madeireira. As sugestões foram postas em prática e resultaram na prevenção de incontáveis lesões. Kafka era estimado e apreciado pelos colegas e foi tratado com notável compreensão por seus superiores durante os cinco anos de doença que só lhe permitiram comparecer ao trabalho esporadicamente. As promoções que ele recebeu durante um período em que passou mais tempo de licença médica do que trabalhando são particularmente admiráveis. Seu relacionamento com Eugen Pföhl, seu superior imediato até 1917, a quem ele sempre se referia em suas cartas como o Chefe, era especialmente próximo: ele se tornara o braço direito de Pföhl. Max Brod afirmou que Kafka não teve um único inimigo no Instituto e foi o “queridinho

do escritório”. (B, 82) Analogamente, Gustav Janouch (1903-68), filho de um dos colegas de Kafka no Instituto, recordou em suas memórias um comentário de seu pai: “Kafka personifica a paciência e a gentileza. Não me lembro de nenhuma ocasião em que tenha ocorrido algum problema na instituição por causa dele”. (J, 63)

Tudo correria conforme o plano que Kafka, embora sem entusiasmo, concebera: tinha um emprego seguro em uma instituição que adotava o turno único e tarefas que, por mais trabalhosas que fossem, ele aparentemente podia tirar da cabeça no fim do expediente — mas o plano não funcionou. Em fevereiro de 1911 ele tentou esclarecer seu dilema a Pfohl, no rascunho de uma carta que pode não ter terminado ou enviado:

Quando quis me levantar da cama esta manhã, desabei. A causa é simples, estou esgotado de tanto trabalhar. Não no escritório, mas em meu outro trabalho. O escritório está inocentemente envolvido apenas porque, se eu não precisasse ir para lá, poderia viver com calma para meu próprio trabalho e não desperdiçaria essas seis horas diárias que têm me atormentado a um ponto que você não pode imaginar, ainda mais na sexta e no sábado, porque eu estava absorto nas minhas próprias coisas [...] Para mim é uma horrível vida dupla da qual provavelmente não há escapatória a não ser na insanidade. Escrevo isso à boa luz da manhã e com certeza não escreveria se não fosse a pura verdade e se eu não te amasse como a um filho. (D, 37-8)

A menção às “minhas coisas” era apenas uma insinuação da plenitude de poderes que ele sentia. Naquele mesmo ano, após uma noite de insônia que ele enfrentara deitado de costas de braços cruzados para ficar “o mais pesado possível, o que considero bom para adormecer”, ele escreveu:

De noite e de manhã minha consciência das habilidades criativas em mim é maior do que consigo abarcar. Sinto-me sacudido no mais íntimo do meu ser e consigo tirar de mim o que bem desejar. (D, 62)

O trabalho para o Instituto, Kafka estava convencido, interferia nesse importantíssimo processo de extrair de si aquele material e explorar todo o seu potencial de escritor. Uma anotação no diário feita pouco depois registrou

sua frustração:

A amargura que senti ontem à noite quando Max leu em voz alta minha historieta do automóvel na casa de Baum [Descrição de um acidente de trânsito em Paris, *D*, 462-5] [...] As sentenças desordenadas dessa história com buracos onde posso enfiar as duas mãos: uma sentença soa aguda, uma sentença soa grave [...] uma sentença esbarra em outra como a língua num dente oco ou postiço, uma sentença vem marchando com um começo tão tosco que a história toda cai num pasmo aborrecido. Explico isso a mim mesmo dizendo que tenho tempo e tranquilidade insuficientes para extrair de mim todas as possibilidades do meu talento. Por essa razão, são apenas começos desconexos que sempre aparecem [...] Se eu alguma vez fosse capaz de escrever algo grande e inteiro, bem formado de ponta a ponta, no fim a história nunca poderia desvincular-se de mim, e me seria possível ouvir sua leitura, calmamente e de olhos abertos, como um parente consanguíneo de uma história sadia, mas do modo como são as coisas cada pedacinho da história corre a esmo sem destino e me afasta dela na direção oposta. (*D*, 104-5)

Ao mesmo tempo, Kafka percebia o perigo e o efeito mutilador que a dedicação exclusiva à sua arte teria sobre ele. Depois de uma festa de Ano-Novo em 1912 que levou a um estranhamento entre ele e Brod, Kafka escreveu:

É fácil reconhecer uma concentração em mim de todas as minhas forças para escrever. Quando se tornou claro em meu organismo que escrever era a direção mais produtiva a ser seguida pelo meu ser, tudo afluiu para essa direção, deixando vazias todas as habilidades que eram dirigidas aos deleites do sexo, comida, bebida, reflexão filosófica e acima de tudo música. Isso foi necessário porque a totalidade das minhas forças era tão pouca que só coletivamente elas poderiam servir, ainda que pela metade, ao propósito de escrever. (*D*, 163)

A consciência de que escrever expunha-o a esse perigoso dilema nunca abandonou Kafka, nem mesmo quando ele estava mais seguro de seu grande talento, como depois dos três extraordinariamente produtivos meses em que escreveu “O veredicto”, “O fogueiro” e *A metamorfose* e trabalhou na segunda versão de *Amerika*, da qual “O fogueiro” era o primeiro capítulo:

O mundo prodigioso que tenho na cabeça, mas como libertar-me e libertá-lo sem ser feito em pedaços. E antes ser feito em pedaços mil vezes do que retê-lo em mim ou enterrá-lo. Essa é realmente a razão de eu estar aqui, isso está bem claro para mim. (*D*, 222)



Como ele explicou e reexplicou a Felice, a necessidade de escrever sobrepujava todas as outras considerações e desejos.

Quando Kafka estava trabalhando produtivamente em sua ficção, conseguia lidar facilmente com as exigências de seu trabalho no Instituto. Assim, em novembro de 1912, ele se queixou a Felice de ser obrigado a viajar a serviço e interromper o trabalho em *A metamorfose*, mas o tom era quase despreocupado:

Bem, hoje, minha querida, terei de pôr de lado minha história; meu trabalho com ela hoje nem chega perto do de ontem, e por causa dessa enlouquecedora viagem a Kratzau terei de deixá-la esperando por um ou dois dias. Isso me consterna, mas espero que a história não sofra demais, embora eu vá precisar de mais três a quatro noites para concluí-la. Com “não sofra demais” quero dizer que minha história, ai de mim!, já é prejudicada o suficiente pelo meu método de trabalho. Esse tipo de história deveria ser escrito com não mais de uma interrupção, em duas sessões de dez horas; assim ela teria seu fluxo espontâneo natural, como estava na minha cabeça sábado passado. Mas não tenho duas vezes dez horas à minha disposição. Por isso, é preciso fazer o melhor que se pode, já que o verdadeiro melhor é negado. (LF, 64)

O barulho e o vaivém no apartamento da família eram mais um grande obstáculo à criação. Kafka começara a pensar que o casamento com Felice poderia ser outro. Ele escreveu no diário em julho de 1913: “Tenho de estar sozinho por muito tempo” e “o que realizei foi apenas o resultado de ficar sozinho”. (D, 225) Na página seguinte ele foi direto ao ponto: “Sozinho, quem sabe algum dia eu possa realmente abrir mão de meu emprego. Casado, isso nunca será possível”. (D, 226) Essa foi, com toda probabilidade, uma avaliação realista, mas Felice tinha esperança de que ele cumpriria seu destino como homem através do casamento e talvez da paternidade, duas coisas que ele estava convencido de que desejava, mas também temia: “A ligação com F. dará à minha existência mais força para resistir”. (D, 225)

Porém o imperativo absoluto era escrever. Em agosto de 1913, ele explicou a Felice: “Não tenho interesses literários, mas sou feito de literatura, não sou nada além disso e não posso ser nada além disso”. (LF, 304) Percebemos quão mal Felice compreendia esse imperativo e as condições

inegociáveis que o cercavam em uma tola mas bem-intencionada oferta: ela se sentaria quieta ao lado dele enquanto ele escrevesse. A resposta de Kafka foi um raio do Olimpo:

Nesse caso eu não poderia escrever absolutamente nada. Pois escrever significa revelar a si mesmo em excesso: a suprema autorrevelação e entrega, na qual um ser humano, quando envolvido com outros, sentiria que está se perdendo, e da qual portanto ele sempre se esquivará enquanto estiver são de espírito [...] até mesmo esse grau de autorrevelação e entrega não basta para escrever. É por isso que nunca pode haver solidão que baste quando se escreve, que nunca pode haver silêncio que baste quando se escreve, que nem mesmo a noite é noite o bastante. É por isso que nunca se tem tempo suficiente à disposição, pois os caminhos são longos e é fácil perder-se [...] Com frequência penso que o melhor modo de vida para mim seria sentar-me no cômodo mais profundo de um espaçoso porão trancado com minhas coisas de escrever e uma lâmpada. [...] E como eu escreveria! As profundezas que eu sondaria! Sem esforço! Pois a concentração extrema desconhece o esforço. (*LF*, 155-6)

Ele sabia, evidentemente, que qualquer pessoa, analisando de fora, poderia ver a solução óbvia: ele devia pedir demissão do Instituto, mudar-se do apartamento dos pais e correr o risco de tentar sustentar-se escrevendo. Mas tal solução, mesmo se de outro modo fosse aceitável, e não era, não condizia com o rumo que ele estava tomando, o de casar-se com Felice. Kafka burilara uma réplica a qualquer sugestão nessas linhas, e em uma carta ao pai de Felice que escreveu em agosto de 1913, pouco depois de ter pedido Felice em casamento, recorreu a essa resposta preventivamente:

Meu emprego é insuportável para mim porque vai contra meu único desejo e minha única vocação, a literatura. Como nada sou além de literatura e não posso e não quero ser outra coisa além disso, meu emprego nunca se apossará de mim, porém pode despedaçar-me completamente, e essa não é de modo algum uma possibilidade remota. Crises nervosas do pior tipo controlam-me sem cessar, e este ano de preocupação e tormento com o futuro meu e de sua filha revelaram-me a minha total incapacidade de resistir. O senhor poderia perguntar por que não desisto do emprego e — não tenho dinheiro — não tento sustentar-me com o trabalho literário. A isso só posso dar a razoável resposta de que não tenho forças para tal, e que, pelo que posso ver, serei em vez disso destruído por este emprego, e destruído rapidamente. (*D*, 230)

Não se sabe se Kafka chegou a mandar essa carta a Herr Bauer.

Obviamente, a situação de Kafka não era incomum. Para citar apenas dois exemplos em seu próprio círculo de amigos íntimos, Brod, que nunca duvidara de que sua verdadeira vocação fosse escrever e já era um autor publicado, trabalhava no serviço postal; Felix Weltsch (1884-1964), que era redator do semanário judaico praguense *Selbstwehr* e viria a ser um renomado filósofo, trabalhava na biblioteca da universidade. Mas Kafka diferia de seus amigos prolíficos e funcionais. A inspiração — a voz que ele precisava ouvir para poder escrever — não lhe vinha de modo confiável; ele era frágil e, como Brod e talvez outros acabaram por perceber, era um gênio. Um gênio, além disso, que estipulara para si mesmo a regra de que “o ganha-pão e a arte de escrever têm de ser mantidos absolutamente separados”. (B, 79) Se fosse para haver uma solução, teria de ser uma que reconhecesse as necessidades, limitações e restrições especiais de Kafka. Escrevendo a Felice Bauer, pouco depois que a mãe de Kafka tomara conhecimento da correspondência entre Felice e Franz, Brod disse a ela:

Se os pais dele o amam tanto, por que não lhe dão 30 mil florins, como fariam para uma filha, para que ele possa deixar o escritório, partir para algum lugarzinho barato na Riviera e criar as obras que Deus, usando o cérebro de Franz, deseja que o mundo tenha? — Enquanto Franz não tiver condições de fazer isso, nunca será inteiramente feliz. Toda a sua índole clama por uma existência tranquila, livre de preocupações, dedicada a escrever. (LF, 57)

Como Brod bem sabia, porém, mesmo supondo que na época Herman tivesse condições financeiras para dar um dote ao filho, era inconcebível que alguém pudesse persuadi-lo a fazer tal coisa. Herman teria de ter sido um tipo de homem radicalmente diferente, que desse grande valor à literatura e acreditasse na capacidade do filho. Em vez disso, ele era um déspota anti-intelectual que punha “uma fé especial na criação de filhos por meio da ironia” e não via nenhuma serventia para os escritos de Franz. (S, 128) Kafka era muito mais realista do que Brod quanto à sua capacidade para permitir-se ser sustentado pelos pais, que dirá para forçá-los a isso. E no outono de 1911 ele se consolou, “embora na verdade seja o oposto de um consolo”, anotando um comentário autobiográfico de George Bernard Shaw. Este, que se demitira

de um emprego miseravelmente mal remunerado como aprendiz em um escritório de Dublin e partira para Londres desconsiderando a situação desfavorecida de sua família, não se atirou à luta pela sobrevivência. Encontrou outro caminho: “Eu trouxe minha mãe e deixei que ela me sustentasse. Eu não era um arrimo para meu velho pai; ao contrário, vivia nas costas dele”. O que Shaw fizera, Kafka reconhecia, estava além de suas forças: ele se declarou “covarde e miserável o suficiente para imitar Shaw apenas a ponto de ler a passagem para meus pais”. (D, 90-1) Eles, evidentemente, não se impressionaram.

O outro lado do dilema, ao qual se deve voltar vezes e mais vezes, era a relutância ou incapacidade de Kafka para correr riscos. É bem comum que filhos incompreendidos de pais filisteus deixem a casa paterna, especialmente depois de, como Kafka, obterem um emprego que lhes permita um grau razoável de independência financeira. Escritores pobres demitiram-se de empregos seguros para atender ao chamado da Musa, enfrentando com bravura a penúria e coisas piores. Kafka não era desse feitio. Ele não abriu mão do Instituto de Seguro antes de seu médico declará-lo incapaz para o trabalho. Quando deixou Praga em setembro de 1923 e foi para Berlim, era um homem desesperadamente doente, e mesmo então manteve a ficção de que era apenas uma mudança temporária e de que logo retornaria. Brod recorda-se de Herman Kafka como um homem respeitável e prático. Talvez o fosse, mas o filho de Herman via o pai como seu torturador, sempre um gigante que uma ocasião, quando Kafka era pequenino e choramingou por água à noite, “provavelmente em parte para aborrecer, em parte para me distrair”, como ele disse, tirou o menino da cama, levou-o para a *pawlatsche* (uma espécie de sacada que circunda o pátio interno nos prédios antigos de Praga), fechou a porta e o deixou lá fora, de camisola. Foi um recurso que o tornou muito obediente dali por diante, Kafka escreveu, “mas fiquei internamente lesado”. (S, 119)

Seja como for, o desejo de Brod de que Herman desse a Kafka dinheiro suficiente para permitir-lhe trabalhar exclusivamente em sua ficção era equivocado. Se Kafka nem mesmo fazia uma tentativa de escapar da dupla

prisão do Instituto e de seu quarto no apartamento da família, talvez fosse porque esse representasse nada menos do que o modo de vida que, paradoxalmente, mais lhe convinha.

Raros são os escritores de ficção que se sentam à mesa e realmente escrevem por mais do que algumas horas ao dia. Se Kafka tivesse sido capaz de usar seu tempo com eficiência, o horário de trabalho no Instituto lhe teria deixado tempo suficiente para escrever. Como ele próprio reconheceu, a verdade é que desperdiçava tempo. A total liberdade — o fim das restrições impostas pelo Instituto e da infinidade de incômodos que ele sofria em casa — e a possibilidade de fixar a página em branco o dia inteiro talvez lhe tivessem sido insuportáveis. O maior pesadelo de todo escritor, e especialmente apavorante para quem, como Kafka, acreditava que seu talento consistia em retratar sua “onírica vida interior”, é não conseguir começar ou concluir uma obra. (D, 302) Poder culpar o Instituto e as condições no apartamento dos pais pelos longos períodos de latência em que ele não conseguia escrever dava cobertura a Kafka, permitindo-lhe preservar parte da autoestima. A necessidade de preservá-la era real: em comparação com seus amigos, ele era um molenga. Max Brod, por exemplo, publicava contos, poemas e ensaios desde os vinte anos. Seu primeiro romance e quarto livro, *Schloss Nornepygge*, saudado pela crítica alemã como uma obra-prima do expressionismo, foi publicado em 1908, quando ele tinha 24 anos — o mesmo ano em que, por intercessão de Brod e com seu incentivo, Kafka publicou no periódico bimestral *Hyperion* sua primeira coletânea, um delgado volume com oito breves textos em prosa. Embora outro amigo chegado, Oskar Baum (1883-1941), fosse cego, um livro de contos dele também foi publicado naquele ano; seu romance de grande sucesso, *Das Leben in Dunkel* [A vida na escuridão], foi lançado um ano depois. Franz Werfel (1890-1945) era sete anos mais novo do que Kafka, mas também ele foi precoce. Aos 22 anos, publicou uma coletânea de poemas recebida com aplausos pela crítica.

Sentindo que estava grudado no apartamento da família e no emprego do Instituto como uma mosca no mosqueiro e sabendo-se desprovido da

fulgurante facilidade de Werfel, Kafka não conseguia deixar de ser ambivalente a respeito dele. Em 1911, escreveu no diário:

Odeio Werfel, não porque o inveje, embora também o inveje. Ele é sadio, jovem e rico, tudo o que não sou. Além do mais, dotado para a música, fez um trabalho muito bom com facilidade e bem cedo, e tem a mais feliz das vidas atrás e adiante de si; eu trabalho com pesos de que não posso me livrar e sou totalmente fechado para a música. (*D*, 141)

Ele expressou sentimentos semelhantes nesse mesmo ano em relação a Oskar Baum, cuja peça *Konkurrenz* [Concorrência] fora lida em público em Praga no fim de outubro daquele ano e seria publicada pouco depois. Após a apresentação, Kafka escreveu no diário que a peça era excelente mas o deprimira. (*D*, 97) Alguns dias mais tarde ele voltou ao assunto da peça:

Inveja do evidente sucesso de Baum, a quem tanto estimo. Com isso, a sensação de ter no meio do corpo uma bola de lã enovelando-se rapidamente, com inúmeros fios puxando para si da superfície do meu corpo. (*D*, 103)

Felizmente, sua boa índole e a crescente confiança em suas próprias capacidades não permitiram que a inveja e o ressentimento predominassem. Assim, um ano depois, ele se achou capaz de dizer a Felice, com apenas uma leve insinuação de ressentimento:

Werfel é realmente milagroso; quando li seu livro [...] pela primeira vez (ouvira-o antes recitar poesia), achei que enlouqueceria de entusiasmo. [...] E ainda por cima ele já tem sua recompensa: mora em Leipzig em condições muito aprazíveis, é editor da Rowohlt [...] e aos 24 anos tem inteira liberdade para viver e escrever. (*LF*, 102)

Mas isso não era tudo: Kafka também tinha diante dos olhos a capacidade de seus amigos para enfrentar e superar grandes adversidades. Brod em criança sofrera de escoliose, que fora tratada na adolescência com um rígido colete corretivo usado constantemente. Durante anos ele sofrera com dores ininterruptas. Apesar disso, tornou-se um homem autossuficiente e vigoroso que, além de casado, teria em breve uma turbulenta vida emocional fora do

casamento. A comparação com o cego Oskar Baum, que se sustentava como organista e além disso se tornara um escritor de sucesso, e que também se casara e vivia uma vida aparentemente normal, deve ter sido ainda mais humilhante. Persistia em Kafka o sentimento de inadequação. Em abril de 1921, em uma carta a Brod escrita no sanatório de Matliary, Kafka permitiu-se extravasar a amargura enquanto expressava admiração pelo modo como seus amigos administravam suas carreiras: “Eu? Quando considero as notícias sobre você, Felix [Weltsch] e Oskar e me comparo com os três, parece-me que estou vagueando como uma criança nas florestas da maturidade”. (L, 270)

Mesmo quando seu trabalho corria bem, Kafka sentia a necessidade de dar desculpas, algumas delas eternas favoritas, para justificar não ter feito melhor ou mais. Por exemplo, no último dia de 1914, aos 31 anos, ele fez o seguinte apanhado de sua produção:

Tenho trabalhado desde agosto, de modo geral não pouco nem mal, porém nem no primeiro nem no segundo caso no limite da minha capacidade, como deveria ter feito, especialmente diante de todos os indícios (insônia, dores de cabeça, coração fraco) de que minha capacidade não durará muito mais tempo. Trabalhei, mas não terminei: *O processo*, “Memórias da Estrada de Ferro de Kalda”, “O mestre-escola da aldeia”, “O advogado assistente” e começos de várias outras coisinhas. Terminados apenas: *Na colônia penal* e um capítulo de *Der Verschollene [Amerika]*, ambos durante as duas semanas de férias. Não sei por que estou fazendo este sumário. Não é absolutamente do meu feitio. (D, 324)

Na verdade, ter feito tanto era uma realização notável, mesmo que ambos os romances viessem a ser abandonados.

Kafka tornou a queixar-se alguns dias depois:

Forte desejo de começar outra história; não cedi a ele. É tudo inútil. Se não consigo seguir as histórias noites adentro, elas escapam e desaparecem, como aconteceu agora com “O advogado assistente” [um conto que foi perdido]. E amanhã irei à fábrica, talvez tenha de ir para lá todas as tardes depois que P. [Peppa, cunhado de Kafka] se apresentar para o serviço. Com isso, tudo está se acabando. Pensar [na fábrica de asbesto na qual a família Kafka investira] é meu perpétuo Dia da Expição. (D, 324-5)

E dez dias depois ele resolveu organizar melhor seu tempo:

Percebi que o uso do meu tempo desde agosto não tem sido de forma alguma satisfatório. Minhas constantes tentativas de possibilitar, dormindo bastante à tarde, continuar o trabalho até de madrugada eram absurdas: depois das duas primeiras semanas já pude me dar conta de que meus nervos não me permitiriam ir para a cama depois da uma da manhã, pois então já não consigo mais adormecer, o dia seguinte é insuportável e eu me destruo. Ficava deitado tempo demais à tarde, embora raramente trabalhasse além da uma da manhã, e sempre começava por volta das onze da noite no mínimo. Foi um erro. Tenho de começar às oito ou nove horas; a noite certamente é a melhor hora (férias!), mas fora do meu alcance. (D, 325)

O sonho de que poderia ter êxito em concluir e vender uma obra substancial e ter condições financeiras de se mudar para Berlim nunca abandonou Kafka, mas sua realização seria infinitamente mais difícil por razões práticas: a eclosão da Primeira Guerra Mundial e, depois de agosto de 1917, a notícia de que ele estava tuberculoso.

Não se pode ter certeza de que Kafka percebesse o quanto perdera do grande mundo fora dos limites de Praga, dos vários sanatórios em que esteve internado e do pouco que viu de Berlim e Viena. Suas primeiras viagens de férias com Brod em 1911 e 1912 foram registradas nos *Diários de viagem*. (D, 427-87) Eles visitaram Friedland e Reichenberg, no norte da Boêmia, no início da primavera de 1911, e a Suíça, o norte da Itália e Paris no verão do mesmo ano. Em julho de 1912 foram a Weimar. Quem lê os *Diários de viagem* percebe imediatamente que se trata da obra de um verdadeiro escritor com capacidade de apreender e pôr no papel detalhes que tornam a cena descrita viva, perturbadora e memorável. Isso se aplica especialmente às descrições de visitas a bordéis em Milão e Paris. Em Milão, por exemplo:

As moças falavam seu francês como virgens [...] Uma moça com uma barriga que sem dúvida se esparramava sem pudor por cima e no meio das pernas abertas sob seu vestido transparente enquanto ela estivera sentada; mas quando ela se levantou a barriga se retraiu e o corpo finalmente se pareceu com o que deve ser o corpo de uma moça. (D, 444)

E em Paris:



A zeladora que tocou a campainha elétrica [...] as duas mulheres de aparência respeitável (por que duas?) que nos receberam no andar de cima; a luz acesa no quarto contíguo em cuja escuridão ou semiescuridão sentavam-se as moças não ocupadas; os três quartos de círculo (nós completávamos o círculo) no qual elas se postaram à nossa volta, empertigadas em posturas calculadas para que as revelassem pelo ângulo mais vantajoso; as passadas longas com que a moça que fora escolhida se adiantou; o apertão com que a madame me incitou a prosseguir, enquanto eu me sentia impelido para a saída. (D, 459)

Havia também comentários sobre o obrigatório roteiro turístico: a catedral de Milão, o Louvre e a Opéra Comique em Paris.

Mas é impossível não se espantar com a falta de refinamento desse par de intelectuais e escritores. Seu itinerário e suas atividades foram os de turistas comuns. Devido à idade — Brod tinha trinta anos, Kafka 29 — e às limitações de seu meio em Praga, não surpreende que eles não fossem apresentados a outros escritores ou acadêmicos. No entanto, seria de esperar alguma menção de terem desejado conhecer tais figuras, ou pelo menos de tê-las fitado deslumbrados, bem como algumas noções sobre as novas formas de literatura, pintura, escultura e música que estavam criando raízes e florescendo em Paris.

Algo como provincianismo — a sensação de que Kafka estava confinado em um lugar atrasado — marca os diários e a correspondência. Suas leituras eram muito abrangentes, mas de modo geral paravam no fim do século xix. Entre os mestres que continuaram ativos nos primeiros anos do século xx e estavam exercendo forte influência sobre jovens escritores, ele conhecia muito bem August Strindberg (1849-1912) e Frank Wedekind (1864-1918), cujas peças lia e admirava. Ele escreveu a Brod que Thomas Mann (1875-1955) “é um dos escritores por cuja obra anseio”. Conhecia a grande novela *Tonio Kröger* (1903), mas não *Os Buddenbrook* (1901) ou *Morte em Veneza* (1911).

Pode-se imaginar o *frisson fraternel* que Kafka poderia ter sentido ao descobrir *Coração das trevas* (1902) e *O agente secreto* (1907), de Conrad, *O imoralista* (1902), de André Gide, *Dublinenses* (1914), de James Joyce, e *Auguste Rodin* (1903), *Novos poemas* (1907) e *Os cadernos de Malte Laurids Brigge* (1910), de Rainer Maria Rilke. *Novos poemas* incluía “A pantera” e “O cisne”, que poderiam ter um atrativo especial para o autor de “Um relatório

para uma Academia”, “Investigações de um cão” e outras histórias com protagonistas animais. Kafka não lera nenhuma dessas obras. A única referência a Rilke em sua correspondência ocorre em uma carta a Felice na qual ele menciona que esse autor fizera comentários extremamente gentis sobre “O foguista”, enquanto nem *A metamorfose* nem *Na colônia penal* haviam “produzido o mesmo efeito”. (LF, 536) Aparentemente, Kafka e Rilke nunca se encontraram, embora o poeta vivesse em Munique na época. O interesse de Rilke pela obra de Kafka foi documentado na correspondência com seu editor, Kurt Wolff, que também foi o primeiro editor de Kafka.

Kafka não era musical. Essa seria uma razão para não ter ouvido — ou, aparentemente, desconhecer — *Der Rosenkavalier*, de Richard Strauss (que estreou em Dresden em 1911) ou *Ariadne auf Naxos* (apresentada pela primeira vez em 1912 em Stuttgart), embora ele admirasse o libretista, Hugo von Hofmannstahl. Não há, inclusive, nenhuma menção em seu diário ou correspondência à *Carta a Lorde Chandos*, de Hofmannstahl, publicada em 1902 e muito debatida como um importante manifesto modernista. Mas um comentário, notado por Janouch, sugere que Kafka via com atenção e simpatia a obra de Picasso.<sup>4</sup> Não há indícios de que ele conhecesse a obra de Cézanne ou Matisse, ou o movimento cubista. Como também era verdade, até seus últimos trabalhos, a respeito de Henry James, outro grande mestre modernista — no caso de James em razão de seu temperamento e predileções artísticas, no de Kafka por causa das circunstâncias de sua vida —, Kafka fora barrado de muitos dos principais avanços artísticos que moldaram a vida cultural do século xx. A claustrofobia do mundo retratado em sua ficção espelha a de sua própria existência.

3 Gilman, Sander L. *Franz Kafka: the Jewish patient* (Nova York, Routledge, 1995), p. 41.

4 Recordando uma visita que fez com Kafka a uma exposição de pintura francesa, Janouch relata que, em resposta a um comentário feito sobre as “mulheres cor-de-rosa com pés gigantescos” pintadas por Picasso, querendo dizer que Picasso era alguém “que se compraz em deformar”, Kafka disse: “Não creio. [...] Ele só acentua as deformidades que ainda não chegaram até nossa consciência. A arte é um espelho que ‘avança’, como um relógio. Às vezes”. (J, 143)

## 2. Que tenho eu em comum com os judeus?

O pequeno universo urbano de Kafka permaneceu estável. As escolas alemãs onde ele cursou o ensino fundamental e secundário ficavam a minutos de sua casa, assim como sua universidade, Ferdinand-Karls Universität, conhecida como Karolinum. Também os escritórios de seus dois empregos estavam localizados no centro de Praga: a Assicurazioni Generali na esquina da Heinrichgasse com Wenzelsplatz e o Instituto de Seguro em Poric. Apenas a casinha na Alchimistengasse que Ottla alugou a fim de ter um lugar para escapar da família (e talvez para encontrar-se em segredo com seu futuro marido, Josef David) e que ela deixou o irmão usar para escrever em 1916 e 1917 e o apartamento no Palácio Schönborn que Kafka alugou quando ainda pensava que se casaria com Felice ficavam do outro lado do Moldau, no aristocrático Kleinseite de Praga. As acomodações que ele ocupou por breves períodos após 1914 — o número 10 da Bilekgasse, o apartamento de sua irmã Valli; e o apartamento que ele alugou na Langegasse para não mais interferir na vida familiar de Valli — situavam-se também na margem direita do Moldau, embora mais distantes do centro — e, portanto, do apartamento da família e do Instituto — do que ele estava habituado.

Às forças centrípetas — o trabalho no Instituto para sustentar-se e, repletas de contradições, a dependência da família e a aversão ao risco — que mantinham Kafka prisioneiro em Praga devemos acrescentar outra, que o confinava num mundo dentro de um mundo, separado dos outros: o antissemitismo, tão disseminado na Boêmia que em seu cotidiano os judeus, inclusive os assimilados como Kafka, aceitavam-no sem questionamento. Como poderiam ter vivido de outro modo? Era parte de sua paisagem, não diferente, em sua permanência, da ponte Charles, da Altstadt, do castelo Hradceny e do Moldau. Kafka anota em seu diário: “havia na minha classe

talvez apenas dois judeus dotados de coragem, e ambos se suicidaram com um tiro enquanto ainda estavam na escola ou pouco depois”. (D, 400) Os judeus destituídos daquela forma de bravura engoliam em seco e viviam num gueto. Obviamente, deixar esse gueto não era mais impossível do que fora deixar Wossek, como prova a emigração de membros das famílias Kafka e Löwy para os Estados Unidos e vários outros lugares distantes onde o antissemitismo era considerado menos virulento.

Mas emigrar não era fácil. Uma anotação no diário em 1912 mostra que a solução sionista, por exemplo, podia parecer desinteressante para um judeu refinado e cético:

Hoje à noite dr. L. em nossa casa. Outro emigrante para a Palestina. Vai fazer o exame para a ordem dos advogados um ano antes de terminar seu estágio e partir (em duas semanas) para a Palestina com 1.200 K. Tentará conseguir emprego no Escritório Palestino. Todos esses emigrantes para a Palestina (Bergmann, dr. Keller) têm os olhos baixos, sentem-se cegados por seus ouvintes, bolem a esmo na mesa com as pontas dos dedos esticados, têm a voz trêmula, sorriem debilmente e escoram esses sorrisos numa leve ironia. O dr. Keller nos disse que seus alunos são chauvinistas, que têm sempre os macabeus na ponta da língua e querem se parecer com eles. (D, 210)

O fato é que poucos judeus em circunstâncias econômicas confortáveis estavam dispostos a deixar sua *Heimat* no leste ou centro da Europa e trocar a segurança pelo desconhecido. Para provocar a fuga em massa, a perseguição teve de atingir o nível das medidas nazistas adotadas na Alemanha a partir de 1933. Porém, mesmo diante delas, muitos judeus alemães não partiram, fosse porque as portas dos países para onde poderiam fugir (França, Inglaterra, Estados Unidos) estavam se fechando, fosse porque não acreditavam que o que estava acontecendo com os judeus à sua volta também pudesse acontecer com eles.

Assim, um contemporâneo praguense não estranharia o fato de os amigos de Kafka, um grupo de homens particularmente talentosos e refinados — Oskar Pollak, Max Brod, Felix Weltsch, Oskar Baum, Franz Werfel e Hugo Bergmann, entre outros — serem exclusivamente judeus. Nenhum cristão jamais foi incluído, germanófono ou falante do tcheco. A ligação de Brod com

Emmy Salveter, uma atriz alemã que ele conheceu quando ela ainda era camareira de hotel, e a relação apaixonada de Kafka com Milena Jesenská, uma católica falante do tcheco, foram ambas inusitadas. Kafka nunca deixava Milena esquecer a brecha que separava os judeus dos cristãos, e podemos supor que nas cartas que ela lhe escrevia, as quais não foram preservadas, ela fizesse o mesmo. Os únicos cristãos com quem Kafka tinha contato regularmente eram colegas do Instituto, os empregados tchecos de seu pai e, depois do casamento de sua irmã Ottla, o marido dela, Josef David. Kafka apoiara Ottla quando ela decidira casar-se com Josef, enfrentando ferrenha oposição dos pais. O casamento ocorreu em 15 de julho de 1920. Mais de um ano antes disso, Kafka escrevera à irmã referindo-se a um comentário de Brod de que aquele casamento era uma perda presente e futura para os judeus:

Sabes que estás fazendo uma coisa extraordinária, e que fazer o extraordinário é bom, mas também extraordinariamente difícil. Mas se nunca esqueceres a responsabilidade por esse ato difícil, se permaneceres consciente de que estás saindo do caminho traçado tão confiantemente quanto, por exemplo, David saiu do exército, e se apesar dessa consciência continuares acreditando que tens forças para levar a coisa a bom termo, então terás feito mais — para concluir com uma piada sem graça — do que se tivesses desposado dez judeus. (LO, 37)

Kafka dava-se bem com David e lhe pedia para aprimorar as cartas em tcheco que ele escrevia para o diretor do Instituto de Seguro, falante do tcheco, ou simplesmente lhe pedia para traduzir a versão em alemão. Nada indica, porém, que lhe ocorresse a possibilidade de ser amigo de outros cristãos tchecos ou alemães. Teria sido uma iniciativa que ninguém esperava, e que aparentemente não o tentava. O assombro por ter se apaixonado por uma cristã e ser correspondido era um *leitmotif* nas cartas a Milena.

Embora não pareça que Kafka alguma vez tenha sido alvo de insultos ou ataques antissemitas, o ar que ele respirava era impregnado dessas agressões. Três “julgamentos de assassinato ritual”, uma reversão à Idade Média inimaginável para judeus que acreditavam viver numa era de progresso moral e material, ocorreram durante a vida de Kafka. O primeiro, o caso Tiszaeszláer, recebeu o nome da cidadezinha húngara onde, em 1º de abril de

1882, Eszter Solymosi, uma criada cristã de catorze anos, desapareceu depois que a mandaram fazer uma tarefa fora de casa. Espalhou-se o rumor, estimulado por políticos antissemitas, de que ela fora vítima de um assassinato ritual judeu, um crime que, segundo a superstição, era cometido com a finalidade de obter sangue cristão a ser usado no preparo de pão ázimo. Naquele ano aconteceu de a Páscoa judaica ser celebrada em 4 de abril, uma circunstância que podia ser usada para explicar a necessidade imediata do sangue. Dois meninos judeus, de cinco e treze anos, testemunharam sob coação, e com base nesse testemunho vários judeus, entre eles três açougueiros rituais e os pais dos meninos, foram acusados de assassinar Eszter na sinagoga em que o pai dos meninos era zelador. Depois de uma investigação e trâmites legais que se arrastaram por mais de um ano, em agosto de 1883 todos os acusados foram absolvidos por um julgamento unânime do tribunal de Budapeste (um mês após o nascimento de Kafka). A libertação deles foi seguida por tumultos antissemitas generalizados na Hungria. Em 1916, Kafka leu a peça *Ritualmord in Ungarn* [Assassinato ritual na Hungria], de Arnold Zweig, baseada no caso Tiszaeszláer. Escrevendo a Felice, criticou a peça com sua habitual aspereza, mas concluiu dizendo:

Já não o vejo [Zweig] como antes. A certa altura precisei parar de ler, sentei-me no sofá e chorei. Fazia anos que eu não chorava. (LF, 530)

As acusações e os vívidos detalhes expressos no testemunho dos meninos — eles afirmaram que dois dos açougueiros seguraram a menina enquanto o terceiro cortava-lhe a garganta — não poderiam deixar de ter um significado especial para o neto de um açougueiro de Wossek. O ato de cortar carne reverbera em seu diário e em sua obra. Na anotação do diário de 2 de novembro de 1911, ele escreveu: “Hoje de manhã, pela primeira vez depois de muito tempo, novamente a alegria de imaginar uma faca se revirando no meu coração”. (D, 101) Ainda mais estranha, a anotação de 3 de março de 1913 registra:

Sempre a imagem da faca larga de um carnicheiro de porco que com rapidez e regularidade mecânica me golpeia os flancos e corta fatias bem finas que saem voando quase como aparas de madeira por causa da velocidade da ação. (D, 221)

O pesadelo ou devaneio recorre na anotação de 16 de setembro de 1915:

Entre garganta e queixo parece ser o lugar mais recompensador para apunhalar. Erga o queixo e enfie a faca nos músculos retesados. Mas esse local provavelmente é recompensador apenas na imaginação. Espera-se ver um magnífico jorro de sangue e uma rede de tendões e ossinhos como os que se veem na perna de um peru assado. (D, 342)

E, é claro, uma “faca de açougueiro comprida, fina e afiada dos dois lados” é enterrada no coração de Josef K. em *O processo*. (T, 229) Uma versão ainda mais brutal ocorre em seu conto “Um fratricídio”, publicado durante a vida de Kafka no volume intitulado *Um médico rural*. O assassino, Schmar, grita para a vítima:

“Wese!”, grita Schmar na ponta dos pés, o braço estendido, a faca vivamente abaixada. “Wese! Julia o espera em vão!” E Schmar golpeia à direita e à esquerda no pescoço e uma terceira vez no fundo do ventre. Ratos d’água rasgados por uma lâmina emitem um som semelhante ao de Wese. (CS, 401)

Mais próximo de casa do que Tiszaeszláer, na Boêmia o ano de 1897 terminou com a chamada tempestade de dezembro: tumultos antigermânicos que em Praga rapidamente se transformaram em um *pogrom*. Durante três dias, turbas primeiro vandalizaram instituições notavelmente alemãs e depois saquearam lojas de judeus, invadiram sinagogas, quebraram milhares de vidraças e atacaram qualquer um que identificassem como judeu. Inúmeros estabelecimentos judeus foram arruinados. A loja de Herman Kafka foi poupada porque seu nome, embora provavelmente derivasse de um diminutivo de Yakov, a forma em hebraico de Jakob, em tcheco significa gralha, podendo, assim, ser interpretado como de origem tcheca. Além disso, Herman não parecia judeu. A ordem foi restaurada, mas só depois de o governo decretar lei marcial na cidade e trazer soldados. Kafka na época já cursava o

secundário. Sem dúvida não deixou de estar a par desses eventos e de seu impacto.

Dois anos depois, a Boêmia teve seu próprio caso de assassinato ritual. Em 1º de abril de 1899, véspera da Páscoa, Agnes Hruza, de dezenove anos, foi encontrada morta numa estrada rural próximo a Polná, uma cidadezinha na Boêmia. Sua garganta fora cortada. Desconhecia-se o motivo, e não havia nenhum suspeito provável até que o diretor de um pequeno jornal antissemita de Praga apontou para Leopold Hilsner, um ajudante de sapateiro da região. Políticos antijudeus e a imprensa marrom boêmia e vienense transformaram os trâmites jurídicos num linchamento. Mais uma vez sobraram alegações de que cortar a garganta de Agnes era parte da preparação do pão ázimo da Páscoa judaica. Em contraste com o réu de Tiszaeszlár, Hilsner foi considerado culpado e condenado à morte. Mas Thomas G. Masaryk, um professor de filosofia e político que viria a ser o primeiro presidente da Tchecoslováquia independente, empreendeu uma campanha pública para que o caso fosse reexaminado. No novo julgamento, Hilsner foi outra vez considerado culpado e condenado à força, mas em 1901 a sentença foi trocada pela prisão perpétua, e em 1918 ele finalmente recebeu um indulto.

Os casos Tiszaeszlár e Hilsner logo depois tiveram um análogo na Rússia. Em 1911, um judeu chamado Menahem Mendel Beilis, pai de cinco filhos e empregado como superintendente em uma fábrica de tijolos em Kiev, foi acusado do assassinato de uma criança cristã cujo corpo mutilado foi encontrado numa caverna nas proximidades da fábrica. Um padre católico consultado como especialista em rituais judaicos testemunhou que todas as características de assassinato ritual estavam presentes. Beilis foi mantido na prisão por dois anos e depois absolvido por um júri unânime. As notícias, primeiro da acusação contra Beilis e depois de sua libertação, desencadearam uma onda de ferozes *pogroms* em toda a Ucrânia. Segundo Dora Diamant, Kafka escreveu um conto sobre o caso Beilis, cujo original ela queimou seguindo as instruções dele.

A histeria dos assassinatos rituais amainou-se na Boêmia, mas as



pressões econômicas contra os judeus continuaram até o começo da Guerra Mundial e tornaram-se até mais difusas. Generalizaram-se os boicotes organizados às lojas de judeus e aos advogados e médicos judeus, prenúncios do boicote de 1º de abril de 1933 em toda a Alemanha, a primeira medida geral antijudaica tomada depois que o Reichstag alemão concedeu poderes ditatoriais a Hitler.

Mais perniciosos que as barreiras que excluíaam os judeus boêmios de todos os cargos públicos, exceto os mais inferiores e da docência na universidade, eram os obstáculos à sua contratação por bancos alemães e tchecos. Além disso, havia o clamor por uma cota que restringisse a admissão de judeus nas instituições de ensino superior. Com o início da Primeira Guerra Mundial fez-se uma pausa na agitação antijudaica. Judeus demonstraram seu patriotismo alistando-se voluntariamente e demonstrando coragem no campo de batalha; mais do que tudo, as comunidades judaicas da Áustria e da Boêmia temiam a vitória da Rússia e os *pogroms* nos moldes russos se as tropas russas entrassem em território austro--húngaro. Como os nacionalistas tchecos tinham aspirações pan-eslávicas e simpatizavam com a Rússia, a posição manifestamente pró-austriaca dos judeus austríacos e boêmios tornou-se mais um fator a instigar o antissemitismo tcheco. O imperador Francisco José morreu em 1916. O príncipe herdeiro, Francisco Fernando, era um notório antissemita. Para as gerações mais antigas de judeus, o velho imperador permanecera o autor e o símbolo da sua emancipação. Sentiram-se desamparados. Morto Francisco José, quem olharia por eles?

Era uma boa pergunta. O nascimento da independente República da Tchecoslováquia em novembro de 1918 marcou o início de uma nova fase de agitações antijudaicas. Em maio de 1919, judeus foram espancados nas ruas do centro de Praga. Os tumultos e a veemente propaganda antijudaica prosseguiram o ano todo, com judeus sendo maltratados e insultados nas ruas, parques, bondes e lugares públicos. O clímax deu-se em Praga um ano e meio depois. Em 16 de novembro de 1920, em um dia de arruaças particularmente violentas, uma turba irrompeu na Rathaus, o centro da comunidade judaica,

devastou arquivos e pisoteou Torás. Kafka relatou a Milena um tumulto que ele presenciara:

Passei a tarde na rua, banhando-me no antissemitismo popular. Há pouco ouvi dizer que os judeus eram uma “turba imunda”. Não é natural que a gente se vá de onde é tão odiada? (Não faz falta para isso nem o sionismo nem o sentimento nacional.) O heroísmo dos que apesar de tudo permanecem é o das baratas, que tampouco podem extirpar-se do quarto de banho.

Faz um momento olhei pela janela: polícia montada, soldados preparados para a carga de baioneta, multidões que gritam e se dispersam; e aqui em cima, junto à janela, a imunda vergonha de viver constantemente protegido. (*LM*, 212-3)

Cobra-se um preço de quem vive em um lugar no qual se é rejeitado e abertamente odiado pelos vizinhos: a perda de confiança na própria identidade e seu corolário, a eterna necessidade de autorreinvenção. Kafka escreveu a Milena duas vezes naquele novembro sobre “uma peculiaridade” que o distinguia de todas as pessoas que ele conhecia, não em essência, mas acentuadamente em grau:

Afinal de contas, ambos conhecemos bastantes exemplos característicos de judeu ocidental; eu sou, no meu entender, o mais ocidental de todos os judeus, quer dizer que (exagerando um pouco) não me é permitido um só segundo de calma nada se me dá, tenho de ganhar para mim, não somente o presente como o futuro, porém também o passado, algo que contudo toda pessoa talvez traz consigo mesma, mas também isto tenho que ganhar para mim; talvez seja essa a tarefa mais difícil, quando a terra gira para a direita — não sei se o faz — eu tenho que girar para a esquerda, para recuperar o passado. Mas a verdade é que não possuo o menor vigor para o cumprimento dessas obrigações, não posso levar o mundo sobre os meus ombros, mal posso levar o sobretudo. [...] Apenas, não posso percorrer o caminho que quero percorrer, e ainda mais, nem sequer posso desejar percorrê-lo, apenas posso ficar quieto; não posso desejar outra coisa, nem tampouco desejo outra coisa. (*LM*, 217-8]

E então, abruptamente, ele sugere uma imagem de si mesmo

como se alguém [...] já que constantemente lhe falta todo o necessário para dar o menor passeio, tivesse que costurar a própria roupa, fabricar os seus sapatos, manufaturar o chapéu, talhar para si o bastão, etc. Por certo, não pode fazer tudo isto bem, talvez lhe sirva para umas tantas ruas, mas, por exemplo, se chegar à Graben se lhe desfaz tudo e fica pelado, entre farrapos e tiras. E a tortura de voltar correndo ao Altstädter Ring [o endereço do apartamento dos pais de Kafka]! E ao final se

encontra certamente com uma multidão ocupada em perseguir judeus pela Eisengasse.

Procura compreender-me, Milena; não digo que esse homem esteja perdido, de modo algum, mas sim que está perdido se tem a lembrança de dar um passeio pelo Graben, para envergonhar-se de si mesmo e envergonhar o mundo. (*LM*, 217)

O oposto da persona de “homem mais judaico-ocidental de todos”, de quem Kafka não gostava muito, era a do judeu europeu oriental. Escrevendo a Felice sobre o trabalho voluntário com crianças judias do Leste Europeu que ela fazia no Asilo do Povo Judeu em Berlim, um trabalho que ela aceitara por incentivo de Kafka, ele lhe disse: “Não consigo imaginar um laço espiritual mais forte do que o criado por esse trabalho”, e definiu o objetivo do asilo como ele o entendia: incutir nas crianças o modo de vida dos voluntários. “Já que as pessoas estão costuradas em sua pele por toda a vida e não podem alterar nenhuma das costuras”, ele continuou,

tentarão elevá-las ao nível do judeu europeu ocidental contemporâneo, instruído, versão Berlim, que reconhecidamente pode ser o melhor de sua espécie. Não se obteria com isso grande coisa. Se, por exemplo, eu tivesse de escolher entre o Asilo de Berlim e um outro, onde os pupilos fossem os voluntários berlinenses (inclusive tu, minha cara, entre eles, e comigo, sem dúvida, à frente), e os voluntários fossem simples judeus europeus orientais de Kolomyja ou Stanslawow, eu daria incondicional preferência ao segundo asilo. [...] Mas creio que tal escolha não existe; ninguém a tem; a qualidade correspondente ao valor do judeu europeu oriental é algo que não se pode transmitir em um asilo. (*LF*, 500)

Ele reconheceu que “o trabalho no Asilo deriva do sionismo [...] inflama aspirações nacionais invocando o prodigioso passado imemorial”, mas alertou Felice: “não sou sionista”. (*LF*, 501) Presumivelmente isso o deixou com a amarga autoavaliação feita em 1914 quando ele explicou a Grete Bloch por que se casar com Felice, para ele, não era “uma aventura menor”. Ele era, disse a Grete, um homem totalmente antissocial com um estado de saúde sofrível difícil de determinar no momento, excluído de qualquer grande comunidade que eleve o espírito por causa de seu “judaísmo não sionista (admiro o sionismo e sinto-me nauseado com ele), não praticante”. (*LF*, 423) Suas ideias eram incoerentes. Um ano antes, disse a Max Brod que o

Congresso Sionista do qual participara em setembro de 1913 em Viena fora “uma total inutilidade [...] assisti ao Congresso Sionista como se aquilo fosse um evento totalmente alheio a mim”. (*L*, 100) Mas ele não desistiu da espiritualidade judaico-oriental: alguns dias depois, aconselhou a Felice que fizesse seus pupilos confiar nela em questões outras que não as religiosas e deixasse “a misteriosa complexidade do judaísmo, que contém tantas características impenetráveis, fazer seu trabalho”. (*LF*, 502)

Diga-se o que se disser a respeito do homem metafórico na rua Graben que Kafka evocou para Milena, seu próprio caso era bem mais grave. Escrever era sua religião: suas roupas, botas e bengala eram a língua alemã na qual ele escrevia e a cultura alemã que continuava a nutri-lo. Sua educação fora puramente alemã: ele considerava Goethe seu ancestral literário, e Kleist, Hebbel e Grillparzer espíritos fraternos. Aprender a falar alemão fora para seu pai o bilhete da jornada de Wossek a Praga. Possibilitou-lhe trocar a vida de mascate pelo que parecia ser uma forma de existência superior: a de um comerciante praguense secular, respeitado e razoavelmente próspero, plenamente capaz de mandar *Herr Sohn* — como chamava Kafka quando queria zombar dele — para a universidade. Seu compromisso com a vida que construía para si era inequívoco, tão inequívoco quanto seu compromisso informal com a identidade judaica. Mas Kafka não fora obrigado a arrancar-se de um gueto rural. Tornara-se assimilado como a consequência natural da época, lugar e classe social nos quais nascera. Em janeiro de 1914 ele ainda foi capaz de fazer a seguinte pergunta retórica:

Que tenho eu em comum com os judeus? Quase não tenho nada em comum comigo mesmo, e deveria ficar quieto num canto, satisfeito por poder respirar. (*D*, 252)

Não obstante a presença da faz-tudo falante do tcheco na casa de Kafka e das aulas de tcheco, o alemão era a primeira língua das crianças da família Kafka. Como 93% da população praguense falava tcheco, assim como a maioria da clientela da loja da família — na qual trabalhavam seus pais e

Ottla, e onde Kafka às vezes tinha de dar uma ajuda —, o tcheco era a língua dos negócios familiares. O alemão era a língua da intimidade. Ainda assim, no outono de 1911, um ano em que Kafka foi atormentado por paroxismos de dúvida quanto à sua relação com a língua da qual, como logo se revelaria, era um grande mestre, ele escreveu no diário:

Ontem me ocorreu que nem sempre amei minha mãe como ela merecia e como eu poderia, tudo porque a língua alemã o impediu. A mãe judia não é “Mutter”; chamá-la de “Mutter” torna-a um tanto cômica (embora não para ela, já que estamos na Alemanha [*sic* no original]). Damos a uma mulher judia o nome de uma mãe alemã, mas esquecemos a contradição que penetra tão mais pesadamente nas emoções: “Mutter” é caracteristicamente alemão para o judeu, contém inconscientemente, junto com o esplendor cristão, a frieza cristã, e assim a mulher judia que é chamada de “Mutter” torna-se não só cômica, mas também estranha. Mama seria um nome melhor, se ao menos não se imaginasse “Mutter” por trás. Creio que são apenas as memórias do gueto que ainda preservam a família judaica, pois a palavra “Vater” também está longe de significar o pai judeu. (D, 88)

Pode-se pensar que uma solução razoável para o problema teria sido usar um diminutivo iídiche para o pai, *tateleben*, que Kafka sem dúvida conhecia. Seus pais, especialmente seu pai, não hesitavam em usar expressões iídiches na vida privada. O ano de 1911 também foi aquele em que Kafka impregnou-se das tradições do teatro iídiche de Lemberg, que estava se apresentando em Praga. Ele buscou a companhia dos atores iídiches, especialmente Yitzhak Löwy, e se derreteu por uma das atrizes, a madura Frau Tschissik. Isaac Bashevis Singer zombou mais tarde dessa paixonite em seu conto “Um amigo de Kafka”. Ele também começara a ler *História dos judeus*, de Heinrich Graetz. De início, achou o livro mais estranho do que esperava e comentou: “tive de parar aqui e ali a fim de, descansando, permitir à minha judeidade recompor-se”. (D, 99) Poucos meses depois, em 18 de fevereiro de 1912, ele fez uma notável apresentação para uma leitura de poesia iídiche feita por Löwy no Salão Toynbee de Praga em 18 de fevereiro de 1912. Disse à plateia que qualquer um que falasse o alemão também era capaz de compreender o iídiche:

Assim que o iídiche se apossar de vocês e os comover — e o iídiche é tudo, as palavras, a melodia chassídica e o caráter essencial deste ator do Leste Europeu —, vocês esquecerão sua reserva anterior. E então acabarão por sentir a verdadeira unidade do iídiche, e com tamanha força que se amedrontarão, porém não será mais o medo do iídiche, mas de si mesmos. (RK, 286)

Esse era o problema. Kafka sabia que os judeus assimilados presentes no Salão Toynbee temiam o contato próximo com a língua de seus avós, e também ele, no fundo, muito provavelmente sentia esse temor. É óbvio que nem Kafka nem os outros judeus a quem ele se dirigia receavam ser identificados como judeus. Não estavam tentando passar por cristãos, até porque isso teria sido impossível em Praga, onde todo mundo conhecia todo mundo na minoria germanófona. O medo, na verdade, era de uma rachadura no verniz de assimilação que deixasse entrar o miasma do *shtetl*, o gueto medieval que fora deixado para trás, a herança que aqueles judeus haviam recentemente abandonado por completo. Para Kafka, o iídiche e o *shtetl* tinham o atrativo da comunidade espiritual muito unida que ele imaginava florescer ali e, a meu ver, um terror especial: o de maior alienação linguística.

Os tempos haviam mudado. De início, a assimilação parecera uma consequência natural da emancipação dos judeus: fora percebida como o elemento essencial que lhes permitia assumir o lugar que era deles por direito como membros plenos da sociedade secular. Contudo, nas últimas décadas do século XIX, passara a ser atacada por nacionalistas e racistas como um truque judeu envolvendo o roubo da identidade nacional alemã e a poluição da cultura germânica por forasteiros estranhos e desprezados. Mais importante para Kafka era o argumento de que o “roubo” não poderia resultar na genuína posse da língua furtada. Nenhum judeu poderia escrever grandes obras em prosa ou poesia em alemão, assim como não poderia compor grandes músicas. Nessa mesma linha, judeus não eram capazes de tornar-se grandes intérpretes musicais, especialmente cantores. As portas da realização artística superior estavam fechadas para eles porque, como raça, e em razão de suas desprezadas ocupações tradicionais, não eram criativos. Tal acusação era intolerável e manifestamente tola, mas Kafka, como muitos outros judeus, às

vezes sentia-se culpado daquilo que o acusavam.

A isso cabe acrescentar os problemas particulares causados pelo alemão falado em Praga pela pequena e isolada, embora ainda em ascensão, minoria germânica. Essa situação linguística foi descrita por Fritz Mauthner (1859-1923), escritor alemão e estudioso da linguagem, nascido na Boêmia:

Os alemães do interior da Boêmia, cercados por tchecos, falam um alemão documental [*papiernes Deutsch*] destituído da plenitude da expressão orgânica e das formas faladas. A melodia da língua falada também se perdeu. (RK, 39)

Um episódio que Kafka relatou a Brod ilustra a singular posição linguística dos falantes do alemão em Praga. Na primavera de 1920, quando estava de licença médica para tratar-se da tuberculose, Kafka hospedou-se na Pensão Ottoburg em Merano, uma estância nas montanhas na região italiana de Alto Adige. Os hóspedes eram todos alemães e cristãos — uma nova experiência para ele. Kafka pedira para ser servido numa mesinha separada na sala de jantar, para que sua dieta vegetariana atraísse menos atenção e ele pudesse praticar o seu “fletcherismo” à vontade sem se tornar um espetáculo e causar repulsa aos outros comensais. Mas convenceram-no a juntar-se à mesa comum, e com isso ele se tornou alvo de um interrogatório pelo general e pelo coronel austríacos que também estavam hospedado na pensão e conheciam um pouco de Praga. Kafka explicou que não era tcheco. No entanto, escreveu a Brod,

o general, com seu apurado ouvido linguisticamente treinado no exército austríaco, não ficou satisfeito. Depois de comermos, ele voltou a mostrar-se curioso a respeito do som do meu alemão, talvez mais incomodado com o que via do que com o que ouvia. A essa altura, tentei dar-lhe uma resposta explicando que eu era judeu. Diante disso, sua curiosidade científica sem dúvida se satisfiz, mas não os seus sentimentos humanos. Nesse exato momento, talvez por coincidência, pois era impossível que todos os demais houvessem escutado nossa conversa, mas quem sabe houvesse afinal alguma relação, todo o grupo levantou-se para deixar a mesa. [...] O general também ficou muito inquieto, embora por educação tenha conduzido nossa pequena conversa a uma espécie de conclusão antes de se afastar depressa a passos largos. Isso também não satisfiz meus sentimentos humanos: por que tenho de ser um espinho na carne deles? (L, 233)

O sotaque de Kafka não era judeu: ele falava com o sotaque carregado, mencionado por Mauthner, que era comum aos praguenses e a outros boêmios germanófonos, judeus e gentios. O purismo do alto alemão da prosa de Kafka, a austeridade de sua linguagem e as ocasionais singularidades de sua grafia e uso da língua também são produtos de sua educação praguense.

Mas o general tocara em um ponto sensível. “Por que os judeus têm de ser tão irresistivelmente atraídos pela língua [alemã]?”, Kafka escreveu a Brod um ano depois, de um sanatório em Matliary. O motor foi uma discussão sobre o *mauscheln* em um livro do brilhante satirista Karl Kraus, um judeu boêmio convertido. *Mauscheln* era uma subespécie de alemão falado por judeus, um equivalente do inglês que se ouvia outrora na Upper Broadway. Kafka passou rapidamente a uma questão maior: a relação dos judeus assimilados com a literatura alemã. A contribuição que os judeus haviam dado era, na opinião de Kafka, insignificante, se não negativa. A razão poderia estar na “horrível dificuldade íntima” dos jovens judeus assimilados que desejavam escrever e deixar a judaicidade dos pais — um desejo com o qual seus pais eram coniventes —, mas eram incapazes de fazê-lo porque “com suas pernas posteriores ainda estão grudados à judaicidade paterna, e com as pernas anteriores tateantes não encontram terreno novo”. O resultado era um impasse:

A impossibilidade de não escrever, a impossibilidade de escrever em alemão, a impossibilidade de escrever de outro modo. Também se poderia acrescentar uma quarta impossibilidade, a impossibilidade de escrever. [...] Assim, o que resultou foi uma literatura impossível em todos os aspectos, uma literatura cigana que roubara a criança alemã de seu berço e com muita pressa a pusera em algum tipo de treinamento, pois alguém tinha de dançar na corda bamba. (Mas não era uma criança alemã, não era nada: as pessoas meramente diziam que alguém estava dançando.) (L, 288-9)

Era impossível para Kafka não escrever. Mas uma consequência de não agir conforme a questão que ele apresentara a Milena — “não é natural que a gente se vá de onde é tão odiada?” — foi que esse grande mestre da prosa alemã acabasse ponderando sobre “a impossibilidade de escrever em alemão” pela simples razão de ser judeu, ou afirmasse, mesmo que fosse apenas para



provar que tinha razão numa carta a um amigo chegado, que suas obras eram parte de “uma literatura cigana que roubara a criança alemã”.

Inquestionavelmente, a sensação de que seus poderes criativos haviam definhado ou talvez desaparecido, além das consequências devastadoras da tuberculose, aumentavam o peso do desespero de Kafka. Ele sabia que sua saúde não estava melhorando e provavelmente nunca melhoraria. Desde o inverno de 1917-8, quando estava com 34 anos, não escrevera nada mais substancial do que aforismos e a *Carta ao pai*, uma magnífica obra em prosa que, no entanto, era um documento privado e não seria por ele considerada parte de sua produção literária. Quando ele a entregou a Milena, disse-lhe que não queria que mais ninguém a lesse além dela. (LM, 63) Kafka abandonara totalmente seu diário em 1918 — um ato de grande significância para ele, pois o diário muito frequentemente servia de ponte para sua ficção — e quase não escreveu nele em 1919 e 1920. Toda a sua energia parecia ter se voltado para escrever cartas compulsivamente. Ele começou *O castelo* em 1922, não conseguiu terminar o livro e, no ano e meio restante de sua vida, escreveu duas de suas mais belas histórias, “Um artista da fome” e “Josefina, a cantora, ou O povo dos camundongos”, ambas as quais considerou apropriadas para publicação. Esse, porém, foi um surto de atividade que ele não previra: nesse ínterim, passara a sentir medo de faltar-lhe autenticidade. Impossível imaginar tormento maior para um escritor.

Kafka era um mestre da dialética e raramente se punha apenas de um lado em uma argumentação. Sua insistência sobre não ser sionista era contrabalançada por sua admiração frequentemente sentimental das qualidades espirituais dos judeus orientais e por seu encorajamento, notavelmente a Felice Bauer e a Robert Klopstock, amigo dele, para que se envolvessem em causas sionistas. Essas contradições, seus intermitentes pronunciamentos autodilacerantes e provocativos acerca de suas relações com os judeus como um grupo, seus escrúpulos, reais ou fingidos, sobre a legitimidade do uso da língua alemã por escritores judeus, além daquilo que alguns diagnosticaram como suas tentativas de diferenciar-se do judeu estereotípico da propaganda

antissemita, foram usados por estudiosos para escorar o argumento de que o próprio Kafka era um judeu antissemita, um judeu que odiava a si mesmo.

Essa acusação é injusta e, tudo sopesado, descabida. Decerto Kafka via o abismo que o separava dos judeus orientais. Era o resultado inescapável do progresso social de sua família, do açougue ritual em Wossek para uma existência burguesa em Praga financiada por uma ocupação mais refinada, e do concomitante processo de assimilação. A educação de Kafka fora secular e ocidental; era um homem de grande cultura e discrição e requinte pessoal consideráveis. Seria de surpreender se ele, a quem tanto repugnava a vulgaridade paterna no comer e no falar, não sentisse repulsa análoga pelas singularidades do modo de vestir, hábitos, gestos e fala dos mesmos judeus que ele transformava em fetiche por causa da comunhão de espírito, coesão e genuína cordialidade que estava convencido serem características do grupo.

Nada revela mais claramente a dualidade da visão de Kafka sobre a vida dos judeus do Leste Europeu do que sua descrição da cerimônia de circuncisão na Rússia, que aparentemente lhe foi relatada pelo ator Yitzhak Löwy. Kafka fascinou-se com a alegria e a espontaneidade do ritual. Comparou-o favoravelmente à artificialidade da mesma cerimônia realizada na véspera para seu sobrinho Felix, na qual “os presentes, com exceção dos avós, passaram o tempo sonhando ou entediando-se com uma total incompreensão da prece”. Isso não o impediu de salientar o aspecto repugnante do *brit* russo, como em sua observação de que os russos responsáveis pela circuncisão

têm todos o nariz vermelho e o hálito fétido. Não é portanto muito agradável quando, depois de executada a operação, eles sugam o membro ensanguentado com a boca, da maneira prescrita. Em seguida o membro é polvilhado com serragem e cicatriza em aproximadamente três dias. (*D*, 152)

Em seguida a essa descrição, Kafka comentou sobre o estudo do Talmude, atividade que, a seu ver, era o cerne da vida espiritual dos judeus russos:

eles se reúnem em todas as oportunidades possíveis, seja para orar, estudar, discutir questões divinas ou fazer refeições em feriados cuja base geralmente é religiosa, e nas quais o álcool só é consumido

moderadamente. *Eles fogem uns para os outros, por assim dizer* [grifo meu]. (D, 152)

Esse era um conceito que um homem reservado e retraído como Kafka podia admirar, mas somente à distância. Nesse aspecto ele não diferia muito de inúmeros filhos bem-sucedidos e cultos de emigrantes da “velha terra”, impelidos pela nostalgia a visitar o vilarejo da família antes que fosse homogeneizado pelo progresso e pela globalização. A admiração por costumes carregados de tradição e pelo modo de ser despretensioso nem sempre foi suficiente para eclipsar o outro lado da moeda: condições de vida primitivas e insalubres e a melosa familiaridade de tias, tios e primos distantes recém-descobertos.

O célebre ensaísta, crítico e tradutor Walter Benjamin (1892-1940) era um judeu alemão de Berlim, nascido em uma família rica e assimilada. Admirador de Kafka desde o início, escreveu sobre ele com grande sensibilidade e perspicácia. Hannah Arendt (1907-75), também judia, nasceu na Alemanha e lá se formou filósofa. Benjamin e Arendt deixaram a Alemanha e foram para a França fugindo da perseguição nazista. Arendt conseguiu emigrar para os Estados Unidos em 1941 e estabelecer-se em Nova York. Benjamin suicidou-se em 27 de setembro de 1940 num quarto de hotel em Portbou, nos Pireneus, depois de descobrir que a polícia de fronteira espanhola não honraria o visto que ele tinha e não lhe daria permissão para entrar na Espanha. Em uma introdução a uma coletânea de ensaios de Benjamin, Arendt analisou a “questão judaica” como ela se apresentava aos judeus alemães da geração dele. Kafka e Benjamin eram contemporâneos suficientemente próximos para que os comentários de Arendt sejam considerados muito importantes e diretamente relevantes para a situação de Kafka:

a insolubilidade da questão judaica para essa geração consistiu não só no fato de falar e escrever em alemão ou de sua “oficina de produção” situar-se na Europa — no caso de Benjamin, em Berlim Ocidental [uma parte residencial de Berlim] ou em Paris, algo sobre o que ele não tinha “a menor ilusão”. [...] O que era decisivo era que esses homens não desejavam “retornar” nem às fileiras do

povo judeu nem ao judaísmo, e não podiam desejar tal coisa — não porque acreditassem em “progresso” e em um desaparecimento automático do antissemitismo ou porque fossem demasiadamente “assimilados” e alienados de sua herança judaica, mas porque todas as tradições e culturas, assim como todos os “pertencimentos”, haviam se tornado igualmente questionáveis para eles. Era isso o que sentiam estar errado no “retorno” ao rebanho judeu proposto pelos sionistas; todos eles poderiam ter dito o que Kafka certa vez comentou com relação a ser membro do povo judeu: “Meu povo, contanto que eu tenha um”.<sup>5</sup>

O estereótipo do judeu disseminado pela propaganda antissemita encadeava uma variedade de insultos que iam dos abstratos aos rudemente físicos. Judeus eram cambistas e usurários, mascates, albergueiros, sapateiros etc., avessos a qualquer forma de trabalho braçal, improdutivos e não criativos, excessivamente intelectuais, inaptos para o serviço militar, menores e mais fracos do que os arianos (mas curiosamente propensos à voracidade sexual), tinham nariz grande, peito fundo, pés chatos, eram tuberculosos, predispostos à insanidade etc. Muitos estereótipos contêm um desagradável quê de verdade. Como haviam sido excluídos por séculos da propriedade da terra e confinados em guetos, os judeus realmente não eram mais agricultores nem pastores. As ocupações a que se dedicavam só podiam ser as do estereótipo. O modo de vida ligado a essas ocupações, assim como o gueto e as condições de *shtetl* em que elas eram executadas, não levavam ao desenvolvimento da força e do vigor físico, e com isso os racistas do século xix puderam corroborar as teorias da inferioridade racial dos judeus com uma profusão de estudos que mediam características como altura, peso, expansão do tórax, força muscular e incidência de tuberculose, sífilis, doenças cardíacas e mentais.

Essas características, que tornavam repulsivo o estereótipo, foram bem aquelas que o sionismo, no início, tentou alterar radicalmente com sua ênfase no treinamento físico e na criação de uma sociedade na Palestina baseada nos ideais do *kibutz*: o cultivo da terra, a habilidade artesanal e a autodefesa. Não tem sentido supor que, por essa razão, o sionismo fosse um movimento antissemita de judeus que se autotestavam. No entanto, os sionistas realmente desejavam deixar o gueto para trás, e seu objetivo era transformar

em uma nação orgulhosamente independente um povo judeu oprimido pela história de odiosa discriminação e violência infligidas pelas comunidades em que viviam. Os esforços de Kafka para aprender a nadar e remar, para fazer os exercícios de Müller (um popular sistema dinamarquês de ginástica que ele praticava desde 1909) o ano todo, nu diante da janela aberta, para praticar jardinagem e aprender marcenaria eram meios nada absurdos de melhorar sua condição física, que ele considerava “um grande obstáculo a seu progresso” (*D*, 124), e escapar momentaneamente da atmosfera sufocante do apartamento da família, do Instituto e da vida nos cafés de Praga.

O efeito cumulativo sobre Kafka do onipresente antissemitismo — não só em Praga, mas aparentemente aonde quer que ele fosse — foi necessariamente profundo. Resultou no que só pode ser descrito como uma profunda fadiga. Outras pessoas — às vezes um judeu tinha a impressão — não precisavam passar a vida justificando seu direito de existir ou, caso esse direito fosse reconhecido, questionando a legitimidade dos seus textos ou da música que compunham ou cantavam no palco. É essa fadiga que está por trás do desabafo de Kafka em uma carta a Milena:

às vezes gostaria de enfiá-los, em sua qualidade de judeus (eu incluso), no caixão de roupas e esperar, e abrir um pouco o caixão, para ver se já sufocaram todos; e, se ainda resta algum, tornar a fechar o caixão e continuar assim até o final. (*LM*, 46)

E sem dúvida a fadiga contribuiu para sua desoladora visão das forças incompreensíveis, cruéis e injustas às quais a humanidade está sujeita. Como não teria contribuído? Mas ler a ficção de Kafka como histórias e parábolas da experiência antissemita adornadas com uma piscadela destinada ao público judaico é subestimá-lo. Em sua ficção ele transcendeu sua experiência judaica e sua identidade de judeu. Ele escreveu sobre a condição humana.

5 Hannah Arendt, na introdução a *Illuminations: essays and reflections*, de Walter Benjamin (Nova York, Schocken Books, 1968), p. 36.

### 3. O reino mais profundo da verdadeira vida sexual está fechado para mim...

Um homem de trinta anos que escreve uma carta a uma moça pedindo sua mão, depois lhe envia cartas explicando que é inapto para o casamento e passadas oito semanas expressa os sentimentos abaixo em seu diário tem uma atitude para com as mulheres que, na melhor das hipóteses, demonstra desconforto:

13 de agosto. Talvez agora tudo esteja terminado e a carta que escrevi ontem seja a última. Isso certamente seria o melhor. O que eu sofrerei, o que ela sofrerá — não pode ser comparado ao sofrimento comum que resultaria. Eu gradualmente me recomporei, ela se casará, essa é a única saída entre os vivos. [...] Ela perceberá isso com minhas últimas cartas. Se não, então certamente me casarei com ela, pois sou fraco demais para resistir à sua opinião a respeito de nossa sorte comum e sou incapaz de não levar a cabo, na medida em que eu possa, algo que ela considera possível.

14 de agosto. O oposto aconteceu. Houve três cartas. À última carta não pude resistir. Eu amo até onde sou capaz disso, mas o amor jaz enterrado a ponto de sufocar debaixo de medo e de autocensuras [...]

O coito como punição pela felicidade de estar juntos. Viver o mais asceticamente possível, mais asceticamente do que um celibatário, esse é para mim o único modo de suportar o casamento. Mas ela? (*D*, 227-8)

Em conflito, sem dúvida, mas não indiferente a mulheres ou à atração sexual por elas exercida. Com exceção dos momentos de triunfo nos quais ele escreveu suas melhores obras e, a partir de 1917, dos momentos que marcaram o avanço de sua doença, os eventos que se destacam na vida de Kafka são suas peripécias atrás de mulheres seguidas por frenéticas tentativas de escapar delas. Duas de suas amadas, Felice Bauer e Milena Jenská, foram imortalizadas em cartas que ele lhes escreveu e quis que fossem destruídas. Outras foram importantes: Dora Diamant, a moça judia polonesa que se

amasiou com Kafka no fim do verão de 1923; a pequena Julie Wohryzek, sua noiva durante um breve período que se seguiu ao término definitivo do relacionamento com Felice e se encerrou com a entrada em cena de Milena, em 1920; a jovem cristã por quem ele esteve brevemente enamorado durante uma temporada de duas semanas em um sanatório de Riva no outono de 1913; Hedwig Weiler, jovem estudante de Viena, que ele conheceu em Triesch no verão de 1907; e uma misteriosa e nunca identificada mulher madura que foi paciente no mesmo sanatório em que ele esteve internado em 1905 em Zuckmantel.

Houve ainda uma balconista de loja. Paradoxalmente, a única menção a ela encontra-se na carta que Kafka escreveu a Milena em 8-9 de agosto de 1920, numa tentativa de explicar a dicotomia em sua constituição psicológica entre *strach* (“medo” em tcheco) e *toucha* (“desejo”). Como as cartas de Milena a Kafka foram perdidas, não sabemos qual era a pergunta a que ele estava respondendo. Entretanto, parece provável que tivesse estreita relação com o fato de Kafka ter postergado um desastroso encontro em Gmünd, uma cidade de fronteira aproximadamente a meio caminho entre Viena e Praga, um encontro que acabou ocorrendo em 14-15 de agosto. Ele lhe disse que sentira “‘medo’ de uma noite em Gmünd, apenas era o ‘medo’ comum — aí, com o comum é suficiente — que sinto em Praga, não era um medo especial de Gmünd”. Ele já explicara que “quando se põe limites ao ‘medo’ ou ao ‘desejo’, como o fazes em tua última carta, a pergunta deixa de ser fácil, mas sim simples respondê-la. *Nesse caso apenas sinto medo*”. (LM, 146)

A gênese da dicotomia, prosseguiu ele para Milena, foi um incidente envolvendo uma balconista que trabalhava numa loja de roupas defronte ao apartamento da família de Kafka quando ele estava se preparando para seu primeiro exame público de direito. Usando uma linguagem de sinais que deve ter sido muito expressiva, os dois combinaram: ele iria buscá-la quando a loja fechasse. No horário combinado ele foi para a porta da loja, mas lá estava também outro homem, a quem ela deu o braço. A moça fez mais sinais, que ele interpretou corretamente como um pedido para que os seguisse. Depois de

pararem em um bar com mesas na calçada, onde Kafka sentou-se a uma mesa ao lado, o casal continuou a andar até chegarem ao prédio onde morava a moça, com Kafka ainda na esteira. O outro homem despediu-se, a moça entrou correndo na casa, e Kafka esperou. Ela logo reapareceu e, sem mais cerimônias, os dois foram para um hotel em Kleinseite. “Tudo isto, mesmo antes de chegar ao hotel, era excitante, encantador e horrível, no hotel também”, ele contou depois a Milena. Mais tarde, ele percebeu: “me sentia, não obstante, feliz; mas essa felicidade apenas consistia em que por fim se tivesse acalmado meu corpo sempre atormentado, e mais, a felicidade consistia fundamentalmente em que tudo isso não teria resultado ainda mais repugnante, ainda mais imundo”. Ambos se encontraram mais uma vez, dois dias depois, e então ele partiu para o campo, após o que não pôde suportar a mera visão da balconista, que claramente ficou perplexa com tal mudança de atitude. A razão conhecida por ele, embora não fosse a única, era que ela havia feito algo levemente repulsivo no hotel (que não valia a pena mencionar), dissera algo levemente obsceno. Esse algo bastou para dizer a Kafka que

essa coisa repugnante e essa obscenidade, embora exteriormente desnecessárias, no fundo formavam uma parte muito necessária do todo, e que justamente essa repugnância e essa obscenidade (cujo diminuto sintoma havia sido o pequeno gesto, a pequena palavra) era o que me havia levado com tanto demente poder a esse hotel, que de outro modo eu teria evitado com minhas derradeiras forças.

E como foi dessa vez, continuou sendo-o sempre. Meu corpo, às vezes silencioso durante anos, se sentia de repente agitado até não poder dormir de noite, por esse desejo de uma pequena, de uma bem definida abominação, de algo levemente repugnante, penoso, imundo; mesmo no que para mim era o melhor que o mundo podia dar-me, havia sempre algo disso, certo leve mau odor, algo sulfuroso, algo infernal. (*LM*, 146-7)

O significado desse magnífico trecho de prosa pode resumir-se a algo simples: os aspectos do ato sexual que repeliam e “assustavam” Kafka eram os mesmos de que ele necessitava para despertar e talvez também manter seu desejo.

No caso de relações estritamente transitórias com mulheres — as



balconistas, garçonetes etc. —, não haveria tempo suficiente para que a repulsa misturada a *strach* superassem *toucha*. Em relacionamentos mais longos, a situação logo se tornava precária. Por exemplo, as ligações em Zuckmantel (com uma mulher madura) e Riva (com a jovem cristã), que ocorreram fora do cotidiano de Kafka em Praga e não excediam algumas semanas em duração potencial, não o mergulharam no pânico. Ao contrário, analisando do ponto de vista dele, haviam sido perfeitas e permaneceram seu padrão-ouro, com base no qual ele avaliaria até o notável sucesso no relacionamento com Felice que obteve durante uma breve estada com ela em Marienbad em julho de 1916.

Ao contrário dessas duas romantizadas aventuras perfeitas, o relacionamento com Hedwig Weiler, a moça que ele conheceu em Triesch, ultrapassou o limite de tempo. Quando, aos 24 anos, Kafka passou parte de suas férias de verão de 1907 em Triesch, na casa de seu tio, Hedwig e ele foram grandes amigos e talvez até amantes. Depois voltaram para casa, ela para Viena e Kafka para Praga, e cartas tomaram o lugar do flerte físico. Isso era satisfatório do ponto de vista de Kafka: ele estava apaixonado e feliz. O relacionamento começou a esfriar quando Hedwig foi para Praga continuar seus estudos. Isso não estava nos planos: ela deveria ter permanecido em Viena, enquanto Kafka nutria implausíveis esperanças de também ir para lá a fim de estudar em uma escola de administração de empresas e especializar-se em comércio exterior. Com Hedwig instalada em sua cidade, Kafka teve de enfrentar a necessidade de levar a intimidade dos dois a algum nível mais elevado, ou pelo menos mantê-la. Quando ele escreveu a Hedwig no início de 1908, poucos meses depois que ela chegara a Praga, mostrou-se relutante e frio. Pode-se sentir que tinha os dentes cerrados. Um ano se passou, e a saudação não era mais “*Du, Liebe* [tu, amor]”. Ele se refugiara no formal *Sie*, saudando-a como “*Geehrtes* [honrada] *Fräulein*”, e anunciou que estava devolvendo todas as cartas dela. Com isso, provava um axioma que ele registraria em seu diário anos depois: “Eu nunca me casaria com uma moça com quem tivesse vivido na mesma cidade por um ano”. (*D*, 223)

A mulher que ele passou quase cinco anos tentando desposar, boa parte desse tempo usando suas habilidades polemísticas de advogado para persuadi-la de que o casamento seria desastroso e escrevendo-lhe pelo menos uma vez por dia durante meses, foi Felice Bauer (1887-1960), nascida em Neustadt, na Alta Silésia (hoje Prudnik, na Polônia). Dois irmãos de Felice, Erna e Ferdinand (“Ferry”), são mencionados nos diários e na correspondência com alguma frequência: Erna porque amparara Kafka, particularmente durante a crise de julho de 1914, quando seu primeiro noivado com Felice foi rompido, levando-o a crer que o compreendia e poderia estar do seu lado; e Ferry porque suas transações financeiras eram uma fonte de problemas para Felice e para o resto da família. Os Bauer haviam se mudado de Neustadt para Berlim em 1899. Herr Bauer, um corretor de seguros, também causara problemas: por seis anos, até 1910, tivera uma amante e vivera com ela em outro bairro de Berlim. Manter duas casas fora financeiramente muito oneroso e abalara as finanças da família. Para conseguir mais uma fonte de renda, em 1908 Felice deixou a escola de administração em que estudava e foi trabalhar como estenógrafa para uma firma de discos gramofônicos. Um ano depois, foi contratada pela Carl Lindström A. G., fabricante e distribuidora de ditafones, e saiu-se tão bem que logo a promoveram. Na época em que Kafka a conheceu, ela se tornara gerente da firma (*Prokuristin*). Parte da equivocada afeição de Kafka por Felice provinha da admiração que ele sentia — ou dizia sentir — pelo talento dela para os negócios e por sua eficiência, além de outras qualidades que, embora louváveis de modo geral, tornavam-na irremediavelmente inadequada como esposa para ele.

O primeiro encontro dos dois ocorreu na noite de 13 de agosto de 1912, no apartamento dos pais de Max Brod. Felice fizera uma escala em Praga a caminho de Budapeste para assistir ao casamento de uma irmã e fora visitar os Brod. Tinha laços familiares com eles: seu primo, Max Friedmann, era casado com a irmã de Max Brod, Sophie. O casal morava em Berlim, e Felice era amiga deles. Kafka, visitante assíduo dos Brod, fora ao apartamento para examinar com Max a ordem de dezoito de seus textos curtos em prosa que

constariam do pequeno volume finalmente publicado pela Rowohlt como *Contemplação* [*Betrachtung*] em 1913. Kafka tinha dúvidas quanto ao acerto do projeto e, em um momento de nervosismo que acomete muitos escritores, escreveu em seu diário: “Se a Rowohlt o devolvesse, eu poderia trancafiá-lo novamente como se nada tivesse acontecido e assim eu poderia ser apenas tão infeliz quanto antes”. (D, 207) A presença de Felice frustrou o propósito da visita de Kafka. A conversa girou em torno de fotografias tiradas durante a viagem de Kafka e Brod a Weimar no mês anterior, das peças a que Felice assistira, do trabalho dela, das famílias Brod e Bauer e do sionismo. Mencionou-se que Felice estudara hebraico e era sionista, e Kafka, em um singular momento de ousadia, propôs que no ano seguinte fossem juntos à Palestina. Ela concordou, e os dois selaram o acordo com um aperto de mão. Eis como ele descreveu a jovem uma semana depois:

Srta. F. B. Quando cheguei à casa dos Brod ela estava sentada à mesa e pensei que fosse uma criada. Não tive curiosidade alguma de saber quem ela era, e de imediato deixei de prestar-lhe atenção. Um rosto ossudo e vazio que usava a vaziez abertamente. Garganta desnuda. Uma blusa jogada por cima. Parecia muito caseira no vestir-se, embora, como depois se evidenciou, não o fosse absolutamente. (Alieno-me dela um pouco por inspecioná-la tão atentamente. Em que estado me encontro agora, com efeito, alienado de tudo o que é bom, e ainda não acredito [...]) Nariz quase quebrado. Loura, cabelos um tanto lisos, desgraciosos, queixo forte. Enquanto eu me sentava, observei-a de perto pela primeira vez, e assim que me sentei eu já tinha uma opinião inabalável. (D, 207)

Ele ampliou a descrição em uma assombrosa carta a Felice várias semanas depois — na fase inicial da correspondência entre eles — na qual, “para refutar o comentário [dela] de que fora pouco notada naquela noite”, apresentou provas de uma recordação perfeita. Lembrou-se de tudo, até mesmo os chinelos de Frau Brod com os quais Felice andara pela casa porque seus sapatos se haviam molhado na chuva, suas pernas cruzadas e o modo de puxar os cabelos quando alguém tocou piano, e o momento embaraçoso quando, na volta para o hotel onde ela estava hospedada, acompanhada por ele e pelos Brod, ele quis passar junto com ela na porta giratória e quase pisou em

seus pés. (LF, 16-7). A primeira das cartas de Kafka, formal e empolada, foi escrita em 20 de setembro. Ele usou como introdução a promessa que ela fizera de acompanhá-lo à Terra Santa:

Pois bem, se ainda deseja fazer essa viagem — você afirmou naquele momento não ser volúvel, e não vi sinais disso em você — então será não apenas acertado, mas absolutamente essencial começar a discutir a viagem de imediato. (LF, 5)

Na realidade, não era necessário um pretexto desse tipo para justificar a correspondência. Felice tinha 25 anos e Kafka 29. Segundo o costume da classe média judaica, já era mais do que hora de casar — especialmente para Felice —, e um namoro epistolar depois de uma apresentação, planejada ou fortuita, na casa de parentes ou amigos era um caminho aceito para o matrimônio. A carta de Kafka era incomum apenas no nível de ansiedade detectável por trás do anteparo da visita à Palestina e em um insincero aviso sobre seus hábitos como correspondente:

Sou um missivista irregular [...] Por outro lado, nunca espero que me escrevam em resposta; mesmo quando aguardo uma carta dia após dia com renovada expectativa, nunca me deceptio quando ela não chega, e quando ela finalmente chega tendo a me surpreender. (LF, 5)

O oposto era verdade: Kafka escrevia cartas compulsiva e profusamente e se transformava num déspota histérico quando não recebia a resposta de imediato, bombardeando Felice com telegramas e repreensões. Se fosse tão moderno quanto Felice, telefonaria, e como resultado sua persistência seria ainda mais intolerável, embora menos bem documentada.

Dois dias depois de remeter a primeira carta a Felice, Kafka, trabalhando sem interrupção noite adentro, escreveu “O veredicto”, uma experiência tão intensa que ele anotou no diário: “Só *dessa maneira* se pode escrever, só com essa coerência, com tão completa abertura do corpo e da alma”. (D, 213) Ele dedicaria essa história, quando publicada, a Felice. As iniciais dela, F. B., são as mesmas da noiva de “O veredicto”, Frieda Brandenfeld. Analisando retrospectivamente cerca de dez meses após o fato, Kafka ponderou que tinha

“indiretamente uma dívida para com ela pela história”. (*D*, 228)

Não é preciso aprofundar-se muito na correspondência para que aflorem os traços de personalidade e padrões de comportamento mais perturbadores de Kafka. A angústia com o significado de uma resposta tardia — será que ela está doente, será que a carta dela ou dele foi mal endereçada ou perdida, será que ele fizera algo que a ofendera, haveria alguma outra razão para que ela não respeitasse os imperativos do relacionamento epistolar entre os dois, como a obrigação de responder às cartas dele imediatamente — e as reclamações tornaram-se uma constante na correspondência. Descobrimos Kafka dando o extraordinário passo, quase impensável dada sua usual timidez, de pedir a Sophie Friedmann, irmã de Brod, que intercedesse junto à prima e a convencesse a responder as cartas dele. Quando a desejada resposta finalmente chega e ele é comunicado de que uma carta anterior realmente fora perdida, expressa satisfação e, ao mesmo tempo, deixa um alerta:

Esse tropeço inicial em nossa correspondência pode ter sido algo muito bom: pelo menos sei que, mesmo se cartas forem perdidas, tenho permissão para escrever-lhe. Mas que seja este o fim das cartas perdidas. (*LF*, 11)

Entretanto, não há fim para os acessos de histeria e as reprimendas:

Querida, o que terei feito para levar-te a me atormentar dessa maneira? Nenhuma carta hoje de novo, nem na primeira nem na segunda entrega do correio. Tu me fazes sofrer tanto [...] Se for para eu seguir vivendo, não posso continuar a esperar em vão notícias tuas, como tenho feito nestes poucos e intermináveis dias. (*LF*, 50-1)

Esse padrão repete-se com letal monotonia até que a correspondência finalmente cessa em 1917, cinco anos depois de ter começado.

Outra nota irritante que se repetirá soa já na segunda carta: é a obsessiva intromissão de Kafka. Ele pede a Felice que lhe escreva “um pequeno diário”:

Deve anotar, por exemplo, a hora em que vai para o escritório, o que comeu no café da manhã, o que vê da janela de sua sala, que tipo de trabalho faz lá, os nomes de seus amigos e amigas, por que ganha presentes, quem tenta prejudicar sua saúde dando-lhe doces e as milhares de coisas de cuja

existência e possibilidades eu nada sei. (LF, 7)

Essa estranha mistura de voyeurismo e necessidade de controlar torna-se cada vez mais flagrante: ele insiste com Felice para que ela vá ao ginásio duas vezes por semana, evite trabalhos de agulha e se abstenha de tomar Pyramidon para as dores de cabeça que ele teme serem consequência de ela ficar acordada até altas horas escrevendo para ele. (LF, 19) Ele a adverte para não ver gente demais e não dar fotografias dela a meros conhecidos (LF, 29), e pergunta se não seria melhor que ela passasse o verão em um sanatório em vez de levar adiante seus planos de férias. (LF, 63) Ele a aconselha a não descer do bonde em movimento e pergunta se ela foi ao oculista (LF, 31), recomenda-lhe não beber chá, substituindo-o por leite, e se diz preocupado com a qualidade da comida a que ela tem acesso no escritório. (LF, 163) Em meio a uma grave crise no relacionamento dos dois, precipitada pelo temor de Kafka de que o afeto de Felice por ele tenha arrefecido, ele a lembra de que ela prometera começar a praticar os exercícios de Müller e a fazer relatos contínuos sobre a prática. (LF, 299)

Kafka leva cinco semanas para progredir de “*Sehr geehrtes* [muito honrada] *Fräulein*” para “*Liebes Fräulein Felice*”; em mais uma semana ela se torna “*Liebstes* [caríssima] *Fräulein Felice*”, e outra semana se passa até que ele a trate por *du* (em vez do mais formal *sie*):

Pedirei agora um favor que parece um tanto louco [...] é o seguinte: escreve-me apenas uma vez por semana, de modo que tua carta chegue no domingo — pois não consigo suportar tuas cartas diárias [...] Por exemplo, respondo a uma de tuas cartas, depois me deito na cama em aparente calma, mas meu coração bate no corpo inteiro e tem consciência apenas de ti. Pertenço-te: realmente não existe outro modo de expressar isso, e esse não é suficientemente forte. Mas por essa razão não quero saber o que estás vestindo: isso me desnorteia a tal ponto que não consigo lidar com a vida; e é por isso que não quero saber se estás favoravelmente disposta em relação a mim. Se soubesse, como poderia eu, bobo que sou, continuar sentado no escritório, ou aqui em casa, em vez de pular num trem de olhos fechados e só abri-los quando estivesse contigo? Ah, existe uma triste, triste razão para não fazer tal coisa. Para resumir: minha saúde é boa o suficiente apenas para mim, sozinho, não boa o suficiente para o casamento, e muito menos para a paternidade. Contudo, quando leio tua carta, sinto que poderia desconsiderar até o que não pode absolutamente ser desconsiderado.

[...] Quem me dera ter remetido a carta de sábado, na qual te implorei para que nunca mais me escrevesse, e fiz promessa semelhante [...] Mas será possível agora uma solução pacífica? Ajudaria se nos escrevêssemos somente uma vez por semana? Não, se meu sofrimento pudesse ser curado por esse meio, não seria sério. E já prevejo que não serei capaz de suportar sequer as cartas de domingo. Assim, para compensar a oportunidade perdida no sábado, peço-te com a energia que me resta no final desta carta: se damos valor às nossas vidas, abandonemos tudo isso.

Pensei em assinar-me *Dein* [teu]? Não, nada poderia ser mais falso. Estou agrilhoado a mim mesmo para sempre. É isso que sou, e é com isso que tenho de tentar viver. (LF, 37)

Está tudo ali, em poucas palavras: a ofensiva de sedução que Kafka iniciara, tendo a conquista de Felice por objetivo; a fuga reflexa assim que o objetivo está ao alcance; a insistência em lidar com Felice e o futuro de ambos somente nas condições estipuladas por ele; e a autodepreciação como uma potente defesa contra a intimidade que requer mais do que palavras. Na carta seguinte, Kafka está extático com a aceitação por Felice do princípio do *du*. Mas, como se desejasse manter a ordem, ele insere um amargo lembrete dos limites ao que eram um para o outro, além de uma insinuação de sua incapacidade para o casamento e de um ilimitado e irremediável egocentrismo.

A despeito desses sinais de alerta, a luta pelo coração de Felice não foi longa nem desmedidamente árdua. Com oito semanas de correspondência, ela se rendera, tratando-o por *du*, permitindo-lhe chamá-la *Liebste, liebste* [querida]. Qual seria o próximo passo? Os judeus de classe média daquela época em Berlim, Viena ou Praga não primavam pelo puritanismo, e Felice estava em idade de fazer o que bem entendesse. Poderíamos supor com segurança que, se os dois se encontrassem a sós no lugar certo, ela teria entregado sua virgindade sem fazer drama. Bastaria apenas que Kafka fosse a Berlim ou combinasse um encontro em algum lugar a meio caminho e a convidasse, por exemplo, para ir ao seu quarto de hotel. Fazer a viagem de Praga a Berlim e de volta a Praga em um fim de semana curto certamente era cansativo, mas Kafka não tinha nem trinta anos, e sabe-se que homens dessa idade e mais velhos fazem jornadas mais árduas para ter sua amada nos braços. Alguns meses depois, Kafka reconheceu espontaneamente o absurdo

de sua conduta. Imaginou uma conversa entre Felice e uma de suas colegas de escritório:

“Esse homem [Kafka] já veio a Berlim nos últimos três meses? Não? Mas por quê? Ele sai de Praga no sábado ao meio-dia, ou, se não for possível, então ao anoitecer, passa o domingo em Berlim e volta para Praga à noite. É meio cansativo, mas bastante viável. Por que ele não faz isso?” Minha pobre querida, o que tu dirias? (LF, 184)

De fato, o que poderia Felice dizer a respeito desse estranho pretendente? A questão tinha certa urgência, já que o feriado de Natal de 1912 aproximava-se, e não era mais estritamente necessário comprimir a visita a Berlim em um fim de semana. Seria de se esperar que, a essa altura, tanto Kafka como Felice tivessem por certo que finalmente tornariam a encontrar-se, presumivelmente em Berlim. Não era para ser. As cartas se sucedem, rápidas e densas, Kafka mais uma vez reclamando que as respostas de Felice não chegam pontualmente. A tensão crescente na correspondência transtorna Felice a tal ponto que ela pede a Brod para interceder. Ele é bem-sucedido, e as cartas prosseguem, alternando reprimendas e desculpas. Aparentemente, o assunto do feriado de Natal foi trazido à baila por Felice, e apenas na segunda metade de novembro. Percebem-se a consternação e o sobressalto de Kafka em sua resposta. Ele avalia que o feriado vem a calhar para que ele “tenha uma razoável folga de Natal” e de imediato ressalta estar decidido a usar esses dias exclusivamente para seu romance — *Amerika* — e talvez *A metamorfose*, e que, ainda assim, perderia um dia de feriado por causa do casamento de sua irmã. Depois, desvencilha-se de Felice e do problema de ambos:

Além disso, não me lembro de alguma vez ter viajado no Natal: arrastar-me para um lugar num dia, arrastar-me de volta no outro: a futilidade de tal empresa sempre me pareceu opressiva. E o teu feriado, querida, como será? Ficarás em Berlim apesar de precisares tanto de um descanso? Querias ir para as montanhas. Onde? Algum lugar onde ficarias acessível para mim? Sabe, eu estava decidido a não mostrar o rosto antes de concluir o romance, mas me pergunto, *embora só esta noite*, seria eu mais digno ou no mínimo menos indigno de ti, querida, depois de terminá-lo antes? E não é mais importante permitir aos meus pobres olhos banquetear-se contigo do que dar rédeas soltas à minha mania de escrever durante seis dias e noites consecutivos? Tu mo dirás. Eu digo a mim



mesmo um grande “Sim”. (*LF*, 71-2)

Não sabemos como Felice respondeu a essa desentusiasmada e insincera proposta. Nada mais foi dito a respeito de Berlim até o começo de dezembro, quando Kafka, à sua maneira de mãe judia, repreende Felice por ficar em Berlim — haverá parentes, festas, danças, “e é assim que pensas em descansar?” — e informa que ficara ainda mais incerta para ele a viagem no Natal, pois o casamento de sua irmã fora adiado até 25 de dezembro, “ameaçando com isso perturbar todos os meus dias de férias anteriores ao Natal. Mas também receberás visitas que poderiam barrar-me de Berlim. [...] Bem, ainda há tempo e portanto esperança”. (*LF*, 81) Em seguida, provavelmente por estar confiante de que o assunto está seguramente decidido, ele se permite um momento de nostalgia:

Querida, estou ficando muito desgostoso comigo mesmo. Se eu tivesse juntado todas as horas gastas em escrever-te para usá-las numa viagem a Berlim, há tempos teria estado contigo e poderia estar olhando em teus olhos. Entretanto cá estou, escrevendo páginas de absurdidades como se a vida continuasse para sempre e nem um momento a menos. (*LF*, 87)

A valsa da hesitação entre querer ir a Berlim e encontrar razões para não ir prossegue até que ele finalmente faz uma visita em março seguinte. No processo que conduziu a esse evento, ele escreve, no dia seguinte ao Natal: “quando tornarei a ver-te? No verão? Mas por que no verão, se não te vi no Natal?”. (*LF*, 125) Ele diz a Felice que a pergunta que lhe fizera “sobre ir a Berlim no dia 1º [de abril] foi, na verdade, uma espécie de piada, mesmo que não tencionasse ser particularmente engraçada”. (*LF*, 216) Finalmente, duas semanas depois, ele lhe faz “uma pergunta direta”: ela poderia dispor de uma hora no domingo ou segunda de Páscoa para vê-lo? Embora ele conheça várias pessoas em Berlim, assegura-lhe que não as visitará; no hotel, ficará perto do telefone e aguardará que ela o chame. E no mesmo instante em que dá um passo adiante, dá dois para trás. Abordando o tema que será amplamente desenvolvido em suas cartas subsequentes, ele a informa de que não é um namorado ou pretendente que ela pudesse sensatamente aceitar:

Assim, a questão mais importante é se consideras isso uma coisa boa e se estás ciente do tipo de visitante que espera. Mas não quero ver teus parentes, querida: não estou em condições para isso no momento, e estarei ainda menos em Berlim; e quando digo isso não estou sequer levando em conta que mal me resta um terno para apresentar-me diante de ti, até mesmo de ti. Não que isso tenha a menor importância, mas fica-se tentado a evitar as questões importantes, as quais de qualquer maneira irás ver e ouvir — e refugiar-se nas desimportantes. Portanto, reflete bem, Felice. Talvez não tenhas tempo, e nesse caso será desnecessário pensar: todos deverão estar em casa na Páscoa — teu pai, teu irmão, tua irmã de Dresden; tua mudança iminente [para um novo apartamento da família] há de ocupar-te; terás de tratar dos preparativos para tua viagem a Frankfurt. Em suma, compreenderei perfeitamente se não tiveres tempo; não estou dizendo isso por causa de minha indecisão, pois nesse caso eu faria um esforço e iria a Frankfurt em abril, caso assim o preferisses. (LF, 224)

No dia seguinte:

algo desagradável, mas bem típico de mim. Não sei se poderei ir. Ainda não é certeza hoje, amanhã poderá ser definitivo [...] Mas continua a amar-me apesar dessa irresolução. (LF, 224-5)

Durante a noite seguinte, ele a lembra de que a viagem “depende sobretudo do que pensas dela”. (LF, 225) Na carta seguinte, talvez porque Felice não respondera e ele começasse a achar que ela não queria vê-lo, o que o tiraria do apuro, ele diz que:

*Estritamente falando*, o obstáculo à minha viagem ainda existe e receio que continuará a existir, mas perdeu sua importância como *obstáculo*: assim, no pé em que estão as coisas, eu poderia ir. Só queria dizer-te isso apressadamente, querida. Nenhuma carta! (LF, 226)

Isso foi em 18 de março. Quando ele escreve de novo, a carta de Felice concordando com a visita foi recebida. Isso provoca imediatamente uma tentativa de jogar água fria no projeto:

Irei a Berlim por nenhuma outra razão além de dizer-te e mostrar-te — a ti, que foste iludida por minhas cartas — quem realmente sou. Serei capaz de deixar isso mais claro pessoalmente do que pude fazê-lo por escrito? Escrevendo, fracassei, pois frustrei meu propósito, consciente e inconscientemente; mas quando eu realmente estiver aí, pouco poderá ser encoberto, mesmo se eu fizer um esforço para tal. A presença é irrefutável. (LF, 226)

Quanto a se aparecerá de fato, ele fica em cima do muro:

Onde poderei encontrar-te então no domingo de manhã? Todavia, caso eu ainda seja impedido de ir, mandarei um telegrama no sábado o mais tardar. (*LF*, 226)

Nos três dias seguintes ele envia sinais contraditórios sobre a reunião de negócios da qual talvez fosse obrigado a participar. O último comunicado nessas linhas é uma carta de três palavras postada na Sexta-Feira Santa: “Ainda indeciso. Franz”. (*LF*, 228) No fim, ele de fato vai a Berlim, e envia por um mensageiro uma carta do hotel Askanische Hof, onde sempre se hospeda:

Mas o que houve, Felice? Decerto recebeste minha carta expressa na sexta-feira na qual anunciei que chegaria no sábado à noite [...]. E agora estou em Berlim, e terei de partir novamente esta tarde às quatro ou cinco; as horas estão passando, e nenhuma notícia tua [...]. Estou sentado no Askanische Hof — esperando. (*LF*, 228)

Muito provavelmente a carta expressa foi perdida; não estava incluída nas correspondências vendidas por Felice.

O breve encontro correu bem, se sucesso ou fracasso forem julgados por critérios normais: eles concordaram em ver-se novamente em Berlim, dali a várias semanas, no fim de semana de Pentecostes; e na primeira carta escrita depois que ele voltou para Praga, Kafka diz a Felice:

Desde que parti de Berlim houve poucos momentos em que não fui teu de maneira integral, fundamental e abrangente [...] Quão perto cheguei de ti com minha visita a Berlim! Respiro somente através de ti. Mas não me conheces bem o bastante, querida e diletta, embora me seja incompreensível que possas ter fechado os olhos para as coisas que estavam acontecendo ao teu lado. Somente por bondade? E se isso for possível, não poderá tudo ser possível? Mas escreverei sobre isso com mais detalhes. (*LF*, 229-30)

Na verdade, seu elã diminuía. Um mês se passaria antes de ele escrever outra carta prolixa. Mas sem demora ele traz à baila um assunto que já insinuara antes:

Meu único temor — sem dúvida nada pior pode ser dito ou ouvido — é que eu nunca venha a ser capaz de possuir-te. Na melhor das hipóteses eu estaria restrito, como um cão impensavelmente fiel, a beijar tua mão displicentemente oferecida, o que não seria sinal de amor, mas do desespero do animal condenado ao silêncio e à separação eterna [...]

Se isso for verdade, Felice — e para mim parece não haver dúvida —, então seguramente tive razão ao me separar de ti seis meses atrás, e ademais uma boa razão para rejeitar qualquer vínculo convencional contigo, já que as consequências desse vínculo só poderiam ser apartar meu desejo das débeis forças que ainda me sustentam — a mim que sou inadequado a esta terra — nesta terra hoje. (LF, 233)

Dois dias depois ele escreve a Brod e diz que remeteu “sua grande confissão a Berlim” e que julga estar “solapando toda a base na qual ela antes vivia, feliz e em sintonia com o mundo todo”. (L, 95)

Tendo lançado essa bomba, Kafka reconsidera. Escreve com a frequência habitual, mas as cartas tornam-se atipicamente breves. Ele recebe “inesperadamente” uma carta de Felice. Isso o põe em um compreensível estado de nervosismo, pois ele não tem certeza se a confissão já chegou a Berlim e causou o dano previsto, e por isso diz a Felice que não tem notícias, sem dúvida porque lhe revelou demais. E então acrescenta a seguinte nota:

Não, tua carta expressa acaba de chegar. Querida, para ti que não compreendeste, nem poderias ter compreendido aquela carta, meus temores devem parecer idiotas; mas eles são horrivelmente bem fundamentados. (LF, 236)

É difícil acreditar que Felice não tenha entendido a alusão de Kafka à sua impotência. Mas ela não parece ter sido muito afetada. Muito provavelmente ela tinha confiança em seu poder de atrair e encorajar — se lhe fosse dada a oportunidade. Sua resposta deve ter sido tranquilizadora, pois durante algum tempo nada mais foi dito sobre o assunto; em vez disso, Kafka informa-lhe que está trabalhando com um jardineiro em Nusle, um subúrbio de Praga, “na chuva fria, só de camisa e calça”. (LF, 238) Mas talvez ele se lembre de que ela não foi desencorajada pela primeira alusão às suas limitações. Essa insinuação fora feita, como vimos, na ocasião em que pela primeira vez ele ousou tratá-la por *du*. Se Felice está preocupada com a declarada

incapacidade de Kafka para “possuí-la”, guarda para si seus receios e, fortuitamente ou de propósito, faz um brilhante lance tático. Ela parte de Frankfurt para Hanover a fim de ocupar-se com a apresentação que sua empresa está preparando em uma feira de negócios. Kafka deixa de tê-la com certeza no apartamento dos pais ou no trabalho, lugares que ele já imaginara e com os quais se familiarizara; em vez disso, ela conta com o escudo de seus compromissos de viagem contra a barragem de cartas, cartões-postais e telegramas mandados por ele. Para variar, ele se concentra em conservá-la. Quanto à intrigante questão de Kafka ser ou não impotente de fato, não há uma resposta confiável a ser dada. No entanto, podemos razoavelmente supor que sua impotência fosse apenas intermitente, e que ele necessitasse de circunstâncias especiais envolvendo a quantidade e a combinação exatas de *strach* e *toucha* para conseguir realizar o ato. O fato de ele ter frequentado bordéis e recorrido a prostitutas semiprofissionais não prova coisa alguma. Bordéis têm por especialidade atender a clientes com dificuldades nas relações sexuais.

Subjacente aos recuos, urdiduras e tormentos no relacionamento de Kafka com Felice está sua ideia de que o casamento era um dever que ele precisava assumir e talvez o único caminho para a felicidade tranquila, ideia essa combinada ao medo da aridez de uma vida de velho solteirão. Desta última, ele ponderara todos os amargos horrores. Por exemplo, em “A infelicidade do celibatário”, texto incluído em *Contemplação*, lemos:

Parece tão ruim permanecer solteiro e já velho pedir acolhida — mantendo com dificuldade a própria dignidade — quando se quer passar uma noite em companhia das pessoas, estar doente e do canto da sua cama fitar semanas a fio o quarto vazio, despedir-se sempre na porta do prédio, nunca abrir caminho para o alto da escada ao lado da esposa, ter no quarto apenas portas laterais que dão para apartamentos de estranhos, trazer numa das mãos o jantar para casa, ter de admirar os filhos alheios e não poder continuar repetindo “não tenho nenhum”, tomar por modelo, no aspecto físico e no comportamento, um ou dois celibatários das lembranças de juventude. (CS, 394-5)

Ironicamente, sua ideia de que o casamento e a formação de uma família são parte indispensável da realização de um homem e precondição para sua

felicidade encontra sua mais nobre — e mais pungente — expressão em uma anotação no diário feita em 1922, depois do rompimento com Milena. Embora a separação fosse irreparável, ela continuou a visitá-lo esporadicamente. A condição física e mental de Kafka chegara ao fundo do poço, e embora ele logo viesse a iniciar *O castelo*, naquele momento não tinha razão para julgar que voltaria a ser capaz de trabalhar. “Sem antepassados”, ele escreveu,

sem casamento, sem herdeiros, com uma ânsia visceral por antepassados, casamento e herdeiros. Eles todos estendem-me a mão: antepassados, casamento e herdeiros, porém demasiado distantes de mim.

Existe um substituto artificial, deplorável para tudo, antepassados, casamento e herdeiros. Febrilmente engendramos esses substitutos, e se a febre ainda não nos destruiu, a desesperança dos substitutos o fará. (*D*, 402-3)

Na ausência dessa profunda convicção de que o casamento, embora repulsivo, era necessário, seria impossível compreender que por cinco anos ele buscasse Felice — a mulher de “rosto ossudo e vazio que usava a vaziez abertamente”. (*D*, 207) Sobre a compreensão que Felice tinha dele, depois de dois anos e meio de correspondência às vezes diária, ele pôde dizer: “F. com grande probabilidade não compreende coisa alguma, o que, dado nosso inegável relacionamento íntimo, a situa em posição muito especial”. (*D*, 339) Evidentemente, tendo escrito tal coisa, Kafka recua e tenta moderar a dureza de seu veredicto:

Às vezes eu pensava que ela me compreendia sem perceber: por exemplo, na ocasião em que esperava por mim na estação do U-Bahn — eu ansiara insuportavelmente por ela, e na ânsia de alcançá-la o mais rápido possível quase passei por ela correndo, pensando que ela estaria no alto da escada, e ela tranquilamente me pegou pela mão. (*D*, 339)

Mas o veredicto estava além de alteração ou recurso.

No fim de semana de 11 e 12 de maio, o feriado de Pentecostes, Kafka faz a programada segunda viagem a Berlim. Os habituais rodeios precedem o anúncio da ida: “não está nada certo (tenho muito trabalho no escritório) [...] imploro-te que nem penses em vir para me receber”. (*LF*, 252) Mas ele de fato

vai, fica mais com Felice do que na visita anterior e conhece a família dela. Na primeira carta depois de voltar para Praga, o feliz pretendente fala à amada sobre o pensamento que lhe monopolizara a mente quando estava fazendo as malas antes de partir de Berlim: “Não posso viver sem ela, nem com ela”. (*LF*, 255) Dois dias depois ele comenta sobre a família de Felice: “Foi bem condizente com a situação: tu és deles, portanto eles são grandes, tu não és minha, portanto eu fui pequeno [...] devo ter deixado neles uma péssima impressão”. (*LF*, 257) Aparentemente, Felice exige que Kafka escreva ao pai dela, e ele concorda. Passam-se semanas, e singularmente esse inveterado escritor de cartas não se decide a cumprir o prometido. Mas ocorre-lhe uma ideia: pedirá ao pai de Felice que o aconselhe sobre a conveniência do casamento: “Pedirei a ele, caso não me rejeite de vez, que indique um médico de sua confiança, pelo qual me permitirei ser examinado”. (*LF*, 261) Examinado com que finalidade? Será a impotência à qual Kafka já aludiu? Alguma outra coisa? Existem, Kafka diz a Felice,

para mim certas dificuldades das quais tens uma vaga noção, mas que não levas suficientemente a sério, e não o farias mesmo se estivesses totalmente a par delas [...] há cerca de dez anos venho sentindo cada vez mais que não estou em perfeita saúde. (*LF*, 260)

O médico compreenderia a situação? Nada é mais incerto, ele escreve em 16 de junho: o próprio médico de sua família, “com sua estúpida irresponsabilidade”, está desnortado. (*LF*, 269) Mas depois de dizer a Felice que o que se interpõe entre eles dois é o médico, Kafka finalmente faz a pergunta que ela sem dúvida quer ouvir: “poderias considerar se desejas ser minha esposa?”. Nem bem tais palavras saem e ele já recomeça a explicar por que seria um erro desposá-lo. Ela perderia Berlim, o trabalho que apreciava, os amigos,

a perspectiva de casar com um homem respeitável, alegre, sadio, ter belos filhos sadios [...] No lugar dessas perdas incalculáveis ganharias um homem doente, fraco, insociável, taciturno, formalista, quase imprestável, que possivelmente tem uma virtude, a de te amar. (*LF*, 272)

Nessa longa carta há apenas uma coisa que ele julgou poder dizer sobre si mesmo: “Tudo que possuo são certas faculdades que, a uma profundidade quase inacessível sob condições normais, tomam forma em literatura”. (*LF*, 270)

Ela dá a resposta, “uma palavrinha num cartão-postal”; a palavra é sim, e Kafka sente “os joelhos começarem a tremer”. (*LF*, 273) Ele quer assegurar-se de que Felice refletiu ponto por ponto sobre as objeções que ele apresentou à proposta e as digeriu. O sim deveria ter sido um não, e agora ele é prisioneiro do contrato que propôs. Em 3 de julho — seu trigésimo aniversário — ele diz à mãe que Felice e ele estão noivos. Ela recebe a notícia calmamente e faz um pedido com o qual ele concorda: que ele permita que uma agência de investigações procure informações sobre a família Bauer. Ela não precisava se preocupar quanto a uma precipitação na decisão sobre o matrimônio. Nas oito semanas seguintes, com a determinação obcecada e o frenesi de uma raposa que arranca a própria perna a mordidas para libertar-se de uma armadilha, Kafka dará continuidade ao trabalho de autodemolição. Está decidido a fazer Felice e família concordarem que o casamento não deve se realizar.

E, lentamente, evidencia-se que o problema central pode não ser uma disfunção sexual, mas algo nas linhas de um bloqueio criativo. Ele não escreveu nada por cinco meses. “O foguista” e “O veredicto” haviam sido publicados em maio e início de junho, mas o forte ímpeto que o sustentara ao longo da composição dessas obras e de *A metamorfose* arrefecera. Sem escrever, ele diz a Felice, “sem esse mundo em minha cabeça, esse mundo lutando para ser libertado, eu nunca teria ousado pensar em querer ganhar-te”. (*LF*, 275) É dispensável dizer que ele acrescenta outras razões por que ela não deveria desposá-lo: serão pobres, ele não suporta companhia, precisa de isolamento para escrever — “não ‘como um eremita’, mas como os mortos”. (*LF*, 279) As cartas que ele escreve a Felice tornam-se mais curtas e ele escreve um pouco menos frequentemente.

Aproxima-se o período de férias. Felice decide viajar em agosto para Sylt, uma ilhota frísia que é o ponto extremo do norte da Alemanha. Kafka diz



que só poderá tirar férias em setembro e sugere — talvez não muito a sério — que em vez de ir a Sylt Felice vá ao lago Garda, onde ele pretende passar suas férias em um sanatório. A correspondência prossegue durante o verão, com Kafka alternando entre a autodemolição e explicações sobre a impossibilidade do casamento e, quando sua inquietude é espicaçada, em geral porque ela demorou a escrever, algo nas linhas de renovadas declarações de amor. Ele por fim escreve a carta ao pai de Felice, efetivamente implorando-lhe que impeça o casamento. Mas, em vez de remetê-la a Herr Bauer, ele a envia a Felice, e ao que parece ela não chega a mostrar a carta a seus pais. Mais provavelmente, limita-se a guardá-la junto com as outras missivas de seu estranho amado. Então, em 2 de setembro, Kafka debanda. Argumenta que, dos homens que ele considera seus parentes consanguíneos, Grillparzer, Dostoievski, Kleist e Flaubert, só Dostoievski se casou, e anuncia sua partida para Viena a negócios e em seguida, via Trieste e Veneza, para o sanatório em Riva, no lago Garda. Avisa Felice que não lhe escreverá “apropriadamente” e sugere que quando ele regressar “podemos nos encontrar onde quiseres: depois de todo esse tempo, deveremos ser capazes de ficar calmamente face a face outra vez”. (*LF*, 317) Na verdade, ele manda uma carta em setembro de 1916, de Veneza. Diz a ela que está “prostrado” e conclui: “Que hei de fazer, Felice? Temos de nos separar”. (*LF*, 320) Não voltará a escrever-lhe antes de seis semanas.

É desnorteante tentar imaginar o que Felice pensava de Kafka, das cartas dele, de suas atitudes e exigências esquisitas. Como não há no relacionamento dos dois a questão de uma atração sexual tão poderosa que pudesse levar uma jovem a desconsiderar ou aceitar uma conduta tão bizarra quanto a de Kafka, uma reação natural da parte de Felice seria pôr logo fim à corte, talvez depois de ele ter entrado em parafuso quando ela aceitou o pedido de casamento, ou talvez muito mais cedo, por exemplo quando ele se revelou incapaz ou indesejoso de ir a Berlim no feriado do Natal. O que a fez continuar? Certamente Kafka era bem-apegoado, e podia ser encantador e brilhante quando superava sua paralisante timidez. Ela o conhecera na casa da

respeitada família Brod, e ele tinha um emprego garantido no Instituto de Seguro. No entanto, a remuneração nesse emprego não era das melhores, e o potencial de aumento era limitado. Na melhor das hipóteses, era um pretendente aceitável para essa jovem que poderia esperar ser cortejada, como salientou o próprio Kafka, por homens animados e honrados. Ele tinha o direito de escrever-lhe cartas e receber resposta, contanto que as cartas permanecessem convencionais e tivessem como objetivo presumido o matrimônio. Em vez disso, ela se viu envolvida numa troca de correspondência com um maníaco.

Uma possível explicação para a conduta de Felice é que, com ou sem a influência de Brod, ela reconheceu que Kafka era um gênio além de uma espécie de louco. Ou talvez ela simplesmente sucumbisse ao poder mágico das cartas dele. Qualquer que tenha sido a razão, Felice não desistiu. Em uma carta com data de 29 de outubro, Kafka lhe disse: “Meu anseio por ti é tamanho que me oprime o peito como lágrimas que não podem ser choradas”. (*LF*, 321). Em vez de ser repelida pelo que poderia parecer a prova conclusiva do desequilíbrio de Kafka, ela envia Grete Bloch (1892-1944?) para reparar o relacionamento. Não deve ter sido uma empresa fácil, dado o furacão de autocontradições que eram os sentimentos de Kafka. Escrevendo em fins de setembro do sanatório em Riva — onde ele se apaixonara por uma moça suíça cristã e “vivera quase totalmente dentro da sua esfera de influência” (*D*, 232) — ele disse a Max Brod que

cada casal em lua de mel, tanto faz se me ponho ou não no lugar deles, é para mim uma visão repulsiva, e quando quero enojar-me basta imaginar que passo o braço em torno da cintura de uma mulher.

Duas sentenças depois ele bate parcialmente em retirada e repete o que já escrevera certa vez a Felice: “Não posso viver com ela [Felice] e não posso viver sem ela”. (*L*, 102)

Grete não era uma emissária qualquer. Cinco anos mais nova do que Felice e mais bonita, Grete era natural de Berlim. Em contraste com Felice,

ela se formara em uma escola de administração, e depois trabalhara como estenógrafa, primeiro em Berlim, depois em Viena e por fim novamente em Berlim. A amizade entre as duas mulheres era então recente, provavelmente iniciada no verão de 1913. Durou até 1935, quando Grete deu as cartas que Kafka lhe escrevera à amiga.

Como lhe havia sido pedido, Grete foi a Praga, encontrou-se com Kafka e, no decorrer dos meses seguintes, fez jus à confiança de Felice em sua eficiência. Um resultado imprevisto dos esforços de Grete foi Kafka escrever também a ela. A correspondência tem início com a carta de Kafka de 1º de novembro e prossegue intensa por um ano até o outono de 1914. Essas cartas, embora revelem um companheirismo afetuoso rapidamente estabelecido, não são de amor. Não há declarações de amor: Kafka trata Grete por “*gnädiges* [graciosa] *Fräulein*” ou “*liebes Fräulein*”; nunca usa a forma *du*. Por outro lado, é impossível resistir à impressão de que Kafka sempre teve mais prazer em escrever para Grete do que para Felice: Grete deve ter sido uma correspondente mais jovial e mais inteligente. Uma curiosa ficção paira sobre a relação de Kafka com Grete. Quando estava morando na Itália, dezesseis anos depois da morte de Kafka, Grete afirmou em carta a uma amiga de Israel que tivera um filho dele e que, aos sete anos, o menino morrera subitamente em Munique. Nada na correspondência de Kafka, nem em seu diário e tampouco nas recordações de Brod contém o menor indício que possa corroborar essa declaração de Grete. E parece ser algo inacreditável, considerando o caráter de Kafka e tudo o que se conhece sobre os locais que frequentou e sua ocupação. Atribuiu-se o caso à terrível pressão que Grete sofreu como judia de nacionalidade alemã vivendo na Itália fascista. Ela foi deportada da Itália e assassinada pelos alemães, mas a data de sua morte é incerta.

Como ocorreu com as cartas de Kafka a Felice, as que ele escreveu a Grete logo chegaram ao cúmulo da intromissão. Passado pouco mais de um mês depois de se conhecerem, ele lhe diz, quando Grete menciona um problema dentário de Felice, que esse é em sua opinião um “dos males mais

repulsivos”, que ele só consegue “deixar passar em pessoas que me são muito caras, e mesmo assim...”. (*LF*, 327) Previsivelmente, Grete interpreta na carta uma expressão de desgosto com o relato feito por ela. Duas cartas depois, Kafka apressa-se a tranquilizá-la:

Interessou-me extremamente, não há nada que eu preferisse ter ouvido; para o meu gosto, você me contou pouquíssimo: o abscesso sob a ponte, a quebra gradativa da ponte, eu gostaria de ter ouvido todos os detalhes e até mesmo perguntado a F. sobre isso em Berlim. (*LF*, 330)

O interesse que ele adquiriu pela vida de Grete parece às vezes fraternal, como quando a aconselha sobre a importância de deixar Viena, uma cidade que considera decadente, e retornar a Berlim. Ele se preocupa com o desenvolvimento cultural de Grete, manda-lhe livros, comenta sobre eles e a incentiva a interessar-se por Franz Grillparzer, um escritor austríaco por quem ele sentia especial afinidade. Mas bem depressa a solicitude transforma-se em necessidade de controlar. “A propósito, como você passa seus domingos”, ele pergunta,

depois de seus esforços durante a semana? É sensato esforçar-se dessa maneira? Você será capaz de manter esse ritmo por muito tempo? Qual era mesmo a doença que você mencionou outro dia? O tempo que você gastou na última carta provavelmente foi roubado de sua hora de almoço, o que é tão errado quanto gentil. Mas não direi mais nada, pois agora, tudo somado, estou mais endividado com você do que com qualquer outro ser humano. (*LF*, 345)

Ou:

Com quem você toca piano e sai para passeios nas montanhas? (*LF*, 347)

Ele volta ao assunto dos dentes — os de Grete, os de Felice e os dele — em assombrosos detalhes em uma carta escrita pouco antes da recepção no apartamento da família Bauer em 1º de junho de 1914, quando seu noivado com Felice tornou-se oficial. Respondendo ao comentário de Grete de que ela estava com dor de dente, ele escreve:

Até agora, porém, eu talvez não tenha sofrido a forma mais terrível de dor de dente, e leio sobre ela em sua carta com a absoluta perplexidade de um menino de escola. A propósito, como é que você cuida dos dentes? Escova-os após cada refeição? (Ai! Eis que me dirijo agora à dama que, graças a uma dor de dente, desconsidera a polidez e a formalidade.) O que dizem os infernais dentistas? Quando lhes caímos nas mãos, temos de suportar a desgraça até o amargo fim. Creio que F., com praticamente a boca inteira de dentes banhados em ouro, tem relativamente poucos problemas. Para dizer a verdade, esse ouro reluzente (um brilho realmente diabólico para esse local impróprio) assustou-me tanto de início que tive de baixar os olhos à vista dos dentes de F. e da porcelana cinza-amarelada. Depois de algum tempo, sempre que podia, relanceava os olhos para eles de propósito a fim de não os esquecer, para atormentar-me, e finalmente para me convencer de que tudo é mesmo verdade. Em um momento de irreflexão, até perguntei a F. se aquilo não a embaraçava. Obviamente, não — ainda bem. Mas agora já quase me conformei totalmente, e não apenas por hábito (na verdade, não tive tempo de adquirir um hábito visual). Agora não desejo mais que aqueles dentes de ouro desapareçam, mas essa não é bem a expressão correta, pois na verdade eu nunca desejei que desaparecessem. É que agora eles quase me parecem graciosos, muito adequados e — isto não é desimportante — uma bem definida, aprazível, sempre presente, visualmente inegável imperfeição humana que talvez me aproxime mais de F. do que poderia fazê-lo um conjunto de dentes saudáveis, também horrível a seu modo. (LF, 405-6)

Esse é Kafka em sua pior veia, ultrapassando todos os limites das boas maneiras com uma loquacidade desleal a Felice. Duas cartas depois, ele dá a Grete conselhos sobre higiene dental.

Se a deterioração dos dentes não se deveu de fato a cuidados inadequados, então foi causada, como ocorreu comigo, pela ingestão de carne [...] minúsculos fragmentos de carne entre os dentes produzem germes de podridão e fermentação tanto quanto um rato morto esmagado entre duas pedras.

A carne é a única coisa tão fibrosa que só com grande dificuldade pode ser removida, e mesmo assim não de imediato nem completamente, a menos que se tenha dentes como os de um animal predador — pontudos, muito separados, destinados ao propósito de retalhar a carne. (LF, 408)

Nesse ínterim, evidencia-se que Grete, mesmo ocupada com a correspondência entre ela e Kafka, está sendo bem-sucedida em sua missão. Em 8 e 9 de novembro, Kafka está em Berlim; a viagem “foi em grande medida obra [de Grete]” e insatisfatória. Ele vê Felice apenas durante uma curta caminhada que fizeram no Tiergarten. Mas em fins de dezembro o contato é retomado: em uma carta escrita ao longo de três dias, de 29 de dezembro de

1913 a 2 de janeiro de 1914, Kafka torna a pedi-la em casamento, porém não sem antes confessar. No sanatório em Riva, diz a Felice, “apaixonei-me por uma moça, uma criança de uns dezoito anos; ela é suíça, mas mora na Itália, perto de Gênova, sendo pois tão estranha a mim no sangue quanto poderia ser; ainda imatura, mas notável, e apesar de sua doença uma pessoa genuína com grande profundidade”. Mas assegura-lhe: “com minha partida, tudo terminou”. (LF, 335)

Felice não lhe dá uma resposta propriamente dita: ela manda um cartão-postal. Em 9 de fevereiro, em resposta ao postal, ele escreve novamente, implorando por uma carta. Não recebe nenhuma. Em 28 de fevereiro, vai outra vez a Berlim para ver Felice e retorna a Praga no dia seguinte. Comunicando-se com Grete em um cartão-postal de Dresden, ele escreve: “Não poderia ter sido pior. O próximo passo será a empalação”. (LF, 352) Nada tão medonho acontece. O mês e meio seguinte é dedicado a duas campanhas, uma para persuadir Grete a visitá-lo em Praga, a outra para restabelecer o contato com Felice. No Tiergarten Felice expusera, muito sensatamente, as razões pelas quais não queria casar-se com ele. Kafka resumiu-as em uma carta a Grete:

F. gosta de mim, mas em sua opinião isso não é suficiente para o casamento, para esse casamento específico: ela tem temores insuperáveis quanto a um futuro juntos; poderia não ser capaz de suportar minhas idiossincrasias; poderia não ser capaz de desistir de Berlim; receia ter de dispensar boas roupas, ter de viajar de terceira classe, sentar-se em lugares mais baratos no teatro [...] (LF, 353)

Não são objeções ao casamento muito diferentes daquelas com que ele próprio a bombardeara. Ainda assim, Kafka recruta sua mãe na campanha para fazer Felice mudar de ideia e até escreve aos pais dela, pedindo-lhes que o avisem se Felice não estiver escrevendo por ter adoecido. A importunação é incessante, por carta e, surpreendentemente, por telefone, e se soma a um golpe que Felice e os pais haviam acabado de sofrer. O único filho, Ferry, metera-se em graves problemas financeiros que o obrigaram a emigrar para os Estados Unidos. Finalmente, as defesas de Felice erodem-se. Com permissão dela, Kafka vai a Berlim em abril, na Páscoa, e eles ficam extraoficialmente

noivos. Ela concorda em casar-se com ele em setembro. Em 14 de abril ele escreve: “Nunca em tempo algum dei um passo que me deixou tão firmemente convencido de ter feito a coisa certa e absolutamente necessária [...]”. (LF, 384)

Durante todo esse tempo, Kafka correspondera-se assiduamente com Grete. Anuncia a ela o noivado no dia em que retorna a Praga, assegura-lhe que nada mudou em seu relacionamento com ela, recusa-se a devolver suas cartas, roga-lhe que lhe mande fotos, e ela o atende. Mais notavelmente, insiste para que ela vá a Praga junto com Felice para fazer as visitas de cortesia e procurar apartamento e sugere que ela se mude para Praga e vá morar no apartamento com ele e Felice por no mínimo seis meses após o casamento. Nas cartas a Grete há um tom de divertimento e caçoada amigável totalmente ausente nas que ele trocava com a noiva. Felice vai a Praga como combinado, mas sem Grete, e o apartamento é devidamente escolhido. Porém lidar com ela na questão da futura morada de ambos e, supõe-se, ter uma prévia de como viria a ser a vida de casados põem-no em um estado de gélida fúria. “É mesmo, Felice?”, ele escreve,

O tempo está passando rápido demais para ti? Já é fim de maio? Já? Ora, cá estou, com a chave na mão: se quiseres, farei voltar o tempo. Para que mês dos dois anos passados devo fazê-lo voltar? Dize-me exatamente! (LF, 416)

O evento seguinte é o noivado oficial, que acontece em Berlim com uma recepção em 1º de junho no apartamento da família Bauer. Os pais de Kafka e Ottla comparecem, assim como Grete, a quem Kafka escreveu: “Apreste-se, vá ter com F., a quem nada divulguei, não importa como esteja vestida, não tente melhorar seja lá o que for, será vista com, sim, com os mais afetuosos olhos”. (LF, 418)

Kafka pode ter acreditado que fizera a coisa certa e absolutamente necessária ao tornar-se noivo de Felice, mas nunca chegaria a essa conclusão quem lesse sua premonitória anotação no diário após o retorno a Praga em 6 de junho: ali ele declara que, na recepção no apartamento dos Bauer, sentira

que havia sido amarrado pelas mãos e pés como um criminoso. (*D*, 275) Nas semanas seguintes, Kafka escreve regularmente a Grete. Nenhuma carta a Felice foi preservada.

Em 1º de julho, ele informa despreocupadamente a Grete que irá a Berlim, ou melhor, que viajará de férias passando por Berlim, e pergunta se ela estará na cidade. Grete, nesse meio-tempo, mudara-se de Viena para a capital alemã. Um rascunho de uma carta de Grete, presumivelmente uma resposta, foi preservado. É cheio de recriminações e informa-o: “Só troquei algumas palavras com F. Depois de todas essas cartas, mal consigo fitá-la nos olhos”. (*LF*, 431) Saberá Kafka o que o espera em Berlim? Não há indícios disso, exceto talvez em sua resposta a Grete, escrita em 3 de julho, o 31º aniversário de Kafka. Nessa carta ele afirma tê-la “convencido” — presumivelmente de sua inadequação a Felice — e menciona ter recebido, além da carta de Grete, uma outra que era “extremamente desagradável”. Talvez se tratasse de uma carta de Felice, com uma lista detalhada das acusações que seriam feitas contra ele. O encontro ocorre em Berlim em 12 de julho, no Askanische Hof. Presentes, além de Kafka e Felice, estão Grete e a irmã de Felice, Erna. É possível que um novo amigo de Kafka, o dr. Ernst Weiss (1882-1940), médico e romancista que não gosta de Felice e se encontra em Berlim na época, também esteja presente.

O que se passou no hotel não está claro, mas ao que parece Kafka foi considerado culpado. Mas de que crime? Aparentemente, um que foi reconstituído a partir de trechos de suas cartas a Grete, que ela mostrou a Felice. É certo que Kafka foi galante e sedutor nessas cartas. Isso talvez já bastasse. Talvez as objeções à viabilidade do casamento que ele expressara, nenhuma das quais poderia ser novidade para Felice, pois ele já as havia enumerado para ela, tenham também influenciado no julgamento. Talvez a verdade fosse que ela não estava mais convencida do que ele de que aquele casamento devesse acontecer. Em seu diário, Kafka referiu-se ao “tribunal no hotel”, no qual F. disse-lhe “coisas hostis, muito pensadas, que ela vinha economizando”; mencionou também a visita aos pais, que, assim como Erna,



foram compreensivos, e a “aparente culpa de Fraülein Bl.[och]”. (*D*, 293) Ele tinha mais a dizer sobre o papel de Grete em uma carta que escreveu a ela em outubro seguinte: “No Askanische Hof você me pôs em julgamento — foi horrível para você, para mim, para todos — mas apenas pareceu ter sido assim: na verdade, eu estava sentado em seu lugar, o qual até hoje não deixei”. (*LF*, 436) Dois dias depois, Kafka partiu para as duas semanas de férias que planejara com Weiss e a amante de Weiss, Rahel Sansara, nos balneários bálticos de Travemünde e Marielyst. Voltou a Praga no fim de julho. Em 2 de agosto, a Alemanha declarou guerra à Rússia.

Esse deveria ter sido o fim do envolvimento de Kafka com Felice. O fato de os dois não terem nada em comum era evidente para Kafka mesmo quando ele estava escrevendo as mais ardentes cartas de amor. A relutância de Felice só pode ser inferida, exceto, como vimos, quando suas objeções foram trazidas à luz na carta de Kafka a Grete em março de 1914, na qual ele citou o que Felice lhe dissera no Tiergarten. Mas uma estranha fatalidade impeliu-os a prosseguir. Em outubro de 1914, com o noivado desfeito, Grete e Felice escreveram a Kafka. Ele respondeu às duas cartas, e a destinada a Felice, extraordinariamente longa até para os padrões de Kafka, foi a mais clara exposição sobre o que os dividia. Era o conflito irresolvido entre o anseio dela por uma família burguesa normal, uma vida burguesa normal, e a absoluta necessidade de Kafka de subordinar tudo ao seu trabalho. (*LF*, 436-41) Apesar disso, em janeiro de 1915 eles se encontraram em Bodenbach, uma cidade às margens do rio Elba, do lado tcheco da fronteira com a Alemanha. O encontro foi outro desastre. Ele constata que ambos não mudaram, ela em suas exigências, ele na concepção de uma vida restringida tão somente pelas demandas de seu trabalho.

Não cedo uma única partícula de minha exigência por uma vida fantástica organizada exclusivamente em torno do interesse de meu trabalho; ela, indiferente a cada pedido mudo, quer a média: uma casa confortável, direitos sobre minha parte na fábrica, boa comida, cama às onze, aquecimento central [...] (*D*, 328)

Ela corrige o alemão de Kafka quando ele fala com a garçonete, acerta o relógio dele com precisão de segundos, diz que as irmãs mais velhas dele são frívolas e não lhe pede notícias de Ottla, a predileta de Kafka. E, para piorar, deita-se no sofá de olhos fechados enquanto ele lê para ela, animando-se apenas quando ele lê a seção “Diante da lei” de *O processo*.

A correspondência continua de forma desconexa, e as cartas de Kafka demonstram uma nova cautela. Em fins de maio ocorre outro encontro com Felice, dessa vez nas montanhas do lado tcheco do Elba. Por mais improvável que pareça, Grete está presente e, talvez graças à sua mediação, o evento é agradável. Kafka retorna extático a Praga e escreve que procurou lembranças de F. e do quarto dela entre os lilases. (*LF*, 455) Um tom de gracejo insinua-se nas cartas dele: Kafka adota a convenção de referir-se a si mesmo como o noivo de F. Mas ambos estão excessivamente confiantes: um encontro com Felice a sós em Karlsbad em junho não é um sucesso. Ele escreve a Felice, mas é como se quisesse mantê-la à distância. No começo de dezembro ele diz: “Seria bom nos encontrarmos; no entanto, não devemos fazê-lo [...] eu não poderia trazer-te nada além de decepções, monstro de insônia e dores de cabeça que sou”. (*LF*, 459) Em março de 1916 (data incerta) ele escreve uma carta notável por seu lúcido diagnóstico do que dera errado entre eles. Primeiro, é a insistência dela em mantê-lo em Praga, ele diz, e continua: “embora devesse ter percebido que seria justamente o escritório que acabaria por levar à minha — à nossa — ruína”. (*LF*, 462)

Pode-se presumir que, sendo uma moça prática, Felice não quer que ele abra mão de um emprego seguro no Instituto. Mas o modo de vida que ela instintivamente escolhe em todas as oportunidades conflita com o dele. Ele escreve:

fomos comprar móveis em Berlim para um funcionário de Praga. Mobília pesada, com jeito de que, uma vez no lugar, nunca mais poderia ser removida. É a própria solidez que tu mais aprecias. O aparador, em especial — uma perfeita pedra tumular, ou um memorial à vida de um funcionário de Praga — oprimiu-me profundamente. Se durante nossa visita à loja de móveis um sino fúnebre tivesse começado a soar à distância, não teria sido impróprio. (*LF*, 462)

Assim prossegue até que, em maio de 1916, Kafka vai a Marienbad a negócios e acha o lugar “inacreditavelmente belo”. (*LF*, 469) Ele sugere a Felice que vá até lá encontrá-lo, uma proposta muito prática porque não requer que eles lidem com as restrições ao passaporte em tempo de guerra. Eles passam dez dias juntos em Marienbad, de 3 a 13 de julho de 1916, e nesse período ambos escrevem à mãe de Felice anunciando seu novo noivado. Em 13 de julho visitam a mãe de Kafka em Franzensbad, onde ela está passando o verão. No dia seguinte Felice retorna a Berlim, e Kafka a Marienbad. Escrevendo a Brod, Kafka lhe diz que após

uma série de dias horrorosos gerados por noites ainda mais horrorosas [...] as cordas que me atavam por fim se afrouxaram um pouco; endireitei-me um pouco enquanto ela, que constantemente estendera as mãos para ajudar mas só alcançara o vazio absoluto, de novo ajudou e chegamos a uma relação humana de um tipo que até então eu jamais conhecera e que muito se aproximou em sua significância da relação a que chegáramos nos melhores períodos da nossa correspondência [...] Vi o olhar de confiança nos olhos de uma mulher, e não pude deixar de retribuir. (*L*, 117)

Essa visão positiva do que aconteceu não o cega para a realidade do passado de ambos, o papel nela desempenhado pela índole dele e o que ainda pode estar reservado aos dois. Ele prossegue na carta:

Abriu-se num rasgo muita coisa que eu gostaria de manter para sempre atrás de um escudo (não falo de nada em particular, mas do todo); e dessa fenda há de vir, eu sei, infelicidade suficiente para mais do que toda uma vida, embora essa infelicidade não seja convocada, e sim imposta. Não tenho direito de me esquivar dela, especialmente porque, se o que está acontecendo não estivesse acontecendo, eu, de moto próprio, faria acontecer, simplesmente para tê-la dirigindo aquele olhar para mim. Eu não a conhecia realmente até agora. Outras dúvidas à parte, da última vez fui tolhido por um verdadeiro medo da realidade dessa moça por trás das cartas que ela escrevia. Quando ela veio ao meu encontro na sala grande para receber o beijo de noivado, um arrepio percorreu-me. A viagem de noivado com meus pais foi para mim pura agonia, a cada passo do caminho. Nunca temi tanto alguma coisa quanto ficar a sós com F. antes do casamento. Agora tudo isso mudou e é bom. (*L*, 117-8)

Eles concordam em casar-se logo após o fim da guerra. Alugariam um pequeno apartamento em um subúrbio berlinense e cada qual “assumiria

responsabilidades econômicas por si próprio”. (L, 117) No caso de Kafka, isso significa sustentar-se escrevendo.

A guerra, é claro, prolonga-se implacavelmente. Os dois brigam em Munique em novembro, quando ela comparece a uma leitura de *Na colônia penal* que Kafka fez perante uma plateia apática, se não hostil. Nenhuma carta subsequente a Felice escrita nos oito primeiros meses de 1917 foi preservada, e não há anotações com referências a ela nos diários. Mas temos as recordações de Brod sobre Kafka e Felice como noivos naquele verão:

alugou-se um apartamento para o jovem casal, foi trazida a mobília, e Franz já começara a convencional rodada de visitas a parentes e conhecidos, chegando mesmo a ir à Hungria, a Arad, com F., para ver a irmã dela [...] E, comicamente, até a mim o par fez uma visita formal, em 9 de julho de 1917 — a visão dos dois, ambos embaraçadíssimos, sobretudo Franz, de inabitual colarinho alto e rígido, tinha algo de comovente, e ao mesmo tempo algo de horrível. (B, 157)

Foi então que, por volta das cinco da manhã de 10 de agosto, Kafka sofreu a primeira hemorragia grave. Por insistência de Brod, em setembro ele por duas vezes consultou um pneumologista e ficou sabendo que tinha catarro nos pulmões com risco de tuberculose. Foi prescrita uma licença de três meses junto com um repouso terapêutico, preferivelmente no sul ou, caso isso não fosse viável, no campo. Por sorte, Ottla assumira a administração de uma pequena propriedade em Zürau, um minúsculo vilarejo a quase cem quilômetros de Praga. O lugar pertencia à irmã de Karl Hermann, o marido de Elli, uma das irmãs de Kafka e Ottla. Kafka hospedou-se lá, permanecendo até 18 de abril de 1918. Antes de deixar Praga, ele escreveu a Felice que tinha tuberculose nos dois pulmões, porém ainda não dissera a seus pais. Três semanas depois, tornou a escrever, de Zürau, explicando a luta dentro de si entre a parte boa, que tivera esperanças de que lhe seria permitido ter Felice, e a parte má, que queria impedir tal coisa. Para a parte boa, “a perda de sangue foi grande demais”. A doença não era necessariamente tuberculose, “e sim”, disse ele, “um sinal de minha falência generalizada. [...] O sangue perdido não vem dos pulmões, mas de uma punhalada decisiva dada por uma das combatentes”. Concluiu dizendo a Felice que nunca mais voltaria a ficar

bom. (*LF*, 545-6)

Kafka compreendia de pronto as implicações de sua doença para o noivado pelo qual, e contra o qual, lutara por tanto tempo e tão arduamente: ele fora libertado. Depois da segunda consulta ao especialista, escreveu no diário:

Você tem uma chance, na medida em que isso é possível, de começar de novo. Não a jogue fora [...] Se a infecção em seus pulmões for apenas um símbolo, como você diz, um símbolo da infecção cuja inflamação chama-se F. e cuja profundidade é sua profunda justificação; se for assim, então o conselho médico (luz, ar, sol, repouso) também é um símbolo. Tome posse desse símbolo.

Oh, momento maravilhoso, versão magistral, jardim tornado em semente. Você vira a esquina ao deixar a casa e a deusa da fortuna vem correndo ao seu encontro na trilha do jardim. (*D*, 383)

Nessa mesma linha, porém mais explicitamente, ele escreveu a Brod em meados de setembro:

meu cérebro e meus pulmões chegaram a um acordo sem meu conhecimento. “As coisas não podem continuar assim”, disse o cérebro, e depois de cinco anos os pulmões se disseram dispostos a ajudar. (*L*, 138)

Depois de ter viajado por trinta horas, segundo o diário de Kafka, Felice chegou para vê-lo em Zürau em 20 e 21 de setembro. “Como vejo”, ele anotou, “angustiada ao extremo, e a culpa é essencialmente minha.” (*D*, 385) A visita nada mudou. Em 8 de outubro ele anotou que recebera dela uma carta queixosa, e que “G. B. [Grete Bloch] ameaça me escrever uma carta”. Felice foi vê-lo mais uma vez em 25-27 de dezembro, em Praga. Embora Kafka fosse levado às lágrimas, manteve-se firme. (*B*, 166-7) O noivado foi oficialmente rompido durante essa visita, e a justificativa foi a doença de Kafka. Em 1919 Felice casou-se com um empresário. Pouco mais de um ano depois, quando ela estava grávida do segundo filho, Kafka escreveu a Brod:

Sinto por F. o amor que um general malsucedido tem pela cidade que não pôde tomar, mas que “não obstante” se tornou algo grandioso — uma feliz mãe de dois filhos. (*L*, 247)

\* \* \*

Houve para Kafka um *intermezzo* com um misto de prazer e dor entre seus cinco anos de luta para conquistar Felice e ficar livre dela e o extraordinário ano em que ele ganhou e perdeu o coração de Milena. Em fins de janeiro ou início de fevereiro de 1919, na Pensão Stüdl, em Schelesen, um vilarejo montanhoso na Boêmia onde Kafka estava de licença médica para recuperar-se primeiro da gripe espanhola e depois de pneumonia dupla, ele conheceu Julie Wohryzek, de 22 anos, uma chapeleira, filha de um sapateiro e zelador de sinagoga. Kafka descreveu-a em uma carta a Brod escrita em Schelesen:

O elemento judeu é uma moça, apenas, espera-se, levemente enferma [...] Não judia e no entanto não não judia, não alemã e no entanto não não alemã, louca por cinema, por operetas e comédias, usa pó de arroz e véus, possui um inesgotável e ininterrupto estoque das mais atrevidas expressões iídiches, no geral muito ignorante, mais alegre do que triste — isso é mais ou menos como ela é. Quem quisesse classificá-la racialmente teria de dizer que ela pertence à raça das balconistas. (L, 213)

Aprendemos mais sobre Julie, e também sobre a relação de Kafka com ela, em uma surpreendente carta que ele escreveu à irmã dela. Apesar de ter tido com essa irmã, a mais velha, “apenas um breve contato” (L, 215), ele não hesita em expressar sua opinião sobre ela, dizendo-lhe que ela parece

basicamente amável, além de controlada e determinada, embora um pouco melancólica demais, um tantinho insatisfeita, um tantinho desafortunada, e por causa justamente dessas qualidades capaz de uma compreensão que vai além da esfera imediata de sua vida e experiência. (L, 215)

Após essa introdução, que deve ter feito a irmã engolir em seco, ele se pôs a explicar que de início ele e Julie riam

continuamente em todos os encontros, nas refeições, caminhando, sentados frente a frente. De modo geral o riso não é agradável: ele não tem um motivo evidente, é doloroso, vergonhoso. (L, 215)

Supõe-se que a razão fosse uma súbita atração sexual. Mas eles

permaneceram “magnificamente corajosos”, de forma que ele sofreu “verdadeiramente a plena ânsia de toda natureza animal”. (L, 216) Os dois estabeleceram que

eu considerava o casamento e filhos uma das coisas desejáveis na Terra em certo sentido, mas eu não poderia de modo algum me casar. (L, 216)

Assim, separaram-se: castos e sem haverem progredido até o ponto de se tratarem por *du*.

Mas, retornando a Praga, eles “correram um para o outro como que compelidos”. (L, 217) Caminharam pelos densos bosques e pelas ruas de Praga, nadaram e, independentemente de Kafka admitir ou não a si mesmo, divertiram-se. Isso feito, ele, incorrigível, insistiu no casamento. O noivado com Julie enfrentou furiosa oposição do pai de Kafka. O rebento de açougueiro não queria cair em desgraça porque seu único filho traria para a família a filha do *shames* da sinagoga. Kafka não foi dissuadido, mas na *Carta*, que ele compôs em novembro daquele ano, jogou na cara do pai o que ouvira dele:

Você me disse mais ou menos o seguinte: “Provavelmente ela vestiu alguma blusa escolhida, como sabem fazer as judias de Praga, e naturalmente você logo decidiu casar com ela. E na verdade o mais rápido possível, numa semana, amanhã, hoje. Eu não o entendo, você já é uma pessoa adulta, vive na cidade, e não lhe ocorre coisa melhor do que se casar imediatamente com qualquer uma que aparece. Será que não existem outras possibilidades? Se você tem medo, eu o acompanho pessoalmente”. (S, 159)

Se realmente foi assim que o pai zombou dele, a cena foi, como veremos, magnífica e estranhamente prefigurada, em mais um exemplo de vida imitando a arte, na explosão do pai por causa da noiva do filho em “O veredicto”.

De qualquer maneira, o projeto do casamento foi abandonado, depois da publicação dos proclamas. Dois dias antes da cerimônia, o apartamento que Kafka julgara ter conseguido — uma tarefa nada fácil, dada a escassez de imóveis em Praga no pós-guerra — “escapou-nos das mãos”. (L, 219) Diante

das circunstâncias, Kafka disse à irmã, para quem a relação deveria terminar, que estava disposto a desistir de Julie caso ela tivesse “alguma perspectiva medianamente razoável de [...] casar-se, e mais ou menos em breve, com algum homem de bem que ela se disponha a aceitar, e viver com ele da maneira mais pura e decente possível para pessoas comuns”, ou caso se revelasse que ela, afinal, não estava satisfeita em continuar a relação que havia entre os dois, uma relação fora do casamento, mas com “amor e fidelidade”. (L, 219) O resultado desses eventos foi que, quando teve início a correspondência com Milena na primavera de 1920, Kafka ainda estava comprometido com Julie e até fizera planos de encontrar-se com ela durante um breve período de férias em Karlsbad.

\* \* \*

“Ela é uma fogueira viva”, Kafka escreveu a Brod, “de um tipo que nunca vi antes, uma fogueira que, além de tudo e apesar de tudo, queima apenas por ele.” (L, 237) A fogueira viva era Milena Jesenská. O homem por quem Kafka pensava que suas chamas ardiam era o seu marido, Ernst Polak. Milena pertencia à elite de etnia tcheca e falante do tcheco em Praga. Seu pai, um bem-sucedido cirurgião bucal e professor da Universidade de Carlos, em Praga, era um nacionalista e antissemita linha-dura. Milena tinha a reputação de ter sido uma adolescente rebelde, que fizera experiências com drogas e provavelmente sexo. Polak, um judeu praguense dez anos mais velho do que ela, era um intelectual refinado que trabalhava em um banco mas passava suas horas de lazer em companhia de escritores no Café Arco, o principal ponto de encontro dos literatos de Praga. Milena e ele haviam tido um caso que, somando-se às outras transgressões dela, indignara seu pai a tal ponto que ele a internara em um hospício. Liberada ao atingir a maioridade, ela se casou com Polak, mudou-se com ele para Viena e viveu com ele em um “casamento aberto” que acabaria sendo uma fonte de considerável sofrimento para ela. O pai dava-lhe pouco dinheiro.



Polak trabalhava para a matriz do banco do qual fora funcionário em Praga, mas o que ganhava não bastava para sustentar, além de Milena, seus casos com outras mulheres. Por isso, Milena precisava encontrar modos de complementar as finanças do casal. Recorreu ao jornalismo, escrevendo para periódicos tchecos em Praga, sobretudo a *Tribuna*. Além disso, fazia traduções do alemão para o tcheco. Kafka conhecera-a em Praga, e Polak era seu conhecido por ser uma figura assídua da cena literária. Mas o incentivo imediato à correspondência entre Kafka e Milena veio da tradução que ela estava fazendo de “O foguista”. A história fora publicada isoladamente em 1913 por Kurt Wolff em sua coletânea “Der Jüngste Tag”. Milena aparentemente escreveu a Kafka sobre o texto em novembro de 1919, e novamente em 1920. Como vimos, nessa época ele estava de licença médica em Merano. Muito rapidamente, já em sua terceira carta a ela, estabeleceu-se um tom de intimidade. Milena deve ter lhe contado que não se sentia bem, pois ele escreve em resposta:

Assim são os pulmões. Passei o dia sofismando, não podia pensar em outra coisa. Não porque a enfermidade me assuste muito, provavelmente — e assim o espero, já que suas palavras parecem indicá-lo — mostra-se benigna com você, e mesmo uma verdadeira afecção pulmonar (meia Europa ocidental tem os pulmões mais ou menos afetados), que eu venho sofrendo há três anos, me fez mais bem do que mal. (*LM*, 5)

Em seguida ele passa a contar-lhe minuciosamente sobre sua primeira hemorragia. Terminada essa tarefa, diz a Milena que ela pode escrever-lhe em tcheco, e que até deseja que ela o faça, “porque, depois de tudo [a língua tcheca] é parte sua, porque apenas ali encontrarei a verdadeira Milena”. Ela lhe perguntara sobre o noivado. Ele responde que fora noivo três vezes (duas com a mesma moça) e que embora os noivados com a primeira, Felice, estivessem terminados, o noivado com Julie ainda estava “desperto, porém sem maiores perspectivas de casamento”. (*LM*, 8) Ao longo de toda a correspondência ele se referirá a Julie como a “moça”, com exceção da ocasião em que dá a Milena o nome e o endereço de Julie para que ela lhe escreva. Duas cartas depois, tendo Milena perguntado se ele era judeu, Kafka

responde com a primeira de uma série de extraordinárias tentativas de definir para ela as consequências de ser judeu. “A situação insegura dos judeus”, ele diz a Milena,

inseguros em si mesmos, inseguros entre os homens, explica perfeitamente que acreditem que apenas se lhes permite possuir o que seguram nas mãos ou entre os dentes, que além do mais somente essa posse do que está ao alcance de suas mãos lhes dá algum direito à vida, e que o que alguma vez perderam jamais o recuperarão [...] em qualquer direção, até as mais inverossímeis, os perigos ameaçam os judeus; ou deixemos de lado os perigos, para ser mais exatos, e digamos: “Ameçam-nos as ameaças”. (*LM*, 20)

Em fins de maio, ela lhe pedira que fosse a Viena. Primeiro ele responde que não quer e, além disso, não pode — não suportaria a tensão mental. Ele está mentalmente enfermo, pois a doença dos pulmões “não é mais do que um extravasamento da enfermidade mental”, ele diz, ligada à culpa pelo sofrimento que ele infligira a Felice. (*LM*, 22-3) Em seguida, confessa o problema imediato: dissera a Julie que a encontraria para umas breves férias em Karlsbad. Depois, nesse mesmo dia, muda de ideia: “Telegrafei para Praga, avisando que não posso ir a Karlsbad [...] Assim brinco com um ser humano”. (*LM*, 25) Porém, mesmo assim, ele não vai a Viena. Quando escreve em 1º de junho, já recebeu duas cartas de Milena. Em resposta, diz que é seu cérebro insone que escreve. Como não consegue pensar em nada para dizer, ele está simplesmente andando por entre as linhas

à luz de seus olhos, sob o alento de sua boca como em um formoso dia feliz, que continua sendo formoso e feliz apesar da cabeça enferma, cansada, e de que segunda-feira tenho de partir para Munique. (*LM*, 26)

Ir a Praga via Munique impede a parada em Viena. Se ele irá afinal a Viena, e quando isso poderia ocorrer, torna-se assunto de debate, lembrando o vaivém em torno de ir a Berlim para ver Felice; a dúvida continua na correspondência até a visita finalmente ocorrer, em um período de quatro dias no fim de junho.

Nesse meio-tempo, acelera-se o processo da intimidade. Quando ele

escreve a Milena duas vezes em 12 de junho, usa *du* [tu], um tratamento que ela iniciara. Em uma carta enviada no dia anterior, ele dissera *du* apenas uma vez: é uma manobra astuta: “Tiro outra vez a carta do envelope, fica lugar: Por favor, uma vez mais — nem para sempre, nem mesmo isso quero —, uma vez mais trate-me por tu”. (*LM*, 41) Na segunda carta ele diz a ela: “*me pertences*, embora não voltemos a nos ver nunca mais”. (*LM*, 43) Pode-se ouvir o inquietante eco da primeira vez que ele disse *du* para Felice e declarou: “pertenço-te”. Ele quer que Milena deixe Viena, que ela deixe o marido pelo menos por algum tempo. Ele lhe dará o dinheiro necessário, mas não está sugerindo que vivam juntos. Sua preocupação com Ernst Polak intensifica-se, em parte como reação à notícia — que ele dá a Milena — do suicídio de um jovem jornalista praguense, Joseph Reiner, que pouco tempo antes se matara ao descobrir o caso da esposa com outra figura de Praga que já encontramos, Willy Haas. Reiner fora casado com uma amiga de Milena. Além disso, Kafka é perseguido pela “questão judaica”, a imagem do judeu como predador cuja presa são as moças cristãs. É isso que ele está fazendo? As cartas de Kafka nesse período beiram o desatino. O mesmo deve ter ocorrido com as de Milena. “Sabe”, ele escreveu,

as cartas que me fazem feliz (compreende, Milena, minha idade, minha deterioração física e especialmente meu medo, e compreenda tua juventude, tua frescura, tua coragem [...]) são as cartas pacíficas. [...] Mas em troca, quando chegam essas outras cartas, Milena, e embora em essência são dispensadoras de felicidade tanto quanto as primeiras (mas devido à minha fraqueza não consigo penetrar até sua felicidade, senão após alguns dias), essas cartas que começam com exclamações (e estou afinal de contas tão distante) e que terminam com não sei que terrores, então, Milena, começo a tremer fisicamente como sob a campainha de alarme, não posso lê-las e contudo as leio, naturalmente, assim como um animal sedento bebe, e ao mesmo tempo surge o temor, e mais temor, procuro um móvel para arrastar-me para baixo dele, e tremendo e quase inconsciente rogo no canto que assim como te abalançaste na carta consigas tornar a sair voando pela janela, não posso depois de tudo abrigar uma tempestade em meu quarto; nessas cartas tens, sem dúvida, a tremenda cabeça de Medusa, as víboras do terror silvam ao redor de tua fronte, e ao redor da minha, não menos selvagememente, as do medo. (*LM*, 45)

A felicidade durante a visita a Viena, quando ela finalmente acontece, é o

ponto culminante da relação entre os dois. O que se passou pode ser vislumbrado em uma carta que Milena escreveu a Max Brod no começo de 1921, depois que seu rompimento com Kafka completou-se. Ela disse a Brod que compreendera “até meu mais profundo nervo” o medo de Kafka. Medo de quê? Da carne, como prenunciado na história da balconista que ele contara a Milena para explicar as forças gêmeas do medo e do desejo. “Esse medo não se aplica só a mim”, ela escreveu,

relaciona-se a tudo que seja despidoradamente vivo, e também à carne, por exemplo. A carne é descoberta demais: ele não suporta a visão dela. Isso foi o que consegui dispersar ali [em Viena]. Sempre que ele sentia esse medo, olhava-me nos olhos, e esperávamos um pouco, como se nos doessem os pés ou precisássemos tomar fôlego, e após um momento passava. Isso não requeria o menor esforço, tudo era simples e claro, arrastei-o para os montes atrás de Viena, eu andava na frente porque ele caminhava devagar, ele vinha penosamente atrás de mim, e se fecho os olhos ainda posso ver sua camisa branca e seu pescoço queimado de sol e o esforço que ele fazia. Ele continuou a caminhar o dia todo, morro acima, morro abaixo, sob o sol; não tossiu uma vez sequer, comeu a valer e dormiu como uma gaita de foles; estava simplesmente sadio, e durante esses dias a doença dele foi como um leve resfriado. Se eu tivesse ido com ele para Praga, teria permanecido a pessoa que fui para ele nesse período. Mas eu também estava plantada aqui com os dois pés, infinitamente firme no chão: eu era incapaz de deixar meu marido, e talvez fosse mulher demais para ter a força de me submeter a uma vida que, eu sabia, haveria de exigir o mais rigoroso ascetismo pelo resto dos meus dias. (*LM*, 248)

Isso foi Viena. Em Praga, Kafka retorna às complicações da realidade cotidiana, algumas delas culpa dele próprio. Ele vê Julie; ela fica transtornada, como seria de se esperar, e ele insensatamente concorda que ela escreva a Milena. Também concorda em vê-la no dia seguinte, e em “ir com ela de tarde para algum lugar”. (*LM*, 69) Em certos momentos, ele quer voltar a Viena; no entanto, há obstáculos. Ele nem ao menos tem certeza de que Milena deseje sua ida. Os contatos com as amigas tchecas de Milena são confusos, insatisfatórios e geram antagonismos. Também ocorrem mais contatos com Julie e mais das gritantes indiscrições de Kafka. Quando Julie lhe pede o endereço do marido de Milena, ele o fornece. Kafka resiste ao perceptível desejo de Milena de vê-lo em Praga:

Dizes-me que talvez venhas a Praga no próximo mês. Quase te rogaria que não viesses. Deixa-me a esperança de crer que, se alguma vez, impelido pela mais extrema necessidade, te peço que venhas, virás *imediatamente*; mas agora é melhor que não venhas, terias que tornar a ir embora. (LM, 95)

A saúde de Kafka deteriora-se. O médico encontra-o em condições muito semelhantes às de antes de partir para Merano. A lesão na parte superior do pulmão esquerdo não está desaparecendo. “Para ele [o médico] esse resultado é lamentável [...]” (LM, 85) Kafka consome-se de ciúmes de Polak, fica transtornado quando lhe contam que Polak tinha planos de mudar-se, talvez para Paris ou Heidelberg. Quando o assunto da visita de Milena a Praga volta à baila, ele escreve, imperdoavelmente: “nem sequer deves deixar-te enganar por aqueles dias em Viena. Porventura não agradecemos ali mesmo entre tantas coisas a tua esperança, talvez inconsciente, de voltar a vê-lo [Polak] à noite?”. (LM, 92) Os dois mantêm contato para tratar das traduções de dois de seus contos, “A infelicidade do celibatário” e “Ser infeliz”. (CS, 394 e 390) Ele as lê com atenção. Um novo tom insinua-se na correspondência indicando sua necessidade de recuar: ele pede a Milena que não escreva diariamente. Depois muda de ideia: ele quer, sim, a carta diária, mesmo se for muito breve, apenas duas linhas ou uma única palavra, porque, ele diz, “privar-me dessa palavra me custaria horríveis sofrimentos”. (LM, 100) A saúde de Milena também não está boa: ela tem uma hemorragia. Doenças de terceiros são especialidade de Kafka: ele a criva de perguntas e se preocupa com os problemas financeiros dela. A situação econômica em Viena é terrível. Ele acha que Milena passa fome; ela, de fato, trabalha em troca de gorjetas como carregadora na estação ferroviária. Ele tenta mandar-lhe dinheiro, mas é tão inábil que não consegue fazê-la aceitar a ajuda. Ela continua a pedir-lhe que vá a Viena. Kafka recusa, e justifica dizendo-se avesso a mentir a seu diretor; ao mesmo tempo, ele não quer lhe dizer a verdade — que irá para ver Milena.

Finalmente, por sugestão de Kafka, eles concordam em encontrar-se em Gmünd, a meio caminho entre Viena e Praga. Ele escreve: “Por favor, não deixes de vir a Gmünd”, porém não sem antes dizer a ela que sentira “‘medo’ de uma noite em Gmünd; apenas era o ‘medo’ comum — aí, com o comum já é

suficiente — que sinto em Praga, não era um medo especial de Gmünd”. (*LM*, 148) Como nessa carta ele explicou a Milena sobre o papel do medo e do desejo em sua sexualidade, que ela decerto foi capaz de entender, a perspectiva de encontrarem-se deve ter sido tão perturbadora para ela quanto para ele. Ao mesmo tempo, pensamentos sobre o marido de Milena continuam a preocupar Kafka. Em parte, a razão é que ela agora parece relutante em passar a noite em Gmünd — uma objeção ao encontro que ele atribui aos sentimentos de Milena por Polak e descarta, salientando que ela pode chegar no trem da manhã e partir ao anoitecer. Na véspera de ir para Gmünd, ele escreve sobre o casamento indissolúvel de Milena e comenta amargamente sobre as preocupações dela com Polak:

Na realidade é muito simples: se tu fosses, ele teria de viver com outra mulher, ou deveria ir para uma pensão, e em qualquer caso teria os sapatos mais bem lustrados do que agora. É tolo, e não o é; não sei o que me atormenta tanto nessas observações. Talvez o saibas tu. (*LM*, 160)

As cartas a Milena que precedem o encontro em Gmünd parecem ser de um homem totalmente transtornado e dilacerado pelo conflito entre o amor e suas angústias e inibições. Uma carta a Brod, escrita no dia anterior àquele em que ele escreveu a Milena sobre a balconista e a dicotomia medo-desejo, mostra o outro lado de Kafka, o lado são que coexiste com a insensatez. Nessa carta ele comenta que, devido ao “tempo bom para nadar em Praga”, vem fazendo um progresso lento em sua leitura do novo texto de Brod sobre paganismo, cristianismo e judaísmo e faz comentários incisivos sobre os capítulos que leu. (*L*, 241)

O encontro em Gmünd é um fracasso — no mesmo nível dos fiascos nos encontros com Felice no Tiergarten em 1913 e em Bodenbach dois anos depois. A primeira explicação sobre o que se passou entre Kafka e Milena encontra-se na carta dele de 28 de agosto. “Tampouco direi nada mais de Gmünd”, ele diz — “pelo menos nada intencional”, e prossegue:

Teria muito que dizer sobre isso, mas ao final se chegaria simplesmente à conclusão de que se o primeiro dia em Viena me tivesse ido ao anoitecer, o resultado teria sido mais ou menos o mesmo;

embora Viena tivesse sobre Gmünd a vantagem de que cheguei meio inconsciente de temor e esgotamento; em troca a Gmünd cheguei (sem sabê-lo, tanto tolo era) magnificamente seguro, como se já não pudesse acontecer-me nada, nunca mais; cheguei como um dono de casa. (*LM*, 173)

É difícil não supor que por trás desses circunlóquios espreite um fracasso: o medo ter superado o desejo, e a incapacidade de Kafka de perdoar-se por isso. As relações entre os dois mudam, sutilmente no início, mas de modo irremediável. Ela está infeliz; o médico não vê melhora em Kafka e recomenda que ele vá para um sanatório. Eles cogitam sobre dois sanatórios na Áustria. Kafka diz a Milena que talvez acabe não indo para nenhum deles. Tem medo de sanatórios para pacientes com doenças pulmonares, “casas onde se passam o dia e a noite tossindo e tremendo de febre [...]”. (*LM*, 177) Uma tentativa que ele faz para conseguir que o pai de Milena aumente a ajuda financeira à filha não surte efeito. Diante das reprimendas dela, Kafka reflete que é melhor encerrarem a correspondência e deixarem o futuro ao futuro. (*LM*, 191) Ele se vê como um animal que, deitado numa toca imunda, esquecendo-se do que é, ousa aproximar-se dela. Ela é boa para ele; ele enterra o rosto em sua mão, “tão orgulhoso, tão livre, tão poderoso, tão em minha casa”, mas permanece um mero animal. Refere-se às torturantes discussões sobre o “temor” e sua crescente convicção de que, para ela, ele é uma “imunda peste”; portanto, como um animal selvagem, ele deve retirar-se para a escuridão. (*LM*, 194)

Sua autodegradação não tem fim. Ele envia a Milena um desenho de um instrumento de tortura projetado para estirar e esquartejar a vítima e diz que “apoiado à coluna está o inventor, com os braços e as pernas cruzadas, muito orgulhoso como se o aparelho fosse um invento original, quando na realidade é apenas uma cópia do carnicheiro que abre o veado destripado sobre o seu balcão”. (*LM*, 201) Nessa mesma carta, ele a adverte de que a pessoa a quem ela escreve não existe, e também não existem a que ela encontrou em Viena e a que ela viu em Gmünd; mas, se tal indivíduo existisse, seria o que ela viu em Gmünd, e que seria “preciso maldizê-lo”. (*LM*, 201) O fluxo das cartas diminui, e elas se tornam mais curtas. Kafka retoma o assunto dos sanatórios,

decidindo-se, por enquanto, por Grimmerstein, no sul da Áustria. Salienta que é fácil ir de lá para Wiener-Neustadt, de onde também se pode ir a Viena sem dificuldade, e acrescenta: “o que não significaria uma grande diferença nem para mim nem para ti”. Pergunta como é possível que ela ainda não sinta medo ou repulsa por ele. (LM, 208)

As amargas e às vezes desesperadas reflexões de Kafka sobre a identidade judaica e o ódio que engolfa os judeus acompanham esse estranho dueto *Liebestodt* do qual a voz de Milena infelizmente está faltando. Ele lhe fala sobre os emigrantes russos judeus apinhados em Rathaus, esperando pelo visto americano. (LM, 190) Como vimos, Kafka passa uma tarde nas ruas durante os tumultos de novembro de 1920, “banhando-me no antissemitismo”, ele diz, e percebendo que o “heroísmo dos que apesar de tudo permanecem é o das baratas, que tampouco podem extirpar-se do quarto de banho”. (LM, 213) Sobre o Graben, o local preferido para passeios à tarde, ele escreve que seu disfarce de judeu ocidental cai e ele se vê ali, nu, com farrapos, restos e pedaços. (LM, 218) A trenodia termina — ou ao menos muda de registro — com uma carta escrita no fim de novembro de 1920. “Como acreditar que necessitas essas cartas”, ele escreve,

quando a única coisa que necessitas é descanso, como tu mesma quase sem o saber dizes com frequência. E essas cartas apenas são uma tortura, nascem do tormento, incurável, e conduzem ao tormento, também incurável; que falta fazem — e cada vez é pior — em um inverno como este? Calar é a única maneira de viver, tanto aqui como ali. (LM, 222)

Não haverá outra carta até março de 1922. Quando volta a escrever, ele a trata por *Frau* [Senhora] Milena, e usa o formal *Sie*. Há mais um punhado de cartas, a última escrita no dia de Natal de 1923: a carta de um homem prostrado e à morte. Mas em 1920, após um lapso de quase dois anos, Kafka retomara as anotações em seu diário. Em 21 de outubro, registra que deu a Milena todos os seus diários, com exceção do novo caderno que ele começara recentemente. (D, 392)

Milena, pelo visto, não estava disposta a aceitar a separação. Escrevendo



a Brod de Matliary em meados de abril de 1921, Kafka pede-lhe que o avise quando Milena for a Praga e por quanto tempo ela permanecerá lá, para que ele não retorne nesse período. Pede também que o informe caso Milena decida ir ao Tatra para tratar-se de sua doença, a fim de que ele possa partir a tempo de poder evitá-la. Reconhece que não querer vê-la é “uma doença do instinto [...] Ela é inatingível para mim”, ele continua,

devo resignar-me a isso, e minhas energias estão em tal estado que o fazem com júbilo. O que acrescenta vergonha ao meu sofrimento; é como se Napoleão dissesse ao demônio que o chamava à Rússia: “Não posso ir agora: ainda não bebi meu copo de leite da noite [...]”. (L, 273)

No começo de maio, Kafka escreve de Matliary a Brod:

Irás falar com M. Eu nunca mais terei essa alegria. Quando falares com ela a meu respeito, fala como se fosse sobre alguém morto. Quando Ehrenstein [um amigo comum] me viu recentemente, disse, com efeito, que em M. a vida estendia-me as mãos, e eu tinha a escolha entre a vida e a morte. Isso foi um tanto magniloquente demais (não com relação a M., mas a mim), porém em essência era verdade. Só foi estupidez dele aparentemente acreditar que eu tinha tal escolha. Se ainda existisse um oráculo de Delfos, eu o consultaria, e ele responderia: “A escolha entre morte e vida? Como é que podes hesitar?”. (L, 279-80)

Na verdade, Milena visitou Kafka quatro vezes em novembro de 1921. Ele estava novamente de licença médica, no apartamento dos pais. Em 2 de dezembro ele anotou:

Escrevendo cartas no quarto dos meus pais — as formas que meu declínio assume são inconcebíveis! Um pensamento ultimamente, o de que quando criança fui derrotado por meu pai e por causa da ambição nunca fui capaz de abandonar o campo de batalha todos esses anos apesar das perpétuas derrotas que sofro — sempre M. ou não M. — mas um princípio, uma luz na escuridão! (D, 397)

Kafka sofreu um colapso nervoso avassalador em janeiro de 1922. A anotação do diário de 16 de janeiro dá uma indicação da gravidade do caso:

Na semana passada sofri algo muito próximo de um colapso; o único passível de comparação foi o daquela noite dois anos atrás; com exceção daquele, nunca tive nada nesse nível. Tudo pareceu

acabado, mesmo hoje não se nota grande melhora [...] Impossível dormir, impossível ficar acordado, impossível suportar a vida, ou, para ser mais exato, o curso da vida. Os relógios não estão em uníssono: o interno anda loucamente a um ritmo infernal ou demoníaco ou seja como for a um ritmo inumano, o outro manca à sua velocidade habitual. O que mais pode acontecer além de os dois mundos se separarem, e quando eles de fato se separarem, ou no mínimo se chocarem de modo medonho. (*D*, 398-9)

É difícil não atribuir o colapso nervoso ao pesar. Em 1º de dezembro de 1921, Kafka escreveu no diário: “Não sinto tristeza pela partida dela, não uma verdadeira tristeza, é um longo caminho dessa apatia ao ponto em que a partida dela me causaria uma tristeza infindável”. (*D*, 397) Mas anotações no diário em janeiro seguinte mostram que o pensamento em Milena e nas oportunidades perdidas de satisfação continuavam a atormentá-lo. Ainda em Praga, ele escreveu em 18 de janeiro:

Que fizeste com teu dom sexual? Foi um fracasso, no fim é tudo o que dirão. Mas poderia facilmente ter sido bem-sucedido.

O sexo vive a roer-me, persegue-me dia e noite, eu teria de vencer o medo e a vergonha e provavelmente a tristeza para satisfazê-lo; mas por outro lado estou certo de que aproveitaria, sem o sentimento de medo ou tristeza ou vergonha, a primeira oportunidade que se apresentasse depressa, à mão e voluntariamente [...]. (*D*, 400)

A anotação do dia seguinte contém duas perguntas que ele gostaria de ter feito a ela:

Diante de vários ínfimos sinais que me envergonho de mencionar, tive a impressão de que suas recentes visitas foram realmente gentis e nobres como sempre, porém meio cansativas para ti, e também um tanto forçadas, como as visitas que se fazem aos doentes. É correta a minha impressão? Encontrei nos diários alguma prova decisiva contra mim? (*D*, 401)

Em busca da cura, o médico de Kafka levou-o pessoalmente a Spindlermühle, um balneário na cordilheira Riesengebirge, na Boêmia, entre as cabeceiras do Elba e do Oder. Em 29 de janeiro, dois dias depois de chegar, Kafka escreveu:

Se M., por exemplo, aparecesse aqui de repente, seria horrível. Na verdade, por fora minha situação

pareceria comparativamente melhor. Eu seria avaliado como um ser humano em meio a outros. Diriam para mim palavras que seriam mais do que meramente polidas. Eu me sentaria à mesa dos atores (menos ereto, é verdade, do que quando me sento aqui sozinho, apesar de mesmo agora eu estar recurvado); exteriormente eu quase me equipararia em sociabilidade ao dr. H. [seu médico] — entretanto estaria mergulhado em um mundo no qual não poderia viver. Resta apenas resolver o enigma de por que tive catorze dias de felicidade [com Felice] e por que, em consequência, talvez também pudesse ter condições de ser feliz aqui com M. (embora naturalmente só depois de um doloroso rompimento de barreiras). Mas as dificuldades provavelmente seriam muito maiores do que em Marienbad, minhas opiniões estão mais rígidas, minha experiência maior. O que era um fio separador agora é um muro, ou uma cordilheira, ou melhor ainda, uma sepultura. (*D*, 409)

Dois meses depois ele mencionou que gostaria de escrever para ela. (*D*, 418) Não existe carta correspondente. Eles voltaram a encontrar-se, talvez em 26 de abril (*D*, 419) e certamente em 8 de maio ou alguns dias antes. (*D*, 420) Mas o desejado e temido fim desse grande caso de amor chegara, e não podia haver esperança de um novo começo.

## 4. Sou feito de literatura, não sou nada além disso

A vida de Kafka comanda tão imperativamente o nosso interesse porque seus textos curtos e novelas estão entre as mais originais e magistrais obras da literatura do século xx. Sem eles, pouco restaria para que nos lembrássemos dele: esse homem reservadíssimo e introvertido teria sido apenas mais um judeu germanófono entre os 146 098 cristãos e judeus falantes do tcheco e do alemão que morreram na Tchecoslováquia em 1924, no mesmo ano que ele. Como vimos, o trabalho de Kafka no Instituto de Seguro, por mais que fosse valioso e apreciado por seus superiores, era, para ele próprio, tão somente um vazio sem sentido que lhe sugava o tempo e a energia necessários para o verdadeiro trabalho de sua vida, escrever. Com exceção dos momentos de triunfo, quando um trabalho que ele concluía atendia por completo seus critérios extremamente exigentes, os únicos eventos significativos em sua vida ensimesmada e maçante foram paixões ocasionais e os altos e baixos de sua relação com Felice e Milena, de que já tratamos, além, evidentemente, dos eventos que marcaram o avanço de sua doença.

Para reconstituir estes últimos, precisamos retroceder no tempo. Em setembro de 1917, depois de uma hemorragia, o Instituto concedeu a Kafka três meses de licença-saúde. Como vimos, ele foi para a casa de Ottilia em Zürau. Graças aos esforços dela, a licença foi prorrogada, permitindo-lhe permanecer com a irmã por quase mais três meses. Essa experiência foi fundamental, não só em razão da alegria tranquila de que ele desfrutava na presença de Ottilia mas também porque a primitiva vida rural que ele pôde observar serviu-lhe, mais tarde, de matéria-prima para *O castelo*. Kafka voltou ao trabalho no Instituto em maio de 1918. Seis meses depois, contraiu gripe espanhola, a pandemia que ceifou de 50 a 100 milhões de vidas no mundo todo. Com os pulmões já gravemente enfraquecidos pela tuberculose, foi

acometido por pneumonia dupla e se recuperou com dificuldade. Em 30 de novembro, por recomendação do médico da família, sua mãe levou-o de trem a Schelesen, um vilarejo no norte da Boêmia, para um período de recuperação com ar puro e repouso. Kafka ficou hospedado na Pensão Stüdl, onde conheceu a divertida Julie Wohryzek.

Ele voltou a Praga em março de 1919, sem grandes melhoras na saúde. Seu mal continuou a agravar-se ao longo de todo esse ano e de 1920. No começo de abril de 1920, Kafka viajou para Merano, conhecido centro de tratamento de doenças pulmonares, e se hospedou na Pensão Ottoburg. As cartas a Milena que precederam seu encontro de quatro dias com ela em Viena foram todas escritas de lá. A saúde de Kafka deteriorou-se ainda mais durante o outono e o inverno de 1920-1. Otla, dessa vez tomando a iniciativa, obteve para Kafka outra licença-saúde, que permitiu a ele partir em fins de dezembro de 1920 para um sanatório em Matliary. Oito meses nesse sanatório não produziram grande melhora; no máximo, a doença pode ter sido temporariamente mantida sob controle. Passados seis meses, ele escreveu a Brod que melhorar, para ele, estava “fora de questão”. Até seu médico achava que a cura era improvável. (L, 280) Apesar disso, ao retornar a Praga no fim de agosto ele retomou o trabalho no Instituto. Não foi uma decisão sábia. Apenas dois meses depois, ele mais uma vez precisou de uma licença-saúde, agora conseguida por seus pais, que estavam assustados. Essa licença acabou sendo prorrogada até abril de 1922. O plano era tentar curar-se com repouso no leito, exercícios moderados e outras medidas paliativas. Os resultados foram indefinidos. Em janeiro de 1922, como já mencionado, houve uma nova e grave complicação: o colapso nervoso de Kafka. A temporada em Spindlermühle recomendada pelo médico não ensejou nenhuma regressão da tuberculose, mas Kafka andou de trenó, fez caminhadas e pensou até em esquiar.

Acima de tudo, ele voltara a escrever. “Primeira dor” e “Um artista da fome” foram escritos em Spindlermühle; muito provavelmente, Kafka também começou a escrever *O castelo* por lá. Rompendo o padrão de ter de ser

persuadido por Brod a publicar, Kafka espontaneamente submeteu seus contos a dois periódicos, *Genius* e *Neue Rundschau*. Retornou a Praga em março, e no começo de abril disse a seu amigo Robert Klopstock:

depois de ter sido fustigado em períodos de insanidade, comecei a escrever, e esse escrever é a coisa mais importante do mundo para mim (de um modo que é horrível para todos à minha volta, tão indizivelmente horrível que não falo a respeito) — assim como o delírio é importante para o louco (se ele o perdesse, “enlouqueceria”) ou como a gravidez é importante para uma mulher. Isso não tem relação nenhuma com o valor de escrever — conheço bem demais esse valor, assim como sei o valor que tem para mim [...] Portanto, trêmulo de medo, protejo a escrita de todas as perturbações, e não só a escrita, mas a solidão que faz parte dela. (L, 323)

Em abril, Kafka obteve outra prorrogação da licença-saúde e a adicionou às semanas que corresponderiam às suas férias normais. Trabalhando em *O castelo*, ele queria isolar-se para não ser incomodado. “O grau de quietude de que necessito”, escreveu, “não se encontra na face desta Terra. Por no mínimo um ano, gostaria de esconder-me com meu caderno e não falar com ninguém. A mais ínfima ninharia me faz em pedaços.” (L, 325)

Infelizmente, evidenciou-se mais uma vez que não houvera melhora em sua condição física, e o médico do Instituto considerou-o inapto para o trabalho. Não havia escolha: aos 39 anos, Kafka requereu a aposentadoria. Ela foi concedida a partir de 1º de julho de 1922. Sua pensão foi estipulada em cerca de um terço do salário que ele receberia como secretário sênior do Instituto, o cargo ao qual fora promovido recentemente, uma quantia que daria tão somente para cobrir suas modestíssimas necessidades. Contudo, como sabemos, em setembro de 1923 ele se mudaria para Berlim, e a hiperinflação na Alemanha derreteria o valor de sua pensão.

Pela primeira vez desde que fora trabalhar no Instituto, ele se viu livre para fazer o que quisesse. No final de junho, Kafka juntou-se a Ottila e à filha dela de um ano, Vera, em Planá, uma cidadezinha a aproximadamente oitenta quilômetros ao sul de Praga. Ottila e sua família haviam alugado ali um apartamento para o verão. Com breves interrupções, ele permaneceu em Planá por quase três meses, trabalhando em *O castelo* e em um conto, “Investigações

de um cão”. No fim de agosto, abandonou o trabalho no romance. E também não conseguiu concluir o conto. Analisando depois, Kafka escreveu no diário em 26 de setembro: “Com algumas exceções, um bom período, graças a Ottla”. (D, 422) As exceções foram as crises de ansiedade que o impediram de ir encontrar-se com Oskar Baum e sua esposa em Georgental, um vilarejo na floresta da Turíngia, o sofrimento que lhe causava o barulho de crianças brincando na rua, uma viagem a Praga para ver seu pai, considerada por ele um fracasso, e mais uma crise de ansiedade ocasionada pelo medo de que a partida de Ottla para Praga o obrigasse a permanecer sozinho em Planá em setembro.

Um período ainda mais sombrio teve início quando ele voltou a Praga. Como antes, ficou no apartamento da família. Escrevendo a Minze Eisner, uma moça órfã que se tornara sua amiga em Schelesen, tentou fazer pouco da sua doença:

Não é tão ruim como parece ser do lado de fora da porta do quarto do doente, mas a construção é um tanto frágil. No entanto, agora estou melhor, e dois meses atrás encontrava-me em boa forma. É meramente uma situação de guerra um tanto confusa. A doença, vista como tropa de combate, é a mais obediente criatura do mundo: mantém o olhar fixo apenas no quartel-general e executa todas as ordens que dali emanam. Só que os de lá de cima frequentemente são indecisos e há outras causas de mal-entendidos. É preciso fazer alguma coisa para dar fim à divisão entre o quartel-general e a tropa. (L, 364)

Nada podia ser feito: sua saúde decaía velozmente. Visitas de amigos cansavam-no. Ele passou a sair de casa cada vez menos e a escrever menos cartas. A penúltima anotação de 1922 em seu diário, datada de 14 de novembro, diz: “Sempre 37,2 graus, 37,7 de noite. Sento-me à escrivaninha, não faço nada, quase nunca saio à rua”. (D, 423) Aproximando-se o fim do ano, uma infecção causou-lhe fortes cólicas de estômago e intestino, além de febre alta. Ele caiu de cama. A esses sofrimentos somou-se a volta da insônia total, que, ele pensou, o levaria à beira da insanidade, e com ela a necessidade de tomar sonífero.

O interesse de Kafka por todos os assuntos judaicos crescia desde o fim da guerra. A ascensão do Estado nacionalista da Tchecoslováquia pusera em questão a posição da minoria germanófona como um todo: ela não estava mais em ascensão política ou cultural, e seu novo papel era indefinido. No Instituto, o poder saiu praticamente de imediato das mãos de funcionários germanófonos, e Kafka achou conveniente escrever em tcheco para o novo diretor tcheco do Instituto sobre a sua situação médica e pedidos de licença. A situação dos judeus germanófonos era singularmente incômoda. Eles sofriam pressão de todos os lados: não só estavam no campo político, cultural e linguístico errado, mas também tinham de enfrentar o antissemitismo de tchecos e de alemães. A variedade tcheca de antissemitismo manifestou-se em 1919 e 1920 com agressões por turbas violentas e prosseguiu esporadicamente até que Masaryk, ao tornar-se presidente da República, conseguiu acalmar o país. A grave doença e a depressão de Kafka exacerbaram seu sentimento de vulnerabilidade pessoal e também sua alienação da cultura germânica, a única comunidade à qual, como grande mestre da prosa alemã, ele verdadeiramente pertencia. Sua reação incluiu um renovado esforço para aprender o hebraico.

No início de 1923, Kafka começou a ter aulas no apartamento de sua família. A professora era Puah Ben-Tovim, uma moça de dezenove anos nascida na Palestina. Puah fora para Praga incentivada por Hugo Bergmann, amigo de Kafka na escola e na universidade. Ela morava com os pais de Bergmann e estudava matemática na universidade. Por coincidência, Bergmann, que emigrara para a Palestina, também viera a Praga para uma breve visita. Ele tentou persuadir Kafka a realizar seu antigo desejo de mudar-se para a Palestina, oferecendo-se para hospedá-lo em seu apartamento em Jerusalém. Kafka declarou-se tentado, mas o projeto foi adiado até pelo menos o outono, pela razão expressa e óbvia de que primeiro ele tinha de descobrir se estaria em condições de viajar. Por ora, ele concordara em ir em julho para Müriz, um balneário alemão no Báltico, passar um tempo com sua irmã Elli e a família dela. Kafka escreveu a Bergmann: “Para testar minha transportabilidade, após muitos anos acamado e com dores de cabeça,



recompus-me para uma curta viagem ao mar Báltico”. (L, 372) Isso foi em 13 de julho; em uma carta escrita a Frau Bergmann ainda naquele mês, ele deixou claro que estava incapacitado para ir à Palestina: “Novamente a tentação acena, e novamente a absoluta impossibilidade responde”. (L, 374)

Em Müritz, Kafka descobriu que perto de seu hotel havia um acampamento de verão para crianças judias refugiadas do Leste Europeu. Ali conheceu Dora Diamant, uma polonesa de 25 anos, criada em uma família hassídica. Ela trabalhava na cozinha. A atração entre os dois foi imediata, mas em 9 de agosto Kafka foi obrigado a voltar para Praga. Estava mais doente do que nunca. Ottilia não queria que ele permanecesse na cidade e induziu-o a ir para Schelesen e ficar com ela e seus filhos. Lá a saúde de Kafka não melhorou. Em 29 de agosto ele escreveu de Schelesen a Brod: “Não há muito o que dizer; estou tentando ganhar algum peso — quando cheguei aqui, pesava 54 ½ quilos, nunca pesei tão pouco — porém praticamente não tenho conseguido. Muitas forças contrárias”. (L, 379)

Apesar da doença e da depressão, o rigor de Kafka ao julgar sua própria obra não arrefeceu. Em setembro, surgiu uma oportunidade de ganhar mil francos suíços — uma quantia elevada na época — na forma de um convite de uma editora suíça para que ele submetesse um trabalho para publicação. Kafka recusou, dizendo ao editor que “os textos de um período anterior que tenho à mão são totalmente imprestáveis: não os posso mostrar a ninguém”. (L, 380) A obra que recebeu dele esse categórico veredicto de imprópria terminaria, é claro, sendo publicada graças aos esforços de Brod.

Durante a estada em Schelesen, também em setembro, Kafka fez planos de mudar-se para Berlim e viver com Dora. Voltou a Praga por dois dias, 22 e 23 de setembro, para pegar roupas e outros pertences e para enfrentar, aos quarenta anos, as recriminações de seus pais por essa manifestação de independência. Em 25 de setembro ele por fim estava em Berlim com Dora. Escrevendo a Oskar Baum para desculpar-se por não visitá-lo quando passou por Praga, ele deu a impressão de que sua permanência em Berlim não seria longa:

Como é que eu poderia ter ido, diante da temerária perspectiva de ir a Berlim por alguns dias? Nos limites da minha condição há uma temeridade cujo paralelo você só encontrará folheando as páginas da história, por exemplo, na marcha de Napoleão para a Rússia. Exteriormente, e por ora, ela está correndo toleravelmente bem, como aliás também correu na época para ele. (L, 382)

Talvez ele estivesse inseguro quanto a seus planos. De fato, permaneceu em Berlim, onde tantas vezes sonhara em radicar-se, por seis meses.

Apesar de a condição de Kafka agravar-se com rapidez, sua correspondência durante todo o período em Berlim foi notavelmente lúcida e com frequência mostrou uma irreprimível alegria. Ele contou sobre os esforços que fazia para ficar de olho na amante de Brod, Emmy Salveter, na época uma atriz popular, e servir de mediador entre ela e Brod, oferecendo conselhos sábios e sensatos às duas partes. Preocupava-se com Klopstock e indagava avidamente sobre os livros de seus amigos. Brod vinha trabalhando em seu romance *Reubeni*: Kafka quis saber se ele o concluía. (L, 390) Em uma carta posterior, escrita quando ele já sofria com febre alta, ao ser informado de que Brod retomara o trabalho no romance, Kafka desejou-lhe boa sorte. Leu críticas de Brod publicadas no jornal *Abendblatt*, entre elas a de uma peça de Werfel que estava sendo encenada em Praga, e comentou-as (L, 399); perguntou se estreara a nova peça de Brod, *Bunterbart*, explicando que, devido à inflação, não comprava mais jornais; falou a Brod sobre a reação encantada de Dora a um ensaio dele que ela lera. (L, 401) Em janeiro, embora com febre alta, discutiu as implicações das críticas negativas à peça de Brod (L, 404) e pediu desculpas por não ter escrito a Oskar Baum sobre um conto que Baum publicara no periódico alemão *Rundschau*. Kafka era um crítico literário implacável e sagaz. Não pode haver dúvida de que ele sabia que sua própria obra — por mais que ele achasse a maior parte dela deficiente — estava em um nível imensuravelmente mais elevado que as de Brod, Werfel ou Baum. Entretanto, já não se vê em suas cartas indício algum de inveja pelo sucesso dos amigos, nem de autopiedade quando ele comparava, como não podia deixar de fazer, a vida relativamente normal e a produção literária constante dos três com o ressequido deserto de sua existência. Kafka fora

expurgado de todos os indícios de sentimentos mesquinhos.

Dispersas na correspondência de Berlim há referências a seus esforços para continuar a aprender o hebraico e mergulhar nos assuntos judaicos, o salva-vidas a que ele se agarrava. Por exemplo, ele debate com Emmy Salveter sobre a possibilidade de ambos assistirem ao Sukkot, o festival judaico da colheita (*L*, 383); preocupa-se por não receber o *Selbstwehr*, o periódico judaico que assinava e lia avidamente; pergunta à sua irmã Valli sobre a escola judaica em Praga e o progresso da sobrinha Lotte no hebraico (*L*, 396-7); diz a Felix Weltsch, o editor do *Selbstwehr*, que quando o tempo está bom ele frequenta as sessões da Academia de Estudos Judaicos duas vezes por semana; e relata a Brod repetidamente, em termos depreciativos, suas tentativas de continuar aprendendo o hebraico. (*L*, 388, 389) Ele escreve a Ottla sobre Klopstock, que estava estudando medicina em Praga: “Quisera que alguém pudesse ajudá-lo um pouco, ao menos nos problemas práticos: ele não tem quarto, seu privilégio das refeições gratuitas está ameaçado, machucou a mão, tem pela frente um exame difícil, provavelmente também está sem dinheiro”. (*LO*, 80)

Uma preocupação digna de nota é se Klopstock está mantendo sua ligação com judeus. Já em uma carta escrita em Müritz, Kafka perguntara: “Não gostarias de mudar para Berlim? Mais próximo, muito próximo dos judeus?”. (*L*, 378) Em uma carta de Berlim, ele o espicaça: o estudo da química “também deixa espaço para o hebraico?”. (*L*, 390) Aconselha-o que pare de fazer traduções e pense em dedicar-se a seu próprio trabalho: ele deveria voltar para sua cidade natal na Hungria, “fugir para o silêncio” depois dos exames do doutorado, apesar de “uma assoberbante abundância de atividades hebraicas estar sendo planejada em Praga”. (*L*, 392) Quanto a si mesmo, Kafka diz a Klopstock:

Não deves imaginar [...] que eu leve uma vida que me dê liberdade para me apresentar, ou mesmo para escrever, a qualquer momento. Existem abismos nos quais afundo sem mesmo notar, no máximo arrastando-me de volta para cima depois de um longo tempo. Essas não são as ocasiões apropriadas para escrever. (*L*, 402)

Os abismos eram sua doença e uma calamitosa penúria. A hiperinflação na Alemanha — os preços dos alimentos subiram 13 573% de julho de 1922 a julho de 1923 — fora detida abruptamente em novembro de 1923 por medidas decretadas por Hjalmar Schacht, o presidente do Reichsbank. O pacote passou a ser conhecido como o Milagre de Schacht. Mas embora a hiperinflação tivesse cessado, os preços continuavam a subir. A pensão de Kafka era paga pelo Instituto em coroas tchecas, uma moeda relativamente forte, e os pais de Kafka a remetiam em dinheiro vivo pelo correio ou por intermédio de amigos que viajavam para Berlim a fim de evitar transferências bancárias e taxas de conversão desnecessárias. Mas para as pessoas que, como Kafka e Dora, dependiam de uma remessa mensal fixa, viver dentro do orçamento era difícil, se não impossível. O sentimento de ruína era agravado pela situação política da Alemanha. Assim, em 25 de outubro ele escreveu a Brod que

das primeiras páginas dos jornais expostos [nos pontos de venda do bairro] absorvo o veneno que mal consigo suportar, e às vezes momentaneamente não posso suportar (agora mesmo na antessala fala-se em batalhas nas ruas). Mas então deixo esse local público e me perco, se ainda tiver forças, nas tranquilas avenidas outonais. (*L*, 388)

Ele se referia à pandemia de greves e violência fomentada por extremistas políticos de direita e esquerda.

Nesse meio-tempo, a devastação da tuberculose acelerara-se. Em meados de janeiro de 1924, Kafka explicou a Brod que não havia escrito antes por estar doente, com febre e calafrios. O médico chamado à sua cabeceira quis cobrar 160 coroas, e Dora pechinhou até conseguir reduzir esse preço à metade. “Desde então”, ele continuou,

decuplicou meu medo de adoecer: um leito de segunda classe no Hospital Judaico custa 64 coroas por dia, mas isso só cobre cama e comida, aparentemente não os honorários do médico [...] (*L*, 403)

No fim de fevereiro ou começo de maio, tio Siegfried, o médico de Triesch, viajou a Berlim para examinar Kafka. Depois da visita, Kafka escreveu a Klopstock que

logo iremos a Praga; se um sanatório nos bosques de Viena mostrar-se viável, então com certeza. Tenho resistido a um sanatório, resistido também a ficar numa pensão, mas de que adianta, se não consigo resistir à febre? E 38 tornou-se o meu pão de cada dia, a noite toda e metade da madrugada [...] por causa da febre não saio de casa há semanas; sinto-me forte quando estou deitado, mas, se tento uma caminhada, depois do primeiro passo ela assume a qualidade de um empreendimento tão colossal que às vezes a ideia de enterrar-me vivo pacificamente no sanatório não me parece tão desagradável [...] Mas aí chega a tosse matinal e vespertina com horas de duração e o frasco quase cheio todos os dias — e isso novamente fala a favor do sanatório. Por outro lado, há o medo, por exemplo, da horrível obrigatoriedade de comer lá. (L, 409-10)

Na realidade, o tio de Kafka recomendara que ele viajasse direto para um sanatório em Viena ou Davos: foi Kafka quem fez questão de ir primeiro a Praga. Max Brod, que fora a Berlim para assistir à estreia da ópera *Jenufa*, de Janáček, traduzida por ele do tcheco para o alemão, levou Kafka de volta a Praga e o deixou no apartamento dos pais.

Ele permaneceu ali três semanas, aos cuidados primeiro de Klopstock e, depois de sua chegada a Praga em fins de março, também de Dora. Ela permanecera em Berlim por insistência de Kafka. Durante o período em Berlim, Kafka escrevera ao pai de Dora, judeu hassídico, pedindo-lhe a mão da filha em casamento. O pai consultou o rabino de Gere, o *shtetl* hassídico na Polônia Oriental onde ele vivia. O rabino deu seu veredicto em uma palavra: não. Agora, Kafka não queria expor Dora aos comentários que os pais dele poderiam fazer pelo fato de ela viver com ele sem estarem casados. Em 7 de abril, Dora levou Kafka ao Sanatório Wiener Wald, situado nos arredores de Viena. Ele estava pesando menos de 45 quilos. Lá ele soube que tinha tuberculose da laringe. Tendo presenciado o tormento que um paciente internado com ele em Matliary havia sofrido com essa forma de doença, ele entendia o que o esperava. Após uma visita de Brod a seu leito de enfermo, escreveu-lhe:

O que vês nesta cama é muito pior do que uma execução e, sim, até do que uma tortura. É bem verdade que nós não inventamos as torturas, mas aprendemos sobre elas com as doenças, e homem nenhum ousa torturar como elas. Aqui a tortura prossegue por anos, com pausas de efeito para não se ir rápido demais, e — o elemento singular — a própria vítima é compelida por sua vontade, do seu

desgraçado íntimo, a prolongar a tortura. Toda essa desgraçada vida no leito, a febre, a falta de ar, os remédios [...] tudo isso não tem outro propósito senão o de desacelerar o desenvolvimento dos abscessos que hão por fim de sufocá-la, para prolongar tanto quanto possível esta vida desgraçada, a febre etc. (L, 253)

O paciente de Matliary, Kafka ficou sabendo pouco depois, jogara-se debaixo de um trem. Kafka suportou a tortura; felizmente ela durou pouco.

De Wiener Wald ele foi transferido para uma clínica universitária na própria Viena, e dali foi levado em 19 de abril, apesar das objeções do médico encarregado, ao muito menor e mais agradável sanatório em Kierling, uma cidade a noroeste de Viena. Lá Klopstock juntou-se a Dora e ajudou-a a cuidar dele. Em 11 de maio, Brod visitou Kafka pela última vez, e em 19 de maio (a data é incerta) Kafka escreveu a seus pais. Desaconselhou-os a ir visitá-lo. “Ainda não estou muito bonito”, disse-lhes,

nada que valha a pena ser visto [...] Se além disso considerarem o fato de que só me é permitido falar em sussurros e mesmo assim não muito frequentemente, adiarão de bom grado a visita [...] Como não posso mostrar às visitas, visitas como seriam vocês dois, um progresso substancial, inegável, mensurável até pelos olhos, acho que devemos deixar como está. (L, 414-5)

Nas semanas precedentes, a necessidade de dinheiro para as despesas médicas mostrara-se um poderoso incentivo. Kafka reuniu forças suficientes durante esses dias terríveis para escrever “Josefina, a cantora, ou O povo dos camundongos”, a história de uma diva que canta em sussurros, e em 9 de abril, quando ele já estava no Sanatório Wiener Wald, escreveu a Brod sobre a publicação do conto:

[o sanatório] é caro, talvez seja pavorosamente caro: “Josefina” terá de ajudar um pouco, não há outro modo. Por favor, oferece-o a Otto Pick [um amigo que era jornalista] (é claro que ele pode imprimir o que quiser de Contemplação); se ele aceitar, por favor, envia-o depois à Die Schmiede [uma editora alemã]; se ele não aceitar, envia-o imediatamente. Quanto a mim, evidentemente é a laringe. (L, 411-2)

Brod deu o conto a Pick, que usou sua influência sobre o editor-chefe do *Präger Presse*, um jornal em alemão publicado em Praga, o que resultou na

publicação de “Josefina” no suplemento literário do jornal na edição da Páscoa, em 20 de abril de 1924. Quanto à *Die Schmiede*, Kafka já submetera à editora três de seus últimos contos, “Um artista da fome”, “Primeira dor” e “Uma mulher pequena”. No leito de morte, Kafka corrigiu as provas das dezesseis primeiras páginas de *Um artista da fome*, um volume composto desses contos e de “Josefina”.

Pouco depois de ter se internado no sanatório de Kierling, Kafka não pôde mais falar nem mesmo em sussurros. Para fazer-se entender, tinha de escrever bilhetes a Dora, Klopstock e ao médico que o examinasse. Essas notas foram preservadas e são de partir o coração. Por exemplo:

Um pouco de água: esses pedaços de comprimido grudam no muco como estilhaços de vidro.  
E pensar que eu já fui capaz de simplesmente me aventurar a um grande gole de água.  
A dor pode parar temporariamente? Quero dizer, por um tempo razoavelmente longo?  
Quantos anos vocês conseguirão suportar? Por quanto tempo conseguirei suportar vocês suportando?  
Põe a mão em minha testa por um momento para me dar coragem. (L, 416-21)

Nossos sentimentos por Kafka facilmente tornam-se fraternos, e somos, assim, profundamente afetados por seus deslizes, derrotas e sofrimentos, como se fossem nossos. Depois de tantos tormentos, esse homem prodigioso morreu ao meio-dia de 3 de junho de 1924, um mês antes de completar 41 anos. Seu corpo foi levado para Praga, e em 11 de junho sepultado no cemitério judeu de Strašnice. Seus pais foram posteriormente enterrados ao lado dele. Uma única lápide marca os três túmulos.

Ninguém compreendeu Kafka melhor do que Milena. Ele se abriu totalmente para ela. O panegírico que ela escreveu para o *Národní Listy*, um diário praguense, foi publicado em 6 de julho, e nunca houve outro à altura:

Aqui poucos o conheciam, pois ele era um recluso, um homem sábio com medo da vida [...] Ele escreveu em uma carta: quando o coração e a alma não podem mais suportar, o pulmão assume metade do fardo, para que este se distribua mais equilibradamente — e assim foi com sua doença. Ela lhe emprestou uma ternura quase milagrosa e um refinamento intelectual quase horivelmente

inflexível [...]. Ele era tímido, ansioso, meigo e gentil, e no entanto os livros que escreveu são aterradores e pungentes. Ele via o mundo cheio de demônios invisíveis a dilacerar e destruir seres humanos indefesos. Ele era demasiado clarividente, demasiado inteligente para ser capaz de viver, e demasiado fraco para lutar. Ele era fraco do modo como o são as pessoas nobres, belas, pessoas incapazes de batalhar contra seu medo do equívoco, da perfídia ou do embuste intelectual porque de antemão se reconhecem desarmadas: sua submissão só envergonha o vitorioso. Ele compreendia as pessoas como só alguém com uma imensa sensibilidade à flor da pele pode compreender, alguém que é solitário, alguém que pode reconhecer os outros num lampejo, quase como um profeta. Seu conhecimento do mundo era extraordinário e profundo; ele próprio era um mundo extraordinário e profundo [...] Ele foi um artista e um homem com uma consciência tão preocupada que podia ouvir mesmo quando outros, surdos, julgavam-se seguros. (*LM*, 271-2)



## 5. O machado para o mar congelado dentro de nós...

Em uma carta com data de 27 de janeiro de 1904, Kafka escreveu a seu amigo Oskar Pollak:

Se o livro que estamos lendo não nos acordar com uma pancada na cabeça, para que o estamos lendo? [...] Precisamos de livros que nos afetem como um desastre, que nos angustiem profundamente, como a morte de alguém que amamos mais do que a nós mesmos, como ser banidos para florestas distantes de todos, como um suicídio. Um livro tem de ser o machado para o mar congelado dentro de nós. (*L*, 16)

Kafka atingiu esse sublime padrão oito anos depois, aos 29 anos, quando escreveu “O veredicto”. (*CS*, 77) Nada do que ele escrevera antes sequer chegara perto. Aventou-se que ele teria destruído a juvenília composta antes de 1904 reagindo a uma dura crítica de Pollak: assim, as mais antigas obras sobreviventes anteriores a “O veredicto” são *Descrição de uma luta* (*CS*, 9), *Preparativos de um casamento no campo* (*CS*, 52), no qual Kafka trabalhara intermitentemente entre 1904 e 1908, depois que sua amizade com Pollak esfriara, e oito breves textos em prosa escritos entre 1904 e 1908 publicados na *Hyperion*. São, em grande medida, composições floreadas e piegas, provavelmente devido à influência do estilo prevalecente na *Der Kunstwart*, uma revista dedicada às artes que Kafka conhecera por intermédio de Pollak. (*B*, 54, 57) Não admira que Kafka desejasse a destruição dessas obras. Com a única exceção de “A infelicidade do celibatário” (*CS*, 394), meu desagrado estende-se, pelas mesmas razões, a *Contemplação*, uma coletânea de dezoito textos em prosa publicada pela Rowohlt em 1913. Kafka há de ter tido opinião igual à minha a respeito desse delgado volume, pois, como vimos, em sua primeira carta de instruções a Brod sobre seus papéis pessoais, escreveu:

As poucas cópias de *Contemplação* podem permanecer. Não quero dar a ninguém o trabalho de

macerá-las; mas que nada desse volume torne a ser publicado. (T, 266)

Certamente pode-se encontrar frases e ideias extraordinárias nos trabalhos que precederam “O veredicto”, e sem dúvida era possível acreditar — como afirmou Max Brod ao ouvir Kafka ler *Preparativos de um casamento no campo* — que elas prenunciavam o surgimento de um gênio da literatura. (B, 60-1) Um gênio, talvez, mas um grande escritor, ainda não.

O grande escritor revelou-se em “O veredicto”, composto em um surto de criatividade durante a noite de 22-23 de setembro de 1912, um dia depois do Yom Kippur, o Dia da Expição judaico. Aparentemente da noite para o dia, Kafka dominou a arte de contar histórias. Nunca mais ele escreveria uma história que não mantivesse o leitor cativo até a última palavra da última página. “O veredicto” também descortinou uma das grandes invenções de Kafka em sua ficção, talvez a maior: a fleuma na abordagem de eventos que todo leitor sabe serem implausíveis (em “O veredicto”, *Na colônia penal* e *O processo*) ou totalmente impossíveis (em *A metamorfose* ou “Um relatório para uma Academia”). Kafka escreveu sobre eles como se estivessem inquestionavelmente ocorrendo ou houvessem ocorrido, com sua presumida verdade escorada em descrições cuidadosamente pormenorizadas. À medida que lemos, aceitamos sua realidade, do mesmo modo como, pouco antes de despertar, aceitamos nossos sonhos como reais. Uma consequência, fundamental para a arte de Kafka, é que no mundo que ele cria não há espaço para a surpresa. A família Samsa de *A metamorfose* fica horrorizada e em choque ao ver que Gregor transformou-se num gigantesco inseto, mas nem o pai nem a irmã evidenciam algo parecido com espanto. Na história de *Na colônia penal*, o explorador acha repugnante o sistema judiciário, mas nunca lhe ocorre indagar se poderia estar no meio de um pesadelo. Em *O processo*, a truculência de Josef K. segue o ritmo de sua crescente compreensão do bizarro funcionamento dos trâmites jurídicos, mas ele não contesta sua realidade. Em vez disso, diz ao Inspetor que não está “de modo algum muito surpreso” com as estranhas circunstâncias de sua prisão. No mundo de Kafka, a história é o

que é: a realidade é como é retratada. Somos arrebatados por monólogos proferidos por um cão, um macaco ou um animal astuto ao patrulhar alerta os corredores de sua toca. Outro aspecto da narração serena de Kafka é encorajar o leitor, às vezes irresistivelmente, a interpretar a obra. Como todos sabemos, por exemplo, que pessoas não se transformam em insetos e macacos não fazem relatórios para academias, perguntamo-nos: o que Kafka quis nos dizer? Cavar fundo para encontrar um significado que pensamos estar oculto em uma obra de ficção é benéfico quando nos leva a tratar o texto com todo o respeito que ele merece. O dano surge quando teorias e interpretações eclipsam o texto, desviam a atenção de sua beleza ou reduzem seu significado.

A prodigiosa noite de setembro de 1912 inaugurou um período de contínua criatividade que não seria igualado. Ele coincidiu com a corte de Kafka a Felice e durou até algum tempo depois da hemorragia de agosto de 1917. Além de “O veredicto”, antes de encerrar-se o ano de 1912 Kafka escreveu *A metamorfose* (CS, 89) e “O foguista” (publicado como um conto separado em 1913 e como o primeiro capítulo de *Amerika*). Ele escreveu *Na colônia penal* (CS, 140) no outono de 1914. Boa parte de *O processo* e o último capítulo de *Amerika* ele conseguiu pôr no papel durante esse mesmo outono, mas o trabalho em *O processo* adentrou janeiro de 1915. Não houve muitas realizações em 1915, mas no outono de 1916 Kafka começou a escrever na casinha da Alchimistengasse. Foi lá que ele compôs as histórias que seriam incluídas em *Um médico rural*. Além do conto que deu o título ao livro e “Um relatório para uma Academia”, ambas representantes do nível mais elevado da criação de Kafka, o volume continha outros textos de primeira qualidade: “Uma mensagem imperial”, “A preocupação de um pai de família” e “Um fratricídio”.

Kafka não foi produtivo em 1918, 1919 e 1920, se descontarmos os dois grupos de aforismos compostos entre outubro de 1917 e janeiro de 1920 e a impressionante *Carta ao pai*, escrita em Schelesen em novembro de 1919. Apesar da importância que a *Carta* tinha para ele pessoalmente, está claro que Kafka não a considerava parte de sua obra literária. Abril de 1920 inaugura o

período Milena, que termina efetivamente em novembro desse ano. Seja em razão do tumulto emocional causado por essa relação, seja por fraqueza física, Kafka não conseguiu escrever em 1920 e 1921. O último arranco de produção magistral iniciou-se, paradoxalmente, com o colapso nervoso de janeiro de 1922. Em fevereiro desse ano, ele escreveu “Um artista da fome”; em janeiro ou fevereiro, começou *O castelo*, no qual trabalhou até o fim de agosto. Em julho Kafka aposentou-se do Instituto e escreveu o misterioso e dilacerante “Investigações de um cão”. Nenhuma das histórias que Kafka escreveu em 1922 ou posteriormente superou o melhor da produção publicada de 1912-7, mas “Investigações de um cão” e “A construção”, escritos em outubro-dezembro de 1923 (CS, 325), ambos publicados postumamente, além de “Um artista da fome” e “Josefina, a cantora, ou O povo dos camundongos”, escritos em março de 1924 e publicados durante a vida de Kafka, são todos do mesmo alto nível.

Em 1916, Kafka disse a seu editor, Kurt Wolff, que “O veredicto” era seu conto favorito. (L, 126) Ele achava que essa obra e dois outros contos que ele concluíra eram ligados, e expressou o desejo — não atendido enquanto era vivo — de que os três fossem publicados em um único volume:

“O foguista”, *A metamorfose* [...] e “O veredicto” integram-se, tanto interior como exteriormente. Entre os três há uma conexão óbvia e, ainda mais importante, uma conexão secreta, motivo pelo qual eu relutaria em abrir mão da oportunidade de tê-los publicados juntos em um livro, que poderia intitular-se *Os filhos* [...] Para mim, é tão importante a unidade das três histórias quanto a unidade de qualquer uma delas. (L, 96-7)

A “conexão óbvia” é que, em cada uma dessas obras, o pai triunfa sobre o filho. Kafka não divulgou a conexão “secreta”, mas ela pode ser deduzida de uma carta de 1915 a seu editor. Tendo escrito *Na colônia penal* no ano anterior, Kafka apresentou-lhe outra ideia: publicar *Na colônia penal* e as três histórias anteriores juntas sob o título coletivo *Punições*. (L, 113) A conexão que emerge então entre as quatro histórias é o tratamento dado, em cada uma delas, à culpa e ao castigo, um tema que também as liga a *O processo*. Uma

ligação temática separada é a ambientação urbana de “O veredicto”, *A metamorfose* e *O processo*, que sugere fortemente a Praga de Kafka, e o rançoso ambiente de classe média-baixa no qual se desenrola a ação.

Kafka incomodava-se com *Na colônia penal*. Dois anos depois de concluir a obra, ele escreveu a Kurt Wolff:

Sua crítica ao elemento doloroso [em *Na colônia penal*] condiz totalmente com minha opinião, mas por outro lado eu me sinto do mesmo modo com respeito a quase tudo que escrevi até agora. Notou como poucas coisas estão livres desse elemento doloroso de uma forma ou de outra? Para aclarar essa história, só preciso acrescentar que a dor não é exclusiva dela, mas a nossa época em geral e a minha época em particular também foram dolorosas e continuam a ser, mais consistentemente para mim do que para a época.

E acrescentou: “Suponho que também seja imprópria para uma leitura pública, embora eu tenha data marcada para lê-la na Livraria Goltz em novembro e pretenda fazê-lo”. (*L*, 127) (Como já mencionado, a leitura em Munique não foi bem recebida.)

Passado um ano, após responder à proposta de Wolff para publicar *Um médico rural*, Kafka voltou ao assunto de *Na colônia penal*:

Talvez haja algum mal-entendido em torno de *Na colônia penal*. Meus pedidos para que ela fosse publicada nunca foram feitos com total convicção. Duas ou três das páginas finais são toscas, e a presença delas indica alguma falha mais profunda: há um verme em algum lugar que torna a história, em toda a sua densidade, oca. Sua proposta de publicar a história do mesmo modo que *Um médico rural* é, obviamente, muito tentadora e me empolga tanto que estou disposto a baixar minhas defesas — não obstante, por favor não a publique, pelo menos por ora. Se você estivesse em meu lugar e visse a história do meu ponto de vista, não acharia que estou sendo excessivamente escrupuloso nesta questão. (*L*, 136)

O incômodo e a contínua preocupação de Kafka com essa obra prosseguiram, como evidenciam anotações em seu diário de 1917 sugerindo variações. (*D*, 376, 380, 381-2) Em uma carta de janeiro do mesmo ano ao poeta alemão Gottfried Kölwel, ele se referiu a *Na colônia penal* como “minha história imunda”. (*L*, 129) Mas não a modificou, e em 1919 Wolff por fim

publicou o texto como fora inicialmente submetido.

Gustav Janouch recordou em suas memórias o seguinte comentário de Kafka: “o marquês de Sade, cuja biografia você me emprestou, é o verdadeiro padrão de nossa época”. (J, 131) O significado dessa afirmação é obscuro, mas manifestamente Kafka tinha noção da obra desse autor — ou pelo menos de sua reputação — e em *Na colônia penal* ele transpôs um tênue mas reconhecível limite e adentrou o domínio do marquês. Esse foi um deslize que ele evitou quando escreveu “Um relatório para uma Academia” e “Um artista da fome”, duas histórias excepcionalmente cruéis.

Em *Na colônia penal*, um explorador visita uma ilha tropical e é convidado a assistir a uma execução. Seu guia é um oficial, que também é o único juiz e o carrasco. Ele apresenta ao explorador seu princípio de tomada de decisão: “a culpa é sempre indubitável”. (CS, 145) O crime do soldado condenado à morte é não ter se submetido passivamente ao açoitamento por um oficial cuja sala ele guardava. A punição — ser torturado até a morte, que em geral ocorre em até doze horas — seria aplicada pelo Rastelo, uma engenhosa máquina que escrevia no tronco do condenado o mandamento que ele transgrediu. No caso em questão, é “Honra o teu superior”. O Rastelo escreve com agulhas que primeiro penetram na pele e em estágios posteriores na carne. O oficial esmiuça cada detalhe da operação: primeiro as mãos e os pés do condenado são amarrados à cama que jaz sob o Rastelo. Enfiam-lhe na boca um tampão de feltro, que será removido assim que ele parar de gritar. Nessa fase dão-lhe para lambar mingau de arroz em um prato eletricamente aquecido. Suas forças têm de ser mantidas, explica o oficial, para as últimas seis horas de tortura: após a sexta hora, uma expressão de iluminação, apreciadíssima pelos aficionados da tortura, estampa-se no rosto do condenado, pois ele começa a ler com seu corpo, e compreender, o mandamento que o Rastelo escreveu-lhe na carne.

O oficial tem uma confissão a fazer: o Rastelo não está funcionando perfeitamente. Precisa de novas peças, mas elas não podem ser obtidas porque o atual comandante da colônia está decidido a subverter o sistema penal, que

foi inventado pelo Velho Comandante. E o que é pior: o oficial desconfia que o novo comandante pretende usar a prevista desaprovação do explorador à tortura como argumento para dar fim a essa prática. Mas se o explorador, depois de ter visto o Rastelo em ação, ficar com uma impressão favorável, talvez se torne um dos defensores do instrumento e expresse esse apoio ao novo comandante, preferivelmente em público.

O explorador reflete. Mesmo admitindo que aquela era uma colônia penal, onde medidas extraordinárias são essenciais para impor a disciplina, ele não ficou satisfeito com a explicação do procedimento judicial. Ao mesmo tempo, embora ele tenha sido altamente recomendado às autoridades locais, sempre é uma tarefa delicada meter-se nos assuntos alheios: há o risco de mandarem que não se intrometa. Assim, ele dá uma resposta neutra e diz ao oficial “posso ajudá-lo tão pouco quanto prejudicá-lo”. (CS, 157) As repetidas súplicas do oficial por apoio são violentas e desesperadas, mas o explorador, que é um homem “basicamente honrado e não tinha medo”, mantém-se firme. “Sou contra esse procedimento”, diz ao oficial. E acrescenta: “Vou de fato comunicar ao comandante o meu ponto de vista sobre o procedimento, mas não em uma reunião, e sim a sós”. (CS, 160)

O oficial tinha parado de ouvir. Sorri como “um velho sorri da insensatez de uma criança e conserva atrás do sorriso seu verdadeiro pensamento” e ordena que libertem o condenado. (CS, 160) Em seguida, tira o uniforme com cuidadosa ternura, quebra sua espada e se deita na cama sob o Rastelo. A máquina começa a funcionar espontaneamente e se põe a escrever no corpo do oficial um mandamento diferente e nada impróprio: “Seja justo!”. Mas antes de o processo ser concluído, o Rastelo entra em pane e, num paroxismo final, enterra um grande estilete de ferro na testa do oficial.

Facas que se voltam contra o próprio dono ou contra outros são, como vimos, um tema recorrente nos diários e na correspondência, assim como em *O processo* e “Um fraticídio”. A obsessão estende-se a infligir e suportar a dor. Tentando explicar seu horripilante interesse pelo abscesso que surgira sob a ponte de Felice e pela quebra gradativa da prótese, Kafka escreveu a Grete:

Não lhe dá prazer exagerar tanto quanto possível as coisas dolorosas? Para as pessoas com instintos fracos, com frequência esse me parece o único modo de expulsar a dor; como um remédio que, destituído de bons instintos, cauteriza o local ferido. Com isso, obviamente, não se obtém nada definitivo, mas o momento em si — e aqueles com instintos maus e fracos não têm tempo para preocupar-se com mais do que isso — é quase prazeroso. (LF, 331)

Ainda mais reveladores são seus comentários a Milena sobre uma tradução que ela fizera de um trecho do romance *Jimmy Higgins*, de Upton Sinclair, que fora publicado em um jornal praguense na época do rompimento de relações entre ela e Kafka, em novembro de 1920. Ele estava manifestamente perturbado:

o fato de que tenhas traduzido justamente esse fragmento significa uma afinidade de gostos. Sim, a tortura é para mim sumamente importante, apenas me ocupo de torturas e de ser torturado. Por quê? Pelo mesmo motivo quase que Perkins [um policial do romance], e do mesmo modo irrefletido, mecânica e tradicionalmente; quer dizer, para ouvir da boca condenada a palavra condenada. Uma vez expressei assim a estupidez que isso implica (reconhecer a estupidez não serve para nada): “O animal arranca o látego ao homem e flagela-se a si mesmo, para converter-se em amo, sem saber que isso somente é fantasia produzida por um novo nó na correia do látego do amo”. (LM, 214-5)

A punição aplicada em *Na colônia penal* não é mais grotescamente desproporcional à transgressão do condenado do que as punições aplicadas por transgressões mais nebulosas nas três obras que Kafka desejara ver publicadas por Wolff em um único volume sob o título de *Os filhos*. *Na colônia penal* destaca-se graças às descrições meticulosas e vívidas do Rastelo e seu funcionamento, que parecem ter enfeitiçado o autor. E não há nessas outras histórias nada tão arrepiante quanto a posição relativista do ilustre explorador europeu, que não quer ajudar nem atrapalhar, ou quanto o que ele diz a si mesmo quando vê o oficial tomar o lugar do condenado sob o Rastelo:

Se o procedimento judicial de que o oficial era adepto estava de fato tão próximo da supressão — possivelmente em consequência da intervenção do explorador, com a qual este por seu lado se sentia comprometido —, então o oficial agora estava agindo de um modo inteiramente correto; se estivesse no seu lugar não se teria conduzido de outra maneira. (LM, 163)



O explorador não é Kafka e não fala pelo autor. Ele é um observador neutro, o único encontrado na ficção kafkiana. O humanismo intrínseco e inabalável de Kafka é, tanto quanto seu perturbador fascínio pela dor, um fator que explica o poder que o Rastelo exerce sobre ele. Esse humanismo, assim como a cristalina dureza do texto de Kafka, elevam *Na colônia penal*, quase uma obra-prima, bem acima do romance *fin de siècle* de Octave Mirabeau *Le jardin des supplices*, uma história *kitsch* de tortura sobre um viajante que, ao investigar sistemas penitenciários do Extremo Oriente, deleita-se com uma visita a um jardim de suplícios. O romance de Mirabeau não é mencionado no inventário da biblioteca de Kafka, mas existe um consenso de que essa foi uma de suas fontes literárias. (*Bi*, 57, 278)

*Na colônia penal* foi interpretado como uma alegoria na qual o Velho Comandante é o Jeová do Antigo Testamento, os mandamentos escritos no corpo dos condenados são os Dez Mandamentos e o oficial é Moisés, porque em sua carteira de couro ele traz a lista das sentenças a serem gravadas nas costas dos condenados. Consequentemente, julga-se que o novo comandante subverte a dura lei antiga. Deve-se então arriscar a suposição de que a autoimolação do oficial no Rastelo é análoga à Crucificação e que o explorador representa Pôncio Pilatos? É muito improvável que Kafka tivesse em mente essa paródia do judaísmo e do cristianismo. Com muito mais razões, *Na colônia penal* também foi interpretado como um paralelo com a degradação do capitão Alfred Dreyfus e seu confinamento em condições que foram brutais e em grande medida ilegais, incluindo-se entre elas ter as pernas agrilhoadas à cama. Os detalhes foram relatados nas muito lidas memórias de Dreyfus, *Cinq années de ma vie 1894-1899*, publicadas em 1901.

Dreyfus foi um capitão da artilharia francesa que serviu temporariamente no estado-maior do exército. Era o único oficial judeu nesse posto, pois o estado-maior costumava excluir judeus. Em outubro de 1894, com base em provas forjadas, Dreyfus foi acusado de entregar segredos militares à embaixada alemã. Dois meses depois, um tribunal militar condenou-o por traição, e ele foi mandado para o exílio perpétuo na ilha do Diabo. Com o

passar do tempo, os dados documentais e o testemunho dos oficiais colegas de Dreyfus, que haviam conspirado contra ele, foram desmascarados. Em 1899 ele recebeu o indulto presidencial; em 1906 o supremo tribunal da França revogou as sentenças dos dois tribunais militares que o haviam condenado e declarou sua inocência. A revelação do grau e da virulência do antissemitismo na oficialidade e no alto comando do exército francês, e na verdade em todos os estratos da sociedade francesa, assim como os vívidos detalhes da punição à qual Dreyfus fora submetido, chocaram e amedrontaram os judeus do mundo todo. Se os judeus eram tão vulneráveis na França republicana, o primeiro país europeu a emancipá-los, onde poderiam encontrar segurança?

Na época da publicação de seu livro, e por anos depois disso, Dreyfus talvez tenha sido o homem mais famoso da Europa. Seu relato biográfico não consta do inventário da biblioteca de Kafka, mas provavelmente ele o leu. Quase sem dúvida ouviu debaterem sobre o livro, e pode ter se lembrado dele na época em que escreveu *Na colônia penal*. Uma faceta específica da ilha do Diabo no texto de Kafka pode ser o fato de o oficial falar francês (mas curiosamente, como veremos, o mestre-escola de *O castelo* também fala essa língua), embora nem o condenado nem o soldado que o guardava o entendessem. A iniquidade com Dreyfus e a iniquidade prestes a ser cometida com o soldado condenado convergem no aspecto de que tanto Dreyfus como o soldado tiveram seus direitos legais básicos negados: na colônia de Kafka, a culpa sempre é indubitável; o soldado não teve oportunidade de se defender, e nem ao menos lhe comunicaram a sentença que lhe fora imposta. E, sobretudo, a presunção da culpa lembra a atitude de muitos oficiais superiores do estado-maior francês que acreditavam piamente que, por ser judeu, Dreyfus tinha predisposição hereditária à traição.

Mas o caso Dreyfus não se destacou apenas em razão da tortura ou mesmo da natureza da pena imposta pelo tribunal militar. A deportação perpétua como punição por traição teria sido aceita pela sociedade francesa, e sem dúvida pelo próprio Dreyfus, como uma sentença apropriada — já que a pena capital fora abolida para casos de traição — desde que não houvesse

dúvida quanto à culpa. Na verdade, o fato de que Dreyfus não seria executado foi inicialmente recebido com indignação. No cerne do caso e do furor que ele provocou estava um escândalo jurídico: a condenação de um homem inocente com base em provas forjadas, cujos elementos mais reveladores foram apresentados ao tribunal militar em segredo, de modo que nem o acusado nem seu advogado pudessem exercer o direito básico da defesa a examinar e contestar os documentos e testemunhos. Obviamente, quando os atos ilícitos do ministro da Guerra, do estado-maior e do promotor vieram à luz, o tratamento extraordinariamente severo dado a Dreyfus resultou numa efusão de simpatia pela vítima e indignação contra seus carcereiros.

Entretanto, não há indício de que Kafka desejasse levar o leitor a duvidar de que o soldado realmente houvesse sido insubordinado. Tampouco o exército austro-húngaro ou o alemão da época teriam tolerado que um soldado gritasse para seu oficial “atire fora o chicote ou eu o engulo vivo”, mesmo se o soldado houvesse sido açoitado no rosto. (CS, 146) Muito mais provável, independentemente de Kafka estar ou não pensando no capitão Dreyfus, era ele estar expressando sua repulsa geral à severidade, ou mesmo crueldade, das punições aplicadas pelos tribunais militares e outras cortes de justiça criminal, quer o condenado fosse de fato culpado, quer fosse inocente do que lhe acusavam.

Suponhamos que, como é muito provável, Kafka tivesse em mente três coisas: primeiro, a ilha do Diabo; segundo, o caráter irado e vingativo de Jeová e as punições incomumente cruéis e os julgamentos injustos que ele infligira a seu povo (o Dilúvio, incendiar Sodoma e Gomorra junto com seus habitantes, impedir Moisés de entrar na Terra Prometida, ordenar a Abraão que sacrificasse Isaac são apenas alguns exemplos); terceiro, os aspectos atrozes da disciplina militar. Isso não significa que devemos abrir *Na colônia penal* e pensar: agora leremos sobre Dreyfus e a Ilha do Diabo, sobre o fracasso da teodiceia ou sobre os aspectos atrozes dos códigos de justiça militar. Devemos entender a obra como ela é: a tentativa desesperadamente corajosa do autor de digerir pesadelos dos quais não conseguia acordar —

com a aura de todas as possíveis associações e referências em torno da história servindo para intensificar nossa experiência e não para ditar nossa interpretação. A verdade é que os ficcionistas raramente — talvez nunca — pensam em apenas uma experiência, ou um conceito, ou uma única pessoa ou grupo de pessoas quando criam uma obra de ficção, mesmo que seja um *roman à clef*, o que não é o caso de nenhum texto escrito por Kafka. Quando uma obra está em gestação, seu criador é assediado por uma multidão de possibilidades incipientes, a maioria das quais ele não desenvolve. Lampejos inesperados, alguns muito úteis, tornam-se milagrosamente disponíveis.

Uma anotação de 23 de setembro de 1912, que no diário vem logo em seguida ao texto de “O veredicto”, registra como Kafka vivenciava esse processo:

Muitas emoções trazidas por escrever, como a alegria, porque terei algo belo para a *Arkadia* de Max [uma revista editada por Brod], reflexões sobre Freud, obviamente; por uma passagem de *Arnold Beer* [um romance de Brod sobre a “questão judaica”]; por outra, de Wassermann [Jakob Wassermann, escritor austríaco (1873-1934)], por uma da gigante de Werfel [romance de Werfel, *Die Riesin*]; evidentemente, também por meu “Mundo urbano” [um fragmento composto em 1911, possivelmente o protótipo de “O veredicto” (*D*, 40)]. (*D*, 213)

Talvez haja algum resíduo dessa alegria e dessas reflexões em “O veredicto”, mas no final da extraordinária noite de setembro elas haviam mudado, juntamente com todos os outros recursos que Kafka usou em sua história, “para algo rico e estranho”, o conto completo opondo um filho contra um pai implacável e onipotente.

O filho, Georg Bendemann, um jovem comerciante, senta-se em seu aprazível quarto numa manhã de domingo e pela janela contempla o rio, a ponte e os montes distantes do outro lado da margem. Ele acaba de escrever uma carta a um velho amigo, que “insatisfeito com suas perspectivas na própria terra, já fazia anos havia literalmente se refugiado na Rússia”. (*CS*, 77) Mas lá o sucesso também lhe escapara. Escrever essa carta não foi uma tarefa fácil, pois Georg sente que a disparidade entre seu próprio bem-estar e

tranquilidade financeira e a situação do amigo tornou-se tão grande que poderia incitar a inveja do outro. Além disso, até aquela manhã ele evitara revelar seu noivado com a “senhorita Frieda Brandenfeld, uma jovem de uma família bem situada”. Em contraste, o amigo, que não tem contato com a colônia de compatriotas em São Petersburgo nem com famílias russas, tem de resignar-se a viver como um velho solteirão.

No decorrer dessas ponderações ao fim do café da manhã, ficamos sabendo também que a mãe de Georg morrera dois anos antes, que ele e o pai viúvo dividem a casa e que “o pai, desde a morte da mãe, embora ainda continuasse trabalhando no estabelecimento, [talvez] tivesse ficado mais retraído”. (CS, 78) Além disso, desde a morte da mãe, Georg “havia assumido com maior determinação o negócio, bem como tudo o mais”. (CS, 78) Fosse em consequência desse maior esforço, fosse por acaso, o negócio da família prosperara de forma totalmente inesperada. Concluída a carta, ele a põe no bolso e vai ao quarto do pai, logo em frente, do outro lado do corredor. Fazia meses que não entrava naquele quarto, mas ele e o pai veem-se todos os dias na firma e durante o almoço em restaurantes. À noite, mesmo se Georg for sair, sentam-se juntos na sala por algum tempo e leem jornais.

A aparência do quarto do pai surpreende Georg: está muito escuro ali, mesmo naquela manhã ensolarada; as sobras do café da manhã, do qual pouco foi comido, ainda não foram levadas pela empregada; o pai, com um roupão incongruentemente pesado, está sentado num canto do quarto abarrotado de recordações da finada esposa. Quando o pai se levanta, Georg repara que ele ainda é “um gigante”. (CS, 81) Até aqui, tudo bem. Poderíamos estar em uma história oitocentista de Chekhov ou Maupassant, e a única surpresa é que o autor seja Kafka, que nunca escrevera nada desse tipo antes. Mas “O veredicto” é a história que, em suas palavras, “saiu de mim como um verdadeiro parto, coberta de sujeira e muco, e só eu tenho a mão capaz de alcançar o corpo e um desejo forte o bastante para fazê-lo”. (D, 214) Sem aviso, o clima e o andamento da história mudam. Quando Georg diz ao pai que finalmente escreveu a carta ao amigo de São Petersburgo sobre o noivado, o

pai acusa-o de não dizer toda a verdade. Há muitas coisas na firma que ele ignora, o pai reclama, talvez coisas que estejam sendo feitas sem seu conhecimento, talvez pelas costas; ele não pode especificar, pois sua memória está fraca. E então acrescenta com brandura:

Mas já que estamos falando desse assunto, dessa carta, peço-lhe por favor, Georg, que não me engane. É uma ninharia, não vale nem um suspiro, por isso não me engane. Você realmente tem esse amigo em São Petersburgo? (CS, 82)

Quem já cuidou de um parente idoso há de reconhecer os sentimentos de embaraço e culpa, além de algo próximo do pânico, que se apoderam de Georg. Então o velho começou a perder a lucidez! É claro, ele assegura ao pai, que ele nunca diria uma mentira, que nunca se sairia bem nos negócios sem ele, que seria melhor o pai ficar para seu uso pessoal com a sala, que é bem iluminada — e, decidindo procurar um médico, tenta pôr o pai na cama. Não adianta. O pai insiste em dizer que Georg não tem nenhum amigo em São Petersburgo e que está tentando enganá-lo.

Apesar de tudo, Georg consegue preparar o pai para deitar-se, e no processo nota que sua roupa de baixo não está limpa. Carrega o pai nos braços e o ajeita sob as cobertas. Uma conversa muito estranha ocorre então. O pai pergunta se está bem coberto. Georg garante que sim, e imediatamente o pai parte para o ataque. Joga longe os cobertores e salta da cama, aprumado, com uma mão tocando o teto. “Você queria me cobrir”, grita, “mas ainda não estou recoberto!” Com virulência, o pai explica que tem mantido contínua correspondência com o amigo de São Petersburgo — que “seria um filho na medida do meu coração”. (CS, 85) Mas Georg traiu seu amigo. E só agora, diz o velho, que ele pensa poder “sentar [em cima do pai] com o traseiro sem que ele se mova, o senhor meu filho se decidiu casar”. (CS, 85) Mas isso não é tudo:

“Só porque ela levantou a saia”, começou o pai em voz de falsete, “só porque a nojenta idiota levantou a saia” — e para fazer a mímica suspendeu tão alto o camisolão, que dava para ver na parte superior da coxa a cicatriz dos seus anos de guerra —, “só porque ela levantou a saia assim,

assim e assim, você foi se achegando, e para que pudesse se satisfazer nela sem ser perturbado, você profanou a memória da sua mãe, traiu o amigo e enfiou seu pai na cama para que ele não se movesse. Mas ele pode ou não se mover?”

E, sem se apoiar em nada, passou a esticar as pernas para a frente. Resplandecia de perspicácia. (CS, 85)

Vimos linguagem muito parecida na *Carta ao pai*, escrita em 1919, associada à oferta de Herman para levar Kafka a um bordel como alternativa para o casamento, uma sugestão que Kafka jogou-lhe na cara quando recordou a descompostura que ouviu por causa de seu noivado com Julie Wohryzek. Seria esse um caso de vida imitando a arte sete anos depois? Kafka teria posto essas palavras consciente ou inconscientemente na boca do pai porque seu grande conto de 1912 ainda estava muito presente em sua mente? Ou será que essa forma de insulto intoleravelmente vulgar era um discurso comum entre os judeus praguenses com as origens e rasa civilidade de Herman? É impossível saber. Não se vê pista alguma nos diários e cartas de Kafka.

Georg reconhece a força do ataque e se encolhe num canto. Muito tempo atrás ele decidira observar até os mínimos movimentos de seu pai, de modo a não ser pego de surpresa. “Lembrou-se nesse momento da decisão havia muito esquecida e a esqueceu de novo, como um fio curto que se enfia pelo buraco de uma agulha.” Uma sentença magnífica: ela indica a perdição de Georg. A diatribe prossegue. Os ressentimentos do pai extravasam-se como de um esgoto transbordante, até que por fim ele grita:

“Na verdade você era uma criança inocente, mas mais verdadeiramente ainda você era uma pessoa diabólica! Por isso saiba agora: eu o condeno à morte por afogamento!” (CS, 87)

Lembre-se de que estamos na realidade de Kafka. Em vez de chamar o médico para dar uma injeção de sedativo no velho tolo, Georg foge do quarto. Desembesta escada abaixo e topa com a faxineira. “Jesus!”, ela grita, e cobre o rosto com o avental, mas ele já se foi. Ele continua a correr pela rua, chega à ponte. “Já agarrava firme a amurada como um faminto a comida”. (CS, 88)

Como o excelente atleta que fora na juventude, para orgulho de seus pais, ele salta a amurada e, quando passa um ônibus, que encobrirá com o ronco do motor o barulho da queda, exclama: “Queridos pais, eu sempre os amei”, e se deixa cair. (CS, 88)

Uma sentença de morte fora proferida e cumprida, mas por qual crime? Por Georg ter sido ousado demais na condução dos negócios depois que seu pai se afastou? Por negligenciar o pai? Por negligenciar o amigo de São Petersburgo? Nada disso parece certo. O que provoca o pai tem de ser a menção do noivado, e é quando o pai deblatera contra a noiva que ele fica mais estridente. Portanto, a ofensa deve ter sido a decisão do filho de ter uma vida sexual e potencialmente tornar-se pai. Cronos, o Deus primevo, devora sua prole sem ligar para o sexo ou a culpa até que seu filho Zeus o mata. Zeus foi ajudado por Reia, sua mãe e esposa e irmã de Cronos. Ninguém ajuda Georg: no mundo de Kafka, a mãe de Georg, se estivesse viva, teria em algumas ocasiões moderado os ataques de raiva do pai, mas sua unidade essencial com o marido teria sido completa. Os pais kafkianos banem ou matam os filhos transgressores. Os filhos não revidam. Nem todos fazem como Georg e se tornam seus próprios executores, mas, sem exceção, submetem-se à punição.

A primeira sentença de *A metamorfose* — “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso” — parece o começo de um conto de fadas; mas é um conto de fadas sem princesa nem fada madrinha para quebrar o encanto. (CS, 89) Gregor não se espanta com o que lhe aconteceu, e de início se engana quanto às consequências. Ele é um caixeiro-viajante que se esfalta de trabalhar, e fica desolado por ter dormido demais, embora o despertador estivesse programado, como sempre, para acordá-lo às quatro da manhã. Agora faltam quinze para as sete. Ele perdeu seu trem das cinco habitual. E o pior é que ainda precisa embalar seu mostruário. Apesar de tudo, ele acha que, se realmente se apressar, poderá pegar o trem das sete. Mas como ser ligeiro



com aquele corpo de inseto e suas numerosas perninhas às quais ele não está habituado? Ele nem mesmo sabe como fazer para sair da cama. E como poderá sair do quarto? Ele havia trancado as três portas que conduzem ao aposento, obedecendo ao hábito adquirido nos incontáveis hotéis onde passava a maioria das suas noites. Como ele logo descobre, abrir uma porta trancada é tarefa árdua e dolorosa para um inseto. Primeiro é preciso deixar-se cair da cama, depois içar o corpo até a posição vertical apoiando-se na porta e finalmente usar sua boca mole e vulnerável para virar a chave. Gregor tem sido bem-sucedido como caixeiro-viajante, mas não feliz. É uma ocupação que ele escolheu depois que a firma de seu pai faliu, pois Gregor achou que, em comparação com um emprego num escritório, seria mais provável que ela lhe permitisse sustentar seus pais e sua encantadora irmã mais nova, Grete. Os sentimentos de Gregor por Grete são ao mesmo tempo paternais e um tanto incestuosos, consistentes com a interpretação de Kafka em questões como essa: “Amor entre irmão e irmã — a repetição do amor entre mãe e pai”. (*D*, 210) Gregor sabe que ainda levaria cinco ou seis anos para quitar as dívidas de seu pai. É um longo tempo. Ocorre-lhe que talvez fosse muito bom se o demitissem agora — quem sabe?

Os três meses restantes da vida de Gregor como inseto são um calvário. Ele amedronta e repele até Grete e a mãe. Como compreende que quando Grete vem trazer-lhe a comida ela não suporta olhar para ele, Gregor esconde-se debaixo do sofá. Para comer, ele só quer restos tirados do balde de lixo. Exala tamanho fedor que Grete corre a abrir a janela quando entra no quarto. Como só é capaz de emitir ruídos de inseto, ele não consegue fazer-se entender quando tenta falar. Sua visão muda: o prédio do outro lado da rua, que ele costumava ver pela janela, tornou-se um borrão indistinto. O visco nas solas dos seus pés permite-lhe andar pelas paredes e pelo teto, mas deixa manchas horríveis. Essa sua forma de diversão dá a Grete uma ideia infeliz. Com a ajuda da mãe, ela tenta esvaziar totalmente o quarto de Gregor, para que ele tenha mais espaço para rastejar de um lado para outro. Ele se entristece ao ver os objetos familiares serem retirados, mas se resigna. Sua

mãe é quem primeiro faz uma objeção. Ela diz a Grete que o que estão fazendo mostra que abandonaram todas as esperanças de vê-lo retornar à forma humana. Esse comentário faz Gregor decidir que defenderá pelo menos um objeto: a figura que ele recentemente recortou de uma revista ilustrada e pôs em uma bela moldura; ela está pendurada na parede, onde ele pode olhá-la da cama. É a imagem de uma mulher com chapéu e boá de pele que se senta apumada e estende ao espectador um enorme regalo de pele no qual desaparece todo o seu antebraço. Uma imagem para fazer sonhar um caixeiro-viajante. Por isso, quando Grete tentou removê-la, Gregor “rastejou às pressas para o alto e comprimiu-se contra o vidro, que o reteve e fez bem à sua barriga quente”. (CS, 118) A mãe desmaia com tal visão e precisa ser reanimada com saís.

Na confusão que sobrevém, Gregor escapa para a sala de estar e é confrontado pelo pai. O velho, que se tornara gordo e lerdo depois de cinco anos sendo sustentado por Gregor, agora conseguiu um emprego de contínuo de banco e parece rejuvenescido. Ataviado em seu uniforme azul, ele avança contra Gregor. O tamanho enorme das solas dos seus sapatos já é aterrador: que uso cruel lhes será dado? Gregor recorda que seu pai “desde o primeiro dia da sua nova vida [como inseto] [...] só considerava adequada a severidade extrema”. (CS, 121) Quando Gregor tenta fugir, o pai bombardeia-o com maçãs que ele pega de uma fruteira em cima do bufê. Os projéteis improvisados enterram-se na pele das costas de Gregor, causam uma dor insuportável e acabam por aleijá-lo, pois ninguém pensa em removê-los. Enquanto prossegue o ataque, a mãe corre ao encontro do pai e, “em completa união com ele — mas nesse momento a visão de Gregor já falhava —, pediu, com as mãos na nuca do pai, que ele poupasse a vida de Gregor”. (CS, 122)

Daí por diante, tudo tende à aniquilação de Gregor. Ele está tão incapacitado que, como um velho inválido, leva dez longos minutos para arrastar-se pela sala; é impensável agora poder rastejar pelas paredes ou brincar no teto. Mas ele se conforma com sua condição, pois agora a família deixa a porta da sala aberta por uma ou duas horas à noite, para que ele possa

vê-los sentados à mesa iluminada e ouvi-los conversar. Moídos do trabalho e arrasados pela presença do inseto no quarto próximo, eles guardam silêncio a maior parte do tempo. Depois do jantar, a mãe faz costuras finas para uma firma de roupa íntima e Grete estuda estenografia e francês na esperança de um posto melhor. O pai dorme na cadeira, ainda de uniforme, que já não é novinho em folha e parece encardido e manchado de gordura.

O apartamento tornou-se muito grande e caro para as posses da família, por isso eles admitem inquilinos. Os hóspedes comem na sala de jantar; a mãe, o pai e Grete comem na cozinha. Os três pensionistas que residem com a família são extraordinárias criações cômicas. Os três são barbudos; um deles é o líder. Os outros dois, que parecem não ter pensamentos nem desejos independentes, repetem tudo o que ele diz: são Mutt e Jeff da Boêmia. Outra crise, muito mais grave, acontece quando Grete toca violino para o horrível trio. Gregor, na ânsia desesperada de ouvi-la melhor, vai mancando até a sala de estar:

E no entanto justamente agora ele deveria ter mais motivo para se esconder, pois por causa do pó, que se depositava em toda parte no seu quarto, e que ao menor movimento voava em volta, ele também estava todo coberto de poeira; sobre as costas e pelos lados arrastava consigo fios, cabelos, restos de comida; sua indiferença diante de tudo era grande demais para que, como antes, tivesse ficado de costas e se esfregado no tapete várias vezes durante o dia [...]. Era ele um animal, já que a música o comovia tanto? (CS, 130)

Gregor decide atrair Grete com seu violino para o quarto e nunca mais deixá-la sair enquanto ele viver, pois sabe que ninguém aprecia tanto quanto ele ouvi-la tocar. Sua horrenda aparência será útil pela primeira vez: os intrusos recuarão se ele bufar contra eles. No devido tempo, ele revelará a Grete o plano que fizera em segredo: mandá-la estudar em um conservatório já no próximo Natal. Ela se comoveria com a decisão dele e romperia em lágrimas, e ele “se levantaria até o seu ombro e beijaria o seu pescoço, que ela conservava sem fita ou colar desde que entrara na loja”. (CS, 131) Mas acontece que os hóspedes avistam o inseto e dão o alarme. A aliança entre Grete e Gregor rompe-se. Ela diz aos pais: “Precisamos tentar nos livrar dele

[...] acredito que ninguém pode nos fazer a menor censura”. (CS, 131) O pai concorda. Assim, o destino de Gregor está selado. Ele retorna a duras penas para o quarto, e seu último olhar recai na mãe, que está quase dormindo. A porta é fechada com indignação por Grete e trancada. No escuro,

[ele] recordava-se da família com emoção e amor. Sua opinião de que precisava desaparecer era, se possível, ainda mais decidida que a da irmã. (CS, 135)

Ao amanhecer ele está morto. Ele não só aquiesceu na sentença que lhe fora dada, mas, indo um passo além de Georg Bendemann, a antevê além de cumpri-la. Percebemos isso quando, pouco depois, os pais, Grete e a faxineira entram no quarto de Gregor e Grete explica:

“Vejam como ele estava magro. Também já fazia muito tempo que não comia nada. Assim como entrava, a comida saía de novo.” De fato, o corpo de Gregor estava completamente plano e seco, na verdade só agora se reconhecia isso, uma vez que ele já não estava erguido sobre as perninhas e nada mais distraía o olhar. (CS, 136-7)

O pior ainda está por vir. Enquanto os pais e Grete, depois de terem decidido tirar o dia de folga, estão ocupados escrevendo cartas de justificativa a seus patrões, a faxineira reaparece e com uma risadinha afável diz à família que eles não precisam “se preocupar com o jeito de jogar fora a coisa aí do lado. Já está tudo em ordem”. Ela jogara o inseto ressequido no lixo. Esse anúncio “parecia ter perturbado a tranquilidade que mal tinham reconquistado”. (CS, 139) Mas eles a recobram e partem de bonde para um dia de descanso e passeio pelo campo. Confortavelmente instalados, o sr. e a sra. Samsa notam a crescente vivacidade de Grete. Ela floresceu e se tornou uma linda moça de belo talhe. Logo será tempo de arranjar-lhe um bom marido:

E pareceu-lhes como que uma confirmação dos seus novos sonhos e boas intenções quando, no fim da viagem, a irmã se levantou em primeiro lugar e espreguiçou o corpo jovem. (CS, 137)

Pouco menos de um ano depois de concluir *A metamorfose*, Kafka anotou no diário que relera a história e a considerara ruim. (D, 233) Três meses mais

tarde, ele desenvolveu:

Grande antipatia por *Metamorfose*. Um fim ilegível. Imperfeito quase até a medula. Teria ficado muito melhor se na época eu não houvesse sido interrompido por uma viagem de negócios [a Kratzau]. (D, 253)

O “fim” quase certamente refere-se ao dia de folga tirado pela família Samsa, e não à descrição da morte de Gregor. O andamento e a lógica da história exigem que Gregor morra: não há outra solução. O mesmo não se pode dizer sobre o passeio da família, e especialmente sobre a descoberta da nubilidade de Grete, que talvez devesse servir de paródia à catarse familiar; em vez disso, o resultado é um toque antipático supérfluo.

Qual a natureza da culpa de Gregor? E, aliás, qual foi sua punição? Ter se transformado num inseto gigante foi parte dela, ou a transformação terá sido apenas o sintoma visível de suas transgressões? Ou seria ela consequência natural das condições brutalizantes da vida e do trabalho de um caixeiro-viajante? Uma forma de transgressão pode ter sido o desejo de Gregor de abandonar o emprego assim que saldasse as dívidas de seu pai: uma ofensa à ética do trabalho. Isso é grave o suficiente para merecer a pena capital? Mas há outra acusação a ser adicionada ao processo, a entrada de Gregor no reino da sexualidade — um domínio reservado ao pai. Insinuações de que esse é o caso incluem o apego de Gregor ao quadro da mulher com o regalo de pele, cobrindo-a com sua “barriga quente”, e seus devaneios sobre “uma arrumadeira de um hotel do interior — recordação agradável e passageira —, uma moça que trabalhava na caixa de uma loja de chapéus que ele tinha cortejado seriamente mas devagar demais”. (CS, 125) E o mais grave: o beijo que ele gostaria de dar no pescoço de Grete. Beijar o pescoço de uma mulher é um gesto rico de significado para Kafka: é uma liberdade que Josef K. permite-se em seu primeiro encontro com a srta. Bürstner. Mas que tipo de sistema moral temos de postular para que essas ninharias justifiquem a excruciante punição sofrida por Gregor? Ou o regalo do pai com a desgraça do filho? Nada que Kafka ou nós aceitássemos. A faxineira pode gritar quanto

quiser o nome de Jesus quando encontra Georg Bendemann desembestando escada abaixo para morrer na água, e a mãe de Gregor pode implorar “Socorro! Pelo amor de Deus, socorro!” ao ver o inseto gigante. Ninguém ouve e ninguém responde. Os circunstantes, se houver algum, se mostrarão tão indiferentes quanto o explorador de *Na colônia penal*, e igualmente pouco propensos a ajudar.

Aparentemente, “O foguista” apresenta um caso claro de transgressão sexual seguido por uma pronta e severíssima repreensão paterna. Karl Rossmann, um rapaz germanófono de Praga que ainda não completou dezesseis anos, é mandado para a América pelos pais porque uma empregada o seduzira e tivera um filho dele. Ficamos sabendo depois que a empregada de 35 anos levou Karl a seu quarto, trancou a porta, tirou as roupas de ambos e o fez deitar-se na cama. Em seguida

ela também se deitou a seu lado e queria saber de algum dos seus segredos, mas ele não conseguiu contar nenhum e, de brincadeira ou a sério, ela ficou zangada e sacudiu-o, auscultando seu coração, oferecendo o próprio peito para que ele escutasse também, coisa que não conseguiu que ele fizesse; apertou a barriga nua contra o corpo dele, procurou com a mão de uma maneira tão repulsiva entre as suas pernas, que Karl esticou a cabeça e o pescoço para fora dos travesseiros; ela então empurrou algumas vezes sua barriga contra ele — ele teve a sensação de que ela fosse parte de si mesmo, e talvez por esse motivo foi tomado por um terrível sentimento de desamparo. Chorando, ele chegou finalmente até sua própria cama, depois dos muitos pedidos da parte dela para voltarem a se ver. (A, 29-30)

Ele não é um sedutor, mas isso parece não importar. Equipado com um guarda-chuva e uma mala de viagem contendo um traje, não tão bom quanto o que ele leva vestido mas recentemente remendado, um pedaço de salame que sua mãe embalara para um lanche adicional, algumas camisas, algum dinheiro e uma fotografia dos pais, ele é expulso de casa e despachado para a América. Quando a história começa, o navio de Karl acaba de entrar no porto de Nova York. Karl está no convés com sua mala e, quando o sol subitamente brilha mais forte, ele vê a Estátua da Liberdade: “O braço com a espada erguia-se

como se tivesse recém se elevado, e em torno à sua figura sopravam os ares livres”. (A, 3) É isso mesmo: no lugar da tocha da liberdade há uma espada de vingador. Seria interessante pensar que foi intencional, mas quase com certeza foi um lapso. Entretanto, o baú está em perigo: Karl esqueceu o guarda-chuva na cabine e deixa a mala aos cuidados de um estranho enquanto desce para buscar um objeto que a maioria dos garotos de sua idade preferiria jogar pela amurada na primeira oportunidade. Karl atravessa o labirinto interminável de corredores e acaba encontrando o foguista do navio, um sujeito enorme e, como ele, alemão. O foguista chama Karl para sua cabine e o convida a deitar-se em sua cama. A atmosfera é carregada de sentimento homoerótico, mas na superfície preserva-se o decoro. Parece tão somente que Karl escolheu um pai substituto, e o foguista, um filho. Os papéis invertem-se em pouco tempo, quando Karl se torna o advogado do foguista, tentando obter-lhe uma reparação junto ao capitão do navio. O foguista diz que o maquinista-chefe do navio, um romeno, tratou-o injustamente só porque ele é alemão. Essa digressão não levaria a grande coisa se um dos cavalheiros presentes na cabine do capitão não estivesse de olho em Karl. Ele pergunta o nome do rapaz. Karl identifica-se, e o cavalheiro revela que é nada menos do que seu tio Jakob. E não só isso: ele é o senador Edward Jakob, um multimilionário. Como o senador reconheceu seu sobrinho? Por obra da empregada. Ela escrevera ao tio dando a descrição de Karl e o nome do navio no qual ele viajaria.

Tio Jakob toma Karl sob sua proteção, os dois se despedem do capitão e seguem para a lancha que os aguarda. Mas quando Karl pisa no primeiro degrau da escada, desata em violentos soluços; o senador leva a mão ao queixo do sobrinho, puxa-o para perto de si e o afaga com a outra mão. Os dois descem à lancha, e a um sinal do senador os marinheiros desatracam e começam a remar a toda velocidade. “O foguista” termina enigmaticamente:

Karl observou melhor o tio, cujos joelhos quase encostavam nos seus, e teve dúvidas de que esse homem jamais pudesse substituir o foguista. Ademais, o tio desviou o olhar e contemplou as ondas que faziam o bote balançar. (A, 37)

Tornando-se pai adotivo de Karl, tio Jakob seguirá o exemplo do pai natural e, de surpresa e injustamente, expulsará o rapaz. A razão ostensiva é que Karl desobedeceu ao tio. Na verdade, ele tentara obedecer. Na pior das hipóteses, não agira segundo o desejo oculto de seu tio e procedera conforme as instruções que Jakob lhe dera. Karl será expulso também pelo temível sr. Pollunder, em cujos braços Jakob empurra Karl, e ainda uma vez pela pressurosa cozinheira-mor do Hotel Occidental. Outros dois laços impróprios e ambíguos se formarão, com os sinistros e mal-encarados Delamarche e Robinson, que Karl conhece pelo caminho. As agruras sofridas por Karl poderiam abater-lhe o ânimo e a vontade, mas, mantendo a tradição do romance picaresco, Karl e *Amerika* permanecem irresistivelmente animados e otimistas.

Fazendo uma análise três anos depois de ter parado de trabalhar na história, Kafka escreveu no diário:

Copperfield de Dickens. “O foguista” pura imitação de Dickens, o romance em projeto mais ainda. A história da mala, o garoto que encanta e cativa todo mundo, o trabalho subalterno, a amada na casa de campo, as moradias sujas *et al.*, mas sobretudo o método. Foi minha intenção, como hoje percebo, escrever um romance dickensiano, porém realçado pelas luzes mais fortes que eu devia ter extraído da época e pelas mais baças que eu devia ter extraído de mim mesmo. (D, 388)

Nem sempre a obra de um autor conforma-se a seus desejos. Kafka nunca se decidiu a dar uma namorada a Karl. Nem Clara Pollunder, uma dominatrix que quase o estrangula, nem a adorável Teresa, a ajudante da cozinheira-mor, que provavelmente é apaixonada por ele, encaixam-se nesse papel. E o romance de Kafka revela-se um universo distante do mundo de Peggotty, sr. Micawber, Steerforth e do próprio David Copperfield. Em vez disso, o afobado vigor e a pura esquisitice dos infortúnios de Karl aproximam *Amerika* de um romance que Kafka não vivera para ler: *Ferdymurke*, a obra-prima de Witold Gombrowicz, lançada em 1937.

Brod lembrou que *Amerika* foi a única obra que Kafka pretendia concluir em tom otimista, com perspectivas abrangentes. (B, 137) Kafka mordida-se com a questão de que destino dar por fim a Karl. No outono de



1915, com *Amerika* e *O processo* inacabados, ele escreveu no diário: “Rossmann e K., o inocente e o culpado, no fim ambos executados sem distinção, o inocente com mão mais leve, mais empurrado para o lado do que abatido”. (D, 343-4) A verdade é que Kafka não sabia como concluir esse cativante romance, talvez por ser uma história de viagem e, portanto, com final em aberto.

Embora Kafka tenha parado de trabalhar em *O processo* antes do fim de janeiro de 1915 e considerasse o romance inacabado, Brod observou acertadamente no “Pós-escrito à Primeira Edição”: “quem desconhecesse o fato de que o autor pretendia continuar a trabalhar em [...] [*O processo*] (ele não o fez porque sua vida entrou em uma nova fase) dificilmente notaria as lacunas”. (T, 271) Ao contrário de *Amerika* e *O castelo*, *O processo* dá a impressão de ser um romance que foi concluído.

De fato, 1915 fora um ano terrível para Kafka. Atormentou-o a obrigação de cuidar da fábrica de asbesto, um problemático investimento da família Kafka cuja administração deveria estar a cargo do marido de Elli, Karl Hermann, que não podia se dedicar ao negócio por ter sido convocado para o serviço militar. Isso lançou Franz no desespero: “pensar na fábrica é meu perpétuo Dia da Expição”, 4/1/15 (D, 325); “Não poderei escrever enquanto tiver de ir para a fábrica”, 19/1/15 (D, 326); “Escrever acabou-se. Quando será que tornará a me alcançar?”, 21/1/15 (D, 327). O desastroso encontro com Felice em Bodenbach ocorreu no fim de janeiro. (D, 328-9) “Esgoto-me à toa”, ele resumiu no Natal de 1915, “deveria estar feliz quando posso escrever, mas não estou. Não tenho conseguido livrar-me de minhas dores de cabeça ultimamente. Exauri de verdade as minhas forças [...] Sempre essa angústia principal: se eu tivesse ido embora em 1912, em plena posse de todas as minhas forças, com a cabeça desanuviada, sem ser devorado pela tensão de reprimir forças vivas!” (D, 353) Não existe uma campainha prateada que toque para avisar um escritor de que ele terminou o romance ou conto que está escrevendo. Quando ele relê o que pensava ser uma obra acabada, pode mudar

de ideia, decidir que algum problema ficou pendente ou, pelo contrário, que permitiu à narrativa passar do ponto em que deveria ter parado. Por isso, não parece impossível que, se Kafka estivesse com melhor disposição de espírito, em vez de acrescentar algo ao romance poderia ter declarado *O processo* concluído, sujeito às usuais revisões pré-publicação.

Ocorre, porém, que *O processo* não só é o mais consumado romance de Kafka, mas também tem uma ressonância especial para os leitores contemporâneos, e desde a publicação da tradução inglesa em 1937 tem sido o texto mais responsável pelo crescimento do renome da obra de Kafka. Não surpreende que o guloso frenesi dos exegetas e outros tipos de especialistas em Kafka tenha sido intenso em torno de *O processo*: quase podemos ouvir o clac-clac de suas eruditas dentaduras. Para os leitores que tenham curiosidade quanto à extensão, variedade e abstrusidade dos estudos dedicados à interpretação de *O processo*, o livro *Kafka's Handbuch*, de Hartmut Binder, um portentoso compêndio em dois volumes com todas as informações sobre a vida e a obra de Kafka, é a leitura mais indicada, embora não tenha sido revista desde a primeira publicação em 1979 e a produção de novos estudos aparentemente não tenha diminuído de ritmo.

Especialistas em Kafka leram *O processo* como uma parábola cabalística, submeteram a obra à exegese segundo ideias da teoria literária formal (por exemplo: a que gênero pertence *O processo*?) e a analisaram da perspectiva das teorias existencialista, marxista, freudiana, estruturalista e de gênero, entre outras. O denominador comum de todos esses estudos, inesquecivelmente agrupados numa mesma categoria por Milan Kundera sob a rubrica de kafkologia, é a quase total desconsideração pelo aspecto estético da obra e o esforço e espaço dedicados aos comentários e refutações de teorias de outros estudiosos. Parecem, por isso, irrelevantes para o leitor médio, mesmo se ele for intrépido o bastante para penetrar no jargão acadêmico. Um subgrupo dos críticos de Kafka afirma, baseado no diário e na correspondência do autor, que *O processo* é uma confissão, uma representação metafórica do “outro processo” da vida real, ou seja, o confronto ocorrido no Askanische Hof que

resultou no rompimento do primeiro noivado de Kafka e Felice. Já que muitos leitores são tentados a procurar na ficção a autobiografia do autor, um breve exame das ideias dessa vertente parece inevitável.

Duas anotações no diário de Kafka e uma carta que ele escreveu a Grete são invariavelmente citadas como provas. A primeira, à qual já nos referimos, menciona a celebração do noivado que ocorrera no apartamento dos pais de Felice cinco dias antes:

De volta de Berlim. Minhas mãos e pés foram amarrados como se eu fosse um criminoso. Se tivessem me sentado num canto preso por correntes de verdade, postado policiais à minha frente e me deixado simplesmente olhando, não teria sido pior. E esse foi meu noivado [...] (*D*, 275)

A segunda trata do fatídico encontro no Askanische Hof em 12 de julho. Como vimos, estavam presentes no quarto do hotel, além de Kafka e Felice, a irmã dela, Erna, Grete Bloch e talvez também o dr. Ernst Weiss. No dia seguinte, Kafka partiu com Weiss e a amante deste para uma temporada de férias que haviam planejado anteriormente. Enquanto os três estavam em um dos balneários bálticos que visitaram, Kafka escreveu no diário:

O tribunal no hotel. Viagem de táxi. O rosto de F. Ela ajeitou os cabelos com a mão, assoou o nariz, bocejou. Subitamente, compôs-se e disse coisas muito estudadas e hostis que vinha poupando fazia muito tempo. A viagem de volta com Fraülein Bloch [...] Na casa dos pais dela. As lágrimas ocasionais da mãe. Recitei minha lição. O pai entendeu todos os aspectos da coisa. Fez uma viagem especial de Malmö para ver-me, viajou à noite; sentou-se ali em mangas de camisa. Concordaram que eu estava certo, não havia nada, ou não havia muita coisa, que poderia ser dito contra mim. Diabólico em minha inocência. A aparente culpa de Fraülein Bloch. (*D*, 293)

O terceiro elemento básico da prova é uma carta a Grete, escrita em 15 de outubro. É fria e formal. Pode-se sentir a fúria de Kafka. Ele rejeita afirmações que Grete aparentemente fez na carta que lhe enviara (a qual se perdeu, como todas as demais) falando sobre a razão do rompimento do noivado do ponto de vista de Felice. Kafka diz a Grete que ela ainda assim pode continuar a escrever para ele, embora fosse “verdade que no Askanische Hof você participou do meu julgamento”. (*LF*, 436) Além dessas citações

específicas, os proponentes da hipótese biográfica buscam apoio nos sentimentos generalizados de culpa que Kafka tinha com relação ao papel que ele desempenhara no rompimento com Felice. Eles estão registrados em seu diário e em cartas a Brod, e parecem genuínos, por mais aliviado — se não jubiloso — que Kafka possa ter se sentido por saber que o noivado fora rompido e que ele reouvera a liberdade.

A verdadeira questão não é se uma confissão autobiográfica pode ou não ser garimpada em *O processo*. É se analisar o romance por esse prisma enriquece o texto e permite ao leitor descobri-lo em um novo significado inteligente. Ocorre o inverso: ler *O processo* como uma variação sobre o tema do encontro no Askanische Hof banaliza a obra. Por essa interpretação, Josef K. obviamente é Kafka e a srta. Bürstner, a datilógrafa do quarto em frente ao de K., do outro lado da sala da sra. Grumbach, transforma-se em Felice (As iniciais de Felice lembram Fräulein Bürstner, e além disso o primeiro emprego de Felice foi como datilógrafa); a cena nos quartos de K. e da srta. Bürstner na qual K. é detido mas deixado em liberdade para trabalhar no banco e cuidar de seus outros afazeres torna-se análoga ao noivado oficial após o qual Kafka permaneceu livre para retornar a Praga; e a execução de K. equivale à cena de 12 de julho no Askanische Hof. Encontrar lugar para Herman Kafka em *O processo* é difícil: como *O castelo*, esse é um romance sem uma figura paterna. Mas talvez isso não tenha importância: o papel de Herman na debacle do Askanische Hof foi mínimo, a não ser que voltemos ao princípio de tudo e citemos o dano que ele causou à psique do filho. A sugestão de que o presunçoso e abelhudo tio de Josef K., que vem do interior e apresenta K. ao advogado Huld, possa representar Herman Kafka é particularmente refutável. Kafka venerava e abominava seu pai como uma figura gigantesca, poderosa, intelectualmente dominadora e brutalmente eficiente. O tio é tudo menos isso.

Os adeptos da teoria biográfica não escoram sua argumentação apenas em transposições de papéis, coincidências e coisas do gênero: também apontam o tormento de Kafka por ter induzido Felice a aceitar seu pedido de casamento quando no fundo sabia que a união era impossível para ele. Os sentimentos de

culpa de Kafka eram sinceros, mesmo que excessivamente dramatizados, como se vê, por exemplo, na seguinte anotação em seu diário:

Minha relação com a família dela só tem um significado consistente se eu conceber a mim mesmo como a ruína deles [...] Fiz F. infeliz, enfraqueci a resistência de todos os que precisam tanto dela agora, contribuí para a morte de seu pai, interpus-me entre Felice e Erna [irmã de Felice] [...] (D, 319)

Esses sentimentos de Kafka, contudo, eram apenas um elemento da sua vasta e indiferenciada sensação de culpabilidade e inadequação. Suas origens não tinham relação com o rompimento do noivado: eram mais profundas. Analogamente, a humilhação sofrida durante o episódio no Askanische Hof misturava-se à experiência direta e indireta de outras humilhações e punições, todas elas também envolvendo julgamentos: os casos Tiszaeszláer, Hilsner, Beilis e, obviamente, Dreyfus.

Ainda assim, é possível que o incidente no Askanische Hof tenha, em certo sentido, dado a partida em *O processo* — e talvez até inspirado o título da obra, já que Kafka mencionou no diário o “tribunal no hotel”. Por outro lado, ele também usou o termo “processo” de modo revelador cinco anos depois em outro contexto, referindo-se na *Carta ao pai* a “esse processo terrível que paira entre nós [Kafka e suas irmãs] e você [o pai deles]”. (S, 142) Talvez essa palavra esteja sempre nos lábios dos advogados. Além disso, Kafka também poderia divertir-se espalhando dicas que aludiam a uma ligação com Felice. Por exemplo, na descrição do quarto da srta. Bürstner há uma blusa branca como a de Felice pendurada no trinco da janela aberta. A nada convincente amiga da srta. Bürstner, srta. Montag, que confronta K. como emissária da moça, talvez tenha sido introduzida porque Kafka desejasse provocar Grete Bloch. Mas sejam quais forem os fragmentos da biografia de Kafka que uma busca diligente em todo o romance possa revelar, eles não acrescentarão nada de significativo nem possibilitarão um novo nível de entendimento. *O processo* não fala de Felice, Grete Bloch ou da corte de Kafka a Felice, e sim de uma provação cujas natureza e implicações não se

comparam ao “outro processo de Kafka”.

Há uma razão anômala para a atração especial que *O processo* exerce sobre os leitores contemporâneos. Benito Mussolini, nascido no mesmo ano que Kafka, tornou-se primeiro-ministro da Itália em 1922. Em 1925, um ano depois da morte de Kafka, Mussolini dissolveu todos os partidos políticos da Itália e assumiu poderes ditatoriais. Hitler desferiu seu malogrado *putsch* de Munique em 8 de novembro de 1923. Na época, Kafka vivia com Dora Diamant em Berlim, cidade que foi cenário de violentos conflitos entre bandos armados de extremistas de esquerda e direita. Kafka comentou sobre brigas nas ruas, mas não sobre o *putsch*; em carta a Brod, escrita em Berlim no final de outubro de 1923, falou sobre o veneno que estava absorvendo das primeiras páginas dos jornais, mais do que ele podia suportar, e das conversas sobre confrontos na cidade. (L, 388) Acusado de traição, Hitler foi preso por nove meses na fortaleza de Landsberg am Lech e usou esse período para escrever *Mein Kampf*, cujo primeiro volume foi publicado em 1925. Em abril de 1917, a Alemanha permitiu a Lenin viajar em um vagão lacrado de Zurique à Estação Finlândia de São Petersburgo. Essa prenunciadora iniciativa teve entre suas consequências a ascensão do Estado totalitário soviético e, portanto, foi muito além do resultado pretendido, que era interferir, fomentando a agitação social, na capacidade da Rússia para prosseguir na guerra.

*O processo*, com sua célebre primeira sentença — “Alguém certamente havia caluniado Josef K., pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum” — e os trâmites movidos contra K. por um sistema judicial secreto, parecem prefigurar tão claramente a vida sob os regimes totalitários no século xx, com suas leis secretas e seu terror de Estado policial, que inevitavelmente os leitores se admiraram do descortino que Kafka teve da história e da política. Poderia esse romance, publicado em 1925 mas escrito entre o outono de 1914 e janeiro de 1915, portanto antes dos eventos seminais dos regimes bolchevique, fascista e nazista, ter sido uma profecia velada? Esse autor apolítico e reservado teria antevisto a chegada de uma catástrofe que ainda era

invisível para grandes estadistas? Nada nos diários de Kafka, em sua correspondência ou nas recordações de seus amigos sugere isso. A resposta há de ser que a visão de Kafka, que consistia tão somente nas coisas tais como elas eram, revelou-se misteriosamente congruente com a realidade do futuro próximo. O amplo material que a formou inclui: a experiência de Kafka como um súdito Habsburgo e, como estagiário no Tribunal de Praga, com a esclerosada mas ainda todo-poderosa burocracia do império e seus procedimentos labirínticos, “kafkianos”; o íntimo conhecimento da burocracia e da arcana regulamentação do Instituto de Seguro; o trato com vítimas de acidentes de trabalho cujas reivindicações chegavam às suas mãos, e contra as quais ele às vezes era obrigado a litigar; o virulento e onipresente antissemitismo tcheco, que lhe ensinou lições inesquecíveis sobre o significado de ser rejeitado e desprezado por seus vizinhos; e, obviamente, tudo aquilo que ele censurava em seu pai: brutalidade, veleidade e injustiça.

Não podemos esquecer, nessa associação, o desditoso “Bom Soldado Schwejk”, o célebre anti-herói do romance epônimo de Jaroslav Hašek, publicado em 1923, que relata os reveses de um soldado do exército austro-húngaro na Primeira Guerra Mundial. Por uma irônica coincidência, Hašek nasceu no mesmo ano que Kafka e morreu de tuberculose em Praga em 1923. Schwejk e Josef K., as criações desses dois autores praguenses, poderiam ser gêmeos separados no nascimento. Não há indício de que Kafka tenha lido o romance de Hašek, mas a percepção que este tinha da burocracia e do exército austro-húngaros como uma sinistra e ridícula invenção de Rube Goldberg\*\* era parte do *zeitgeist* que permeia romances tão díspares quanto *O processo*, *Schwejk* e *O homem sem qualidades*, de Robert Musil, que teve os dois primeiros volumes publicados só em 1930 e 1932, além de *Radetsky March*, de Joseph Roth, também publicado em 1932. Como veremos, os absurdos dessa burocracia também se refletem nas maníacas chicanas da administração do conde Westwest em *O castelo*.

Já que Kafka não era um profeta, ler *O processo* como uma parábola sobre o totalitarismo não pode revelar coisa alguma do que ele pretendia dizer

sobre isso ou, por exemplo, sobre o sistema jurídico. Esse não era seu tema. A situação é diferente quando extraímos de *Macbeth* ou *Henrique IV, parte I* lições que então aplicamos à conduta de líderes políticos contemporâneos, já que o uso e abuso do poder era exatamente o tema de Shakespeare. No entanto, quando lemos *O processo* podemos avaliar os modos como o destino de Josef K. poderia ser o nosso caso caíssemos nas mãos da polícia secreta ou dos serviços de inteligência de algum Estado facilmente imaginável.

Kafka divertia-se lendo suas próprias obras e rindo de seu próprio humor mesmo quando ele beirava o macabro. Brod recordou:

Nós, seus amigos, rimos desbragadamente quando ele pela primeira vez nos permitiu ouvir o capítulo inicial de *O processo*. E ele próprio riu tanto que em certos momentos não conseguia continuar a ler. Coisa espantosa, considerando a pavorosa seriedade desse capítulo. (B, 178)

No mesmo estilo, três meses depois de concluir *A metamorfose* Kafka escreveu a Felice sobre uma noite agradável que passara em casa de Brod: “Li minha história num frenesi. Mas depois relaxamos e rimos muito”. (LF, 209) Isso não é de admirar: chorar de rir é uma especialidade dos centro-europeus, e as obras que Kafka estava lendo são sátiras inigualáveis da vida pequeno-burguesa em Praga.

O melhor exemplo do quanto comédia e desespero coabitam na ficção de Kafka talvez seja “Um relatório para uma Academia”, um discurso que um macaco vestido como gente profere com uma expressão inescrutável e em tom autocongratulatório relatando as circunstâncias de sua captura na selva e o subsequente treinamento que o levou às suas tão elevadas realizações atuais. (CS, 250) Nada poderia ser mais cômico nem mais devastadoramente triste. Apanhado na mata, ferido, batizado de Pedro Vermelho por causa da cicatriz deixada em sua face por um ferimento de bala, trancafiado numa jaula a bordo de um navio, embebedado por marinheiros, confrontado com a escolha entre a vida num zoológico e a vida de artista, Pedro Vermelho escolhe os palcos e assim alcança seu distinto status atual:



Através de um esforço que até agora não se repetiu sobre a terra, cheguei à formação média de um europeu. Em si mesmo talvez isso não fosse nada, mas é alguma coisa, uma vez que me ajudou a sair da jaula e me propiciou essa saída especial, essa saída humana. [...] Eu não tinha outro caminho, sempre supondo que não era possível escolher a liberdade. (CS, 258)

Feita a escolha racional, esse autodidata tão articulado vê seus desejos não só realizados mas antecipados:

Se chego em casa tarde da noite, vindo de banquetes, sociedades científicas, reuniões agradáveis, está me esperando uma pequena chimpanzé semiamestrada e eu me permito passar bem com ela à maneira dos macacos. Durante o dia não quero vê-la; pois ela tem no olhar a loucura do perturbado animal amestrado; isso só eu reconheço e não consigo suportá-lo. (CS, 259)

Todo o sofrimento e ignomínia dos circos e zoológicos, todo o opróbrio dos tormentos que infligimos aos animais foram encapsulados nesse conto. Se ele nos arranca um risinho, o choro ou uma estrondosa gargalhada depende da nossa disposição de ânimo, o que sem dúvida é o que Kafka pretendia.

Pedro Vermelho é um personagem convincente. Lemos o relato que ele faz sobre si mesmo e esquecemos que macacos, por mais talentosos que sejam, não discursam para sociedades eruditas. Mas cedo ou tarde nossos pensamentos voltam-se para o que suas palavras demonstram: a imensa infâmia dos nossos maus-tratos aos animais. Também podemos pensar na crueldade do homem com o homem (*lupus est homo homini*, como observou Plauto há mais de 2 mil anos), ou refletir sobre exemplos específicos: a conduta do homem branco nas colônias africanas, incluindo o tráfico de escravos (comercializados por árabes e reis e chefes negros mais do que por brancos); os métodos usados em nome do rei Leopoldo da Bélgica para explorar as riquezas do Congo, que era sua propriedade privada; as atividades dos espanhóis no Novo Mundo, com destaque para os esforços educacionais dos missionários católicos, que torturaram e queimaram nativos na fogueira para ensinar-lhes o amor de Jesus Cristo, o Salvador. Analisando de uma direção diferente, argumentou-se persuasivamente que a intenção de Kafka foi fazer dos tormentos de Pedro Vermelho uma metáfora do fracasso da

assimilação judaica: os esforços dos judeus perseguidos e torturados em todas as partes para abrir mão da fé e das tradições de seus antepassados e imitar os góis, o que no fim das contas lhes trouxe muito pouco ou nada. Cada um desses modos de pensar o conto é instrutivo e apropriado, desde que nos lembremos de que não são mutuamente exclusivos e assim não transformemos uma causticante declaração da desumanidade do homem — mas não será a humanidade do homem sinônimo de sua desumanidade? — em algo desnecessariamente mais restrito, como um tratado sobre o direito dos animais ou uma conclamação aos judeus para que recobrem sua verdadeira identidade. Como observou em 1934 Walter Benjamin, desde cedo admirador incondicional e um dos mais sagazes críticos de Kafka:

Kafka possuía uma capacidade rara de criar parábolas para si mesmo. No entanto, suas parábolas nunca se esgotam pelo que é explicável; ao contrário, ele tomou todas as precauções concebíveis contra a interpretação de seus escritos. Para encontrar nosso caminho neles precisamos de circunspeção, cautela e desconfiança. (*III*, 124)

Semelhante nesse aspecto a “O veredicto”, *O processo* é um romance com um pé na tradição realista do século XIX. Lendo pela primeira vez o primeiro capítulo, poderíamos pensar que estamos entrando em um mundo ficcional aparentado com os de Gogol, Dostoiévski e Flaubert. Essa impressão dissipa-se com o prosseguimento da leitura: percebemos que por trás dos cenários e eventos minuciosamente descritos opera uma força que os distorce e cria uma contrarrealidade. No centro da contrarrealidade estão os tribunais especiais, desconhecidos por K., e a constituição e a lei vigentes em seu país. Entretanto, praticamente todos os demais parecem estar a par do segredo: a sra. Grubach e a srta. Bürstner, os três funcionários que trabalham no banco de K., o tio de K. e o industrial, cliente do banco de K., que o encaminha ao pintor Titorelli. Isso sem contar os que são empregados periféricos dos tribunais, como a lavadeira e seu marido, e os que estão envolvidos nos trâmites da justiça: o advogado Huld e sua enfermeira e criada, Leni, e o comerciante Block, que também tem um caso pendente no tribunal. A ingenuidade e ignorância de K. são verdadeiramente espantosas.

O poder hipnótico de *O processo* e seu domínio sobre o leitor derivam, em grande medida, da tensão entre essa contrarrealidade e a descrição em um tom perfeito da banal vida de K. Ele é um ambicioso bancário de médio escalão, vive numa pensão familiar que não é da mais alta categoria (pois, do contrário, como a srta. Bürstner ou a srta. Montag poderiam pagá-la?), na qual a locadora passa as noites cerzindo meias e aparentemente deixa seu sobrinho, o capitão, dormir no sofá da sala de visita que dá acesso a pelo menos alguns dos quartos de pensionistas (entre eles os de K. e da srta. Bürstner). A vida social de K. é igualmente vazia: a menos que tenha um convite do diretor do banco, depois do expediente ele costuma fazer um passeio sozinho ou com colegas e então seguir para uma cervejaria a fim de comer e conversar com uns senhores também fregueses regulares da Stammtisch. Seu contato com a família atrofiou-se. Para o sexo ele procura uma vez por semana uma certa garçonne de uma cantina que, durante o dia, recebe cavalheiros como ele. Distanciou-se do tio que foi seu tutor e da filha do tio. E sua cultura é superficial: tem rudimentos de italiano, sabe pouco sobre a catedral de sua cidade. O caráter de K. é delineado com a mesma nítida precisão. É um homem inseguro. Do contrário, por que aceitaria tão mansamente a existência desse tribunal ignorado e sem fundamentos conhecidos na lei e constituições do seu país?

Seu comportamento com o diretor adjunto é um misto de apreensão, inveja e má vontade; o modo como trata os valiosos clientes do banco é indesculpável: não lhe ocorre pôr as necessidades deles antes das suas, o que, em sã consciência, deveria fazer. Como a maioria das pessoas inseguras, ele é ríspido com os inferiores (exemplos disso são seu comportamento com o trio de funcionários subalternos do banco, que nos faz lembrar os shakesperianos Rosencrantz e Guildenstern, e com a lavadeira, mulher de um porteiro do tribunal — até ele perceber que ela pode ser-lhe útil). É vingativo (barra a promoção de um dos funcionários, brinca com a ideia de conseguir a demissão dos três). Os acessos de mau humor, que às vezes viram ataques de fúria, contra a sra. Grubach ou o juiz de instrução, levam o leitor a questionar sua

sanidade. É possível que um homem de trinta anos emocionalmente equilibrado se permita essas explosões ou essa brutalidade ao lidar com Block, o cliente do advogado Huld, e mesmo com o velho Huld? Em momentos como esses, dentre os protagonistas de ficção apenas o narrador sem nome de *Notas do subterrâneo*, de Dostoievski, parece mais rude e perturbado.

As relações de K. com mulheres merecem atenção especial. Elas sentem atração por ele, talvez pelo fato de ele estar detido. O advogado Huld indica isso. Falando sobre sua criada Leni, o advogado diz a K. que uma peculiaridade dela é achar todos os acusados atraentes. O advogado afirma que é quase uma “lei natural”. Leni oferece-se a K. na primeira visita dele e lhe dá uma chave da casa do advogado para que ele possa ir vê-la quando quiser. A lavadeira, mulher do porteiro do tribunal, também se entrega, e supõe-se que K. poderia fazer o que desejasse com uma ou mais das mocinhas que enxameiam no estúdio do pintor Titorelli. Porém, com exceção da srta. Bürstner, elas o atraem apenas na presença de “algo ligeiramente repulsivo” — talvez análogo ao indispensável elemento de *toucha*, desejo sexual, que Kafka mencionaria em carta a Milena (LM, 146-7) seis anos depois. K. sente atração pelo subumano, pelo disforme e pelo pária, como indicado pelos dedos de Leni, que são ligados por uma membrana e assim a associam ao mundo animal; pela devassidão da lavadeira com o juiz de instrução e seu aluno de pernas tortas; e até pelas lascivas garotas, uma “mistura de infantilidade e abjeção”, que abarrotam o estúdio de Titorelli e a escada que conduz ao local. Sua garçonete de cantina, Elsa, tem esse elemento porque vende sexo. K. não desconhece pensamentos sujos: depois que o estudante leva a lavadeira para o magistrado, bolinando-a pelo caminho, K. imagina que leva o rapaz para uma visita a Elsa e assiste enquanto ele lhe implora seus favores de joelhos. K. não se afeiçoa a nenhuma dessas mulheres. A potencial utilidade delas é o que interessa. Mas há um forte sinal de alerta implícito nessa história, na qual tudo se volta contra K.: essas mulheres são como figuras da luxúria que tentam um peregrino ou um cavaleiro em sua demanda e

o desviam perigosamente de seu propósito. O sacerdote da prisão sugere isso a K.: “Você procura demais a ajuda de estranhos [...] Principalmente entre as mulheres. Não percebe que não é essa a ajuda verdadeira?”. (T, 211)

A srta. Bürstner é um caso especial. É K. quem sente atração por ela, talvez por ver o inspetor servir-se sem cerimônia da caixa de fósforo na mesinha de cabeceira dela e os funcionários do banco mexerem nas fotografias da moça, sugerindo que ela também pode estar maculada ou suscetível à violação. Talvez a visão daquela blusa branca mande-lhe um sinal. Ou será porque a sra. Grubach lhe diz que a srta. Burstner foi ao teatro e só voltará tarde, ou por causa da chorosa fadiga da moça quando ele a interpela? Quando ela finalmente aparece e K. a convence a deixá-lo entrar em seu quarto, contando-lhe que a comissão de inquérito usara o aposento para interrogá-lo, ela comenta que “o tribunal tem uma força de atração singular” e lhe conta que no mês seguinte começará a trabalhar em um escritório de advocacia. Imediatamente, K. procura recrutá-la como auxiliar em seu caso. Segue-se uma cena em que K. usa de toda a astúcia que possui — não é muita — para aproximar-se fisicamente dela, até que

agarrou-a, beijou-a na boca e depois no rosto inteiro, como um animal sedento que passa a língua sobre a fonte de água finalmente encontrada. Beijou-a por fim no pescoço, bem na garganta, e deixou os lábios ficarem ali longo tempo. Um ruído vindo do aposento do capitão fez com que ele erguesse os olhos. “Agora vou embora”, disse, querendo chamar a srta. Bürstner pelo primeiro nome, mas não o conhecia. Ela acenou com a cabeça, cansada; já meio voltada para trás, cedeu a mão para que ele a beijasse, como se não se apercebesse disso, e caminhou curvada para seu quarto. Pouco depois K. estava deitado na cama. Adormeceu logo em seguida, antes de pegar no sono ainda pensou um pouquinho no seu comportamento, estava satisfeito com ele, mas se admirou por não estar mais satisfeito ainda [...] (T, 29-30)

Conhecemos esse beijo no pescoço: ele lembra o beijo que Gregor Samsa ansiava por dar na irmã. O estilo de Kafka é muito vívido nesse trecho, de uma dramaticidade sublime: ele precisa de apenas algumas palavras para dar tanta vida à cena que pensamos vê-la acontecer. A srta. Bürstner voltará à cena em um papel crucial e pungente no magnífico último capítulo.

A tensão no romance acumula-se. Na visita ao estúdio do pintor Titorelli, K. fica sabendo que está em poder do tribunal e não pode esperar por um veredicto que o inocente — além disso, esse pode não ser o resultado mais satisfatório em seu caso. K. já não tem descaso pelos trâmites do tribunal; ao contrário, pensar neles consome-lhe cada vez mais tempo e suga suas energias. Ele dispensa o advogado Huld, ou pelo menos assim parece na conclusão do capítulo 8, que Brod marcou como inacabado. Minha interpretação da narrativa me diz que, independentemente do que Kafka pudesse acrescentar a esse capítulo, é improvável que K. voltasse atrás na decisão de dispensar o advogado.

No início o capítulo 9, intitulado “Na catedral”, K. acaba de voltar de uma viagem a trabalho — ele tenta evitar essas viagens, pois acha que elas dão ao diretor adjunto do banco a oportunidade de descobrir erros que ele cometeu — e é imediatamente informado que foi escolhido para acompanhar um importante cliente italiano do banco em um passeio turístico pela cidade. Esse passeio, na verdade, será reduzido a uma visita à catedral. K. chega à catedral pontualmente às dez horas, como combinado, e espera pelo homem de negócios italiano, que não aparece. Por fim, K. decide ir embora, mas um sacerdote, de um pequeno púlpito, chama-o com voz possante: “Josef K.!”. Segue-se uma valsa de hesitação característica de Kafka e de K.: se o sacerdote o tivesse chamado uma segunda vez, K. teria prosseguido seu caminho para fora da catedral, mas como não o fez, e como K. acha que foi notado ao virar a cabeça, não fazer caso do sacerdote “seria um jogo de esconde-esconde infantil”. (T, 209) Assim, ele se aproxima do púlpito e admite ser Josef K. “Pensou como sempre dissera tão abertamente o seu nome, mas como desde fazia algum tempo este lhe pesava; agora também havia pessoas com as quais se encontrava pela primeira vez que sabiam seu nome.” (T, 209)

Logo ele fica sabendo que o sacerdote é capelão do presídio, que seu caso no tribunal vai mal e que ele é “considerado culpado”. O sacerdote comenta: “em relação ao tribunal você se engana”, e “nos textos introdutórios

à lei consta o seguinte, a respeito desse engano”. (T, 213) Ilustra então o que está querendo dizer com uma parábola. Kafka permitiu que ela fosse publicada com o título “Diante da lei”, sem referências a Josef K. e seu julgamento, na coletânea intitulada *Um médico rural*.

Nessa parábola, um homem do campo chega à porta da lei e quer entrar, mas o porteiro diz que naquele momento não pode permitir. Como a porta está aberta, o homem pergunta se poderá entrar mais tarde. O porteiro responde que é possível. Passam-se anos, e o homem, que nunca é autorizado a entrar, não desiste. Por fim, quando o homem está à morte, o porteiro declara que ninguém além do homem poderia entrar por aquela porta, e que agora irá fechá-la. O sacerdote explica a parábola a K. e conclui dizendo que nem os argumentos nem as opiniões que acabou de apresentar, tampouco os comentários sobre a parábola feitos por estudiosos da lei, valem necessariamente para K. “Você não precisa dar atenção demasiada às opiniões”, ele diz. “O texto é imutável, e as opiniões são muitas vezes uma expressão do desespero por isso.” (T, 217) Esse alerta implícito condiz com o conselho de Benjamin sobre a necessidade de cautela quando lemos as parábolas de Kafka. O sentido da exegese do sacerdote, que K. acaba por entender depois de muita relutância, é que os métodos do tribunal — ele claramente está falando sobre a última instância da justiça — e a própria lei não podem ser desvendados pela mente humana e não se relacionam com as noções humanas de justiça: “não importa como ele [o porteiro] nos apareça, é sem dúvida um servidor da lei, ou seja, pertence à lei e, portanto, fora do julgamento humano”. (T, 220) K. ruma esses conceitos, não desconhecidos na tradição judaico-cristã, e diz ao sacerdote que ele está elevando a mentira a uma “ordem universal”. Mas, comenta Kafka, esse não era o julgamento final de K. Talvez K. se lembre de que o sacerdote também disse que ele não tinha de aceitar como verdade tudo o que o porteiro afirmava, sendo preciso “apenas considerá-lo necessário”. (T, 120) Uma exibição da glacial indiferença do poder que brinca com K. como o gato que poupa o rato até o último momento é deixada para o final. O sacerdote declara: “O tribunal não

quer nada de você. Ele o acolhe quando você vem e o deixa quando você vai”. (T, 222)

O desfecho de *O processo*, que se dá no capítulo seguinte, é inesquecivelmente belo e terrível. É noite, véspera do trigésimo primeiro aniversário de K. (Ele fora detido um ano antes, na manhã em que fizera trinta anos.) A longa labuta chegou ao fim: K. sabe que foi considerado culpado. Por isso, não é de surpreender que, embora não tenha sido notificado de que o levarão, ele está em seu quarto, vestido de preto, calçando um par de luvas novas. Não sabemos se as luvas são pretas ou cor de manteiga como as que era costume usar em casamentos ou quando se ia à casa de uma moça pedir-lhe a mão primeiro ao pai e depois a ela própria. Fosse qual fosse a cor das luvas, K. aprendera a lição. No dia de sua detenção, o guarda Franz julgara necessário instruí-lo a vestir terno preto e ameaçou-o com uma surra se não o fizesse. Os homens que vieram buscá-lo também estão vestidos para a ocasião, de sobrecasaca e cartola. Parecem atores velhos e subalternos, pensa K. “Procuram acabar comigo de forma barata”, diz a si mesmo. (T, 224) Ele vai até a janela e fita a rua; mas dessa vez, ao contrário da manhã de sua detenção um ano antes, não é porque sinta vergonha, e sim, como imediatamente percebe, por esperar que alguém testemunhe o acontecido. No entanto, quase todas as janelas defronte estão às escuras; somente em uma delas “crianças pequenas brincavam atrás de uma grade [...], apalpavam umas às outras com as mãozinhas”. (T, 224)

K. e os dois homens partem. Assim que chegam à rua, os dois engancham-se a K, enlaçando os braços por trás de suas costas de modo que “os três formavam uma tal unidade que, se se quisesse abater um deles, todos seriam abatidos. Era uma unidade como quase só algo sem vida pode formar”. (T, 224) Chegam a uma praça deserta com canteiros floridos, e K. pela primeira vez cogita em resistir:

“Não vou ter necessidade de muito mais energia, empregarei agora toda a que tenho”, pensou. Ocorria-lhe a imagem de moscas que rebentam as perninhas ao tentarem se livrar do pega-moscas. “Esses senhores terão um trabalho pesado.” (T, 225)



Mas é nesse momento que aparece a srta. Bürstner, ou alguém bem parecido com ela, e para K “a irrelevância da sua resistência veio logo à sua consciência”. (T, 225) A única pessoa que talvez estivesse do seu lado pode tê-lo desamparado. Ela nem ao menos virou a cabeça em sua direção. Não seria nada heroico, pensa K., se ele agora lutasse, tentando, “em atitude de defesa, desfrutar ainda o último lampejo de vida”. Eles prosseguem, e curiosamente é K. quem escolhe o caminho: seguem a moça, não porque ele quisesse alcançá-la ou mantê-la à vista, mas “só para não esquecer a advertência que ela significava para ele”. (T, 225) Lembrou-lhe, mas não o ensinou. E que advertência é essa? Ao que parece, é:

Eu sempre quis abarcar o mundo com as pernas, e além do mais com um objetivo reprovável. Isso não estava certo. Devo então demonstrar que nem sequer o processo de um ano me serviu de lição? [...] Será que podem dizer de mim que no início do processo eu quis terminá-lo e agora, no seu fim, quero reiniciá-lo? Não quero que digam isso. (T, 226)

K. vê que ela entra em outra rua, “mas K. já podia dispensá-la”. Continuam a andar em harmonia, e os dois homens deixam-se conduzir docilmente. Quando K. para, os dois param também, e então prossegue a marcha. É assim que eles encontram um policial armado com um sabre. Ele tem um espesso bigode. O policial está prestes a abrir a boca, vendo que se trata de “um grupo não de todo insuspeito”; os homens estacam, mas K. puxa-os adiante e até dispara a correr quando tem certeza de que o policial não os pode ver. É um momento misterioso: K. desiste de sua última chance de safar-se do sistema do tribunal e retornar à velha e bem compreendida ordem.

O trio chega a uma pedreira. A lua brilha. Os homens tiram o paletó de K., o colete e finalmente a camisa; dobram as roupas com cuidado, “como coisas que ainda se vai usar, mesmo que não fosse muito em breve”. (T, 227) Fazem K. andar de um lado para outro a fim de não congelar enquanto procuram por um bom lugar. Encontram-no: é uma grande pedra — como aquela, supomos, em que Abraão deitou Isaac para o sacrifício — e ali depõem K. Segue-se uma estranha cerimônia: um dos homens desembainha de

dentro da sobrecasaca uma “uma faca de açougueiro comprida, fina e afiada dos dois lados” e examina o gume. Os homens passam a faca um para o outro, e K. percebe que esperam que ele se apodere da faca e a enterre no peito. Mas ele não tem o feitio de Georg Bendemann ou Gregor Samsa. Constatou que “não podia satisfazer plenamente a exigência de subtrair todo o trabalho às autoridades”. (T, 228) Naquele instante — milagrosamente, somos tentados a pensar — abriu-se uma janela, e

uma pessoa que a distância e a altura tornavam fraca e fina inclinou-se de um golpe para a frente e esticou os braços mais para a frente ainda. Quem era? Um amigo? Uma pessoa de bem? Alguém que participava? Alguém que queria ajudar? Era apenas um? Eram todos? Havia ainda possibilidade de ajuda? Existiam objeções que tinham sido esquecidas? Sem dúvida, estas existiam. A lógica, na verdade, é inabalável, mas não resiste a uma pessoa que quer viver. Onde estava o juiz que ele nunca tinha visto? Onde estava o alto tribunal ao qual ele nunca havia chegado? Ergueu as mãos e esticou todos os dedos. (T, 228)

Talvez não houvesse ajuda; de qualquer modo, era tarde demais para descobrir. Já um dos homens tinha as mãos na garganta de K.,

enquanto o outro cravava a faca profundamente em seu coração e a virava duas vezes. Com olhos que se apagavam, K. ainda viu os senhores perto de seu rosto, apoiados um no outro, as faces coladas, observando o momento da decisão. “Como um cão”, disse K. Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele. (T, 229)

Supondo que houvesse “uma pessoa de bem”, um representante da humanidade para testemunhar, teria, assim, sido possível extrair uma conclusão moral sobre, por exemplo, a solidariedade da humanidade diante da injustiça? Melhor será deixar essa questão a cargo de cada leitor.

Há muitas ligações temáticas entre *O processo* e *O castelo*, o complexo, atravancado e comoventemente belo último romance de Kafka. Os dois protagonistas — Josef K. no primeiro, K. no segundo — lutam em um labirinto que às vezes parece ter sido concebido de propósito para frustrá-los e derrotá-los. Mais frequentemente, o oposto parece valer: não há um propósito; o labirinto simplesmente existe. Josef K. busca justiça, absolvição de um crime

que ele desconhece e do qual o acusam. O objetivo de K. é menos certo. *O castelo* é um romance mais rico do que *O processo* na amplitude da narrativa, no desenvolvimento de personagens secundários cativantes e inesquecíveis (Frieda, Olga, Amália, as duas albergueiras da aldeia, Pepi e Bürgel, entre outros) e nas descrições da aldeia sem nome coberta de neve e dos interiores de estalagens e cabanas de camponeses que fazem lembrar as pinturas de Peter Bruegel. Se Kafka houvesse conseguido concluí-lo ou pelo menos levá-lo até mais próximo do término, *O castelo* seria o auge de sua criação. Da forma como o livro se encontra, o leitor às vezes pode ver-se na mesma dificuldade de um personagem de uma história de Isaac Bashevis Singer: “Li seu *O castelo* de Kafka. Interessante, interessantíssimo, mas o que ele quer dizer?”.

No centro do romance há uma busca incansável e inquietante: a de K., um andarilho, um estranho, cuja identidade limita-se a uma inicial. Ele deixou uma terra distante de nome não mencionado, à qual talvez não lhe seja possível retornar. Ostensivamente, K. procura assumir o cargo de agrimensor da aldeia, para o qual as autoridades do castelo podem ou não tê-lo contratado. O castelo domina sobranceiro a aldeia aonde K. chegou, e abriga a todo-poderosa administração a serviço de seu senhor, o conde Westwest. Se K. realmente foi contratado pelo castelo, pode ter sido por engano. Entretanto, há uma versão diferente para a busca de K., que ele revela quando o romance está a meio caminho: K. gostaria de ter chegado à aldeia sem ser notado, sem alarde, para poder encontrar um bom trabalho estável como agricultor. Essa questão nunca é esclarecida, e as intenções de K. não se tornam claras. Mesmo o desejo mais modesto, porém, muito provavelmente teria sido negado. Os aldeões são rudes e hostis: dizem a K., assim que ele chega, que não poderá sequer pernoitar na aldeia, a menos que obtenha permissão do conde Westwest. Na manhã seguinte, um camponês calado e parvo deixa escapar: não existe na aldeia o costume da hospitalidade, e hóspedes são desnecessários. “Ocasão para um pequeno desespero”, ocorreu a K. ao ouvir tal coisa, “se estivesse aqui por acaso e não intencionalmente.” (C, 14) Nenhum dos aldeões, e provavelmente poucos dos senhores que compõem a administração, jamais viram o conde.

Pensamentos sobre o idoso e senil imperador Francisco José devem ter passado pela cabeça de Kafka quando inseriu o conde em seu romance. A papelada sem fim, os interrogatórios noturnos e outras chicanas das quais os senhores se ocupam são uma brilhante paródia da burocracia austro-húngara, cuja lembrança está obviamente tão viva na memória de Kafka em 1922 quanto estivera em 1914, época em que ele escreveu sobre o processo de Josef K. e os estranhos métodos da justiça.

Logo de saída, estabelecem-se em *O castelo* os termos de um paradoxo. Por um lado, uma carta de Klammer, o mais magnético e misterioso dos senhores do castelo, confirma — embora de forma ambígua — que K. foi “admitido nos serviços administrativos do conde”. Por outro, deixa-se claro que ele nunca será autorizado a entrar no castelo. Por que ele desejaria ir lá, e qual o motivo da interdição? Essas questões, que às vezes parecem estar no cerne da história de K., são deixadas sem resposta, do mesmo modo que não se explica por que, afinal, ele fez sua árdua jornada, exceto por uma vaga referência a dificuldades em sua terra. Sendo essa uma realidade kafkiana, nós a aceitamos tal como é. Citando novamente a história de Singer: “um mestre não precisa seguir as regras”. De fato, se as regras acessíveis à nossa razão se aplicassem a K. talvez não houvesse o romance. Mas o comportamento de K., como o de Josef K., é extremamente bizarro, mesmo no contexto da realidade de Kafka. Todo súdito Habsburgo absorveu junto com o leite materno a injunção de não criar problemas no trato com a administração governamental. A existência de algo especialmente estranho e ameaçador em torno do castelo e do conde deveria ter se patenteado para K. em seu primeiro dia na aldeia. Por exemplo, quando ele para na escola da aldeia e pergunta se o professor conhece o conde, a resposta do mestre-escola é dada na forma de uma pergunta. O professor diz baixinho: “como iria conhecê-lo?”, e acrescenta em voz alta, em francês: “Leve em consideração a presença de crianças inocentes”. (C, 9) (Que língua falam essas crianças? Isso nos lembra que o oficial fala francês com o explorador de *Na colônia penal* para que os condenados não entendam.) Depois desse aviso, K. deveria reconhecer a necessidade de ter cautela,

obedecer às mais que sabidas máximas sobre não se meter em encrenca. Se o fizesse, quem sabe pudesse ter vivido toda a sua vida pacificamente na aldeia, com cama e comida sempre pagas pelo castelo ou oferecidas como tributo pelos aldeões. Em vez disso, ele tropeça em um revés após outro.

O desejo sexual roía Kafka naqueles primeiros meses de 1922, quando ele estava escrevendo *O castelo*. (D, 412) Sensações intensas do momento costumam transbordar para as páginas quando se escreve. Elas atuam na cena descrita a seguir. Olga é uma moça da aldeia que, viremos depois a saber, oferece-se a todos os servidores do castelo em sua busca por um funcionário específico em cujas boas graças é crucial que a família dela incorra. Ela instintivamente sente-se atraída por K. — este ouvirá mais tarde que ela o ama — e o conduz em uma caminhada em busca de cerveja na Hospedaria dos Senhores, embora o local seja reservado aos senhores do castelo e seus criados (e às mulheres que a eles se oferecem). No bar, K. deixa a companhia de Olga para falar sobre Klamm com a balconista, Frieda, “uma moça que não atraía a atenção, pequena e loira, de traços tristes e maçãs magras, mas que surpreendia pelo olhar, um olhar de especial superioridade”. (C, 36) Ela é a amante de Klamm e permite a K. espiar por um orifício secreto na parede do bar e observar o poderoso alto funcionário do castelo. A importância da ligação de Frieda com Klamm não passa despercebida a K., embora ele pareça não se dar conta da tremenda indiscrição da moça. Pouco depois, quando o hospedeiro quer mandar K. embora antes da hora de fechar, que se aproxima rapidamente, K. esconde-se atrás do balcão do bar, no espaço onde Frieda trabalha. Incrivelmente, em vez de enxotá-lo, Frieda pisa-lhe no peito com força enquanto diz ao hospedeiro que desconhece o paradeiro de K. Momentos depois, ela está no chão com ele:

Eles se abraçaram, o pequeno corpo ardia nas mãos de K., eles rolaram, num estado de esquecimento do qual K. tentava contínua mas inutilmente se livrar; alguns passos à frente, bateram surdamente na porta de Klamm e depois ficaram deitados nas pequenas poças de cerveja e outras sujeiras que cobriam o chão. Ali passaram-se as horas, horas de respiração confundida, de batidas comuns do coração, horas nas quais K. tinha sem parar o sentimento de que se perdia ou estivesse numa terra estranha como ninguém antes dele [...](C, 41)

Ainda estão nos braços um do outro quando ouvem Klamm chamar Frieda. K. anseia tanto por fazer contato com Klamm que roga a Frieda para atender ao chamado imediatamente, e começa “a recolher os restos da sua blusa [...]”. (C, 41) A tensão erótica dessa cena tem um paralelo dois dias depois em um quarto no sótão do Albergue da Ponte, onde Frieda e K., expulsos da Hospedaria dos Senhores, encontraram abrigo:

porque a cadeira estava bem ao lado da cama, eles oscilaram e caíram em cima dela. Lá ficaram, mas não tão entregues como durante a noite. Ela buscava algo e ele buscava algo, ambos furiosos, fazendo caretas; enterrando a cabeça um no peito do outro eles se buscavam e seus abraços e seus corpos arqueados não os faziam esquecer, mas lembrar-se da obrigação de continuar buscando; como os cães raspam desesperadamente o chão, eles raspavam os seus corpos e, desamparados e decepcionados, para alcançar uma última felicidade, eles às vezes passavam a larga língua sobre o rosto do outro. Só o cansaço os acalmava e os tornava mutuamente gratos. (C, 45-6)

A tensão sexual e o desejo ardente quase irreprimível são uma constante nas relações de K. com as mulheres da aldeia, sejam elas Frieda, Olga, Amália ou Pepi. Kafka pode ter notado fenômeno semelhante durante os meses de inverno que passou com Otla em Zürau, observando naquela remota aldeia coberta de neve os camponeses e seus animais de criação amontoados em decrépita promiscuidade.

A resolução pretendida da jornada de K., assim como do jogo que o castelo faz com ele, não é passível de ser descoberta pela simples razão de que Kafka não a encontrou. Isso, e não a fragilidade física, mais provavelmente é a razão de ele não ter concluído o romance. No fim do manuscrito que ele deixou com Brod encontramos K., que mais uma vez foi expulso da Hospedaria dos Senhores, recebendo uma oferta de emprego de Gerstäcker, um carroceiro que fizera um favor a K. no primeiro dia que ele passara na aldeia. O trabalho é o de cuidar de cavalos; Gerstäcker lhe dará cama e comida, e também uma remuneração, se K. desejar. K., surpreso, diz que não entende de cavalos. “‘Não era preciso’, disse Gerstäcker impaciente.” (C, 316) E então K. se dá conta da verdade: o camponês fizera a oferta porque pensava que K. poderia ajudá-lo a conseguir algo de valor de um dos

secretários do castelo. “‘Sem dúvida’, disse Gerstäcker. ‘Por que outro motivo eu me importaria com você?’ K. riu, se pendurou no braço de Gerstäcker e se deixou conduzir por ele através da escuridão.” (C, 316) Isso indica uma epifania? De modo nenhum: é um momento de humor leve, um dentre muitos. No parágrafo seguinte a história prossegue cambaleante numa direção desconhecida e imprevisível.

De todas as obras de Kafka, *O castelo* é a que menos desafia a credulidade do leitor. Pode, e por estar incompleta provavelmente deve, ser lida e apreciada como uma série de quadros e histórias fascinantes. Uma dessas histórias é a de Frieda e sua ligação com K. Ela abre mão de tudo quando se entrega a K. no chão do bar: o sexo com Klammm — que, como uma deidade, é um polo de irresistível atração para as mulheres da aldeia — e sua inexpugnável posição de amante de tal figura. “A proximidade de Klammm é que a tornara tão incrivelmente atraente.” (C, 135) Separada dele, Frieda definha fisicamente. Além de tudo, ela se dá conta de que para K. é apenas um meio de facilitar contatos entre ele e Klammm. Sua opinião sobre K. é devastadora e tristemente irrefutável:

se Klammm me quiser, irá me entregar a ele; se ele quiser que fique comigo, você ficará; se ele quiser que você me rejeite, você vai me rejeitar. Mas você também está disposto a representar uma comédia: se for vantajoso vai fingir que me ama para tentar combater sua indiferença ressaltando sua nulidade e envergonhando-o com o fato de o ter sucedido; ou então comunicando-lhe as confissões de amor que eu fiz em relação à pessoa dele, o que realmente aconteceu, e pedindo-lhe que me acolha de novo, certamente pagando o preço por isso. E se tudo o mais não der certo, você irá simplesmente implorar em nome do casal K. (C, 155-6)

Que preço é esse? Nunca descobrimos. Chegando até esse ponto do romance, não podemos acreditar que o preço seja apenas ser irrefutavelmente estabelecido em seu cargo de agrimensor e ser incumbido das tarefas de um agrimensor. Em um dos mais cativantes e totalmente surpreendentes momentos da história, Frieda diz a K.: “Não vou mais suportar esta vida aqui. Se você quiser ficar comigo temos de emigrar para alguma parte, para o sul da França, para a Espanha”. (C, 136) A resposta de K. também é surpreendente, mas não

explica o que ele busca. É como se algo invariavelmente o bloqueasse, ou melhor, bloqueasse Kafka, quando o ponto da revelação parece ter sido atingido:

“Não posso emigrar”, disse K. “Vim aqui para ficar aqui. E vou ficar.” E numa contradição que não se esforçou para explicar, acrescentou, como se estivesse falando consigo mesmo: “O que poderia ter me atraído para este lugar ermo se não fosse o desejo de permanecer aqui?”. (C, 136)

A incompreensão entre os dois é total. Frieda lembra que a dona do Albergue da Ponte a alertara sobre K.: ele tem uma franqueza pueril mas é tão diferente das pessoas da aldeia que mesmo quando fala abertamente não conseguem acreditar nele. Isso não é de admirar, considerando as repentinas oscilações de humor de K., suas contradições, sua aspereza despropositada e a igualmente despropositada bajulação. Sua conduta é a de alguém que está sofrendo um colapso nervoso, que era a condição de Kafka quando ele começou a escrever *O castelo*. Esse parece ser outro exemplo da influência avassaladora que sentimentos intensos vivenciados no momento da composição exercem sobre o texto, e é interessante especular que nova forma Kafka teria dado a K. se tivesse sido capaz de concluir o romance. Do modo como está, K. desperta nossa simpatia mais plenamente quando está lúcido, baixa os braços e abandona a pose e o palavreado bombástico, e também quando retruca a Frieda, quando ela o interpela por causa de seu implacável egoísmo: “toda a sua vida anterior está tão mergulhada no esquecimento [...] que você não sabe mais como é preciso lutar para ir em frente, principalmente quando se vem tão de baixo. De que maneira tem que ser utilizado tudo que oferece alguma forma de esperança?”. (C, 160) Ou quando ele tenta fazer Olga entender sua relação com Frieda:

Vim para cá por vontade própria e por vontade própria me estabeleci aqui, mas tudo o que desde então aconteceu, principalmente minhas perspectivas de futuro — por mais sombrias que possam ser, elas de qualquer modo existem —, tudo isso eu devo a Frieda, discussão alguma nesse sentido pode desmenti-lo. Fui de fato aceito como agrimensor, mas só na aparência, brincaram comigo, me expulsaram de todas as casas, ainda hoje brincam comigo, mas — e quão mais é complicado isso — de certo modo ganhei envergadura e algo assim já tem um sentido; por mínimo que seja, já tenho um



lar, um posto e trabalho de verdade; tenho uma noiva que, quando preciso cuidar de outros afazeres, assume meu trabalho profissional, vou me casar com ela e me tornar membro da comunidade; além da relação administrativa com Klamm, tenho ainda outra, pessoal, da qual até agora com certeza não pude me aproveitar. Tudo isso é pouco? (C, 198-9)

A primeira parte desse discurso é razoável. Mas K. derrapa quando fala em ter ganhado envergadura e em planos para juntar-se à comunidade. Como ele logo descobrirá, Frieda o trocará por Jeremias, um dos espiões do castelo empregado como ajudante de K., e retomará seu trabalho no bar da Hospedaria dos Senhores; o “lar” de que ele se vangloria é uma sala de aula onde ele dorme como zelador da escola e que ele precisa desocupar assim que os alunos chegam. Quanto à sua ligação pessoal com Klamm, de quem Frieda fora amante, nenhum homem decente faria alarde dela. Mas pouco depois ele fala a Frieda objetivamente, com momentânea modéstia, sobre como ele talvez seja visto por ela: “corro, sem parar, atrás de negócios que não são inteiramente compreensíveis para você, que a fazem se irritar, que me aproximam de pessoas [a família Barnabás] que lhe são odiosas”. (C, 252) Frieda comove-se com as palavras de K. Enquanto a mordacidade não recomeça a fluir em uma das súbitas reviravoltas tão comuns em *O castelo*, ela mostra uma doçura lírica em sua resposta:

“Se tivéssemos”, disse Frieda devagar, tranquila, quase com bem-estar, como se soubesse que lhe era concedido um prazo muito breve de descanso no ombro de K., mas quisesse fruí-lo até o último, “se tivéssemos logo, ainda naquela noite, emigrado, poderíamos estar em algum lugar em segurança, sempre juntos, sua mão sempre próxima o bastante para eu a segurar; como me é necessária sua proximidade, como, desde que o conheço, me sinto abandonada sem a sua proximidade; creia-me, sua proximidade é o único sonho que sou capaz de sonhar, nenhum outro.” (C, 254)

“A preocupação do pai de família”, um texto de página e meia em prosa sobre uma curiosa criatura chamada Odradek, escrito entre 1914 e 1917 e incluído na coletânea *Um médico rural*, contém um alerta importante. O narrador, um “pai de família” (uma tradução melhor, neste caso, para *Hausvater* do que o “*family man*” [homem de família] usado na tradução inglesa da Schocken Books) fala sobre Odradek:

Alguns dizem que a palavra Odradek deriva do eslavo e com base nisso procuram demonstrar a formação dela. Outros por sua vez entendem que deriva do alemão, tendo sido apenas influenciada pelo eslavo. Mas a incerteza das duas interpretações permite concluir, sem dúvida com justiça, que nenhuma delas procede, sobretudo porque não se pode descobrir através de nenhuma um sentido para a palavra. (CS, 427-8)

A óbvia questão introdutória deveria ser: por que a origem da palavra Odradek tem importância?<sup>6</sup> Os comentadores de Kafka não pararam para fazer essa pergunta. Em vez disso, debateram sobre a derivação do nome, sujeitando o pequeno texto de Kafka à mesma artilharia pesada usada para atacar o significado de *O processo*. Procuraram pistas na biografia de Kafka (ele escreveu “A preocupação do pai de família” na casinha da Alchimistengasse, a primeira que teve só para si) e tentaram aplicar um coquetel lacaniano de psicanálise, estruturalismo e linguística. (Bi, 342-3) O próprio Brod sugeriu que, como ele não tem “morada fixa”, Odradek pode simbolizar o Judeu Errante. (B, 135) O pai de família tem o seguinte a dizer sobre a natureza de Odradek:

À primeira vista ele tem o aspecto de um carretel de linha achatado e em forma de estrela [...] Não é contudo apenas um carretel, pois do centro da estrela sai uma vareta, e nela se encaixa depois uma outra, em ângulo reto. Com a ajuda desta última vareta de um lado e de um dos raios da estrela do outro, o conjunto é capaz de permanecer em pé como se estivesse sobre duas pernas [...] o todo na verdade se apresenta sem sentido, mas completo à sua maneira [...] Aliás não é possível dizer nada mais preciso a esse respeito, já que Odradek é extraordinariamente móvel e não se deixa capturar. (CS, 428)

Ficamos sabendo que Odradek locomove-se. É encontrado no sótão, na escada, no vestíbulo. Quando não é visto, presume-se que esteja visitando outras casas, mas ele sempre retorna à “nossa” casa. Sendo tão diminuto, não dá para evitar tratá-lo “como uma criança”. Não se fazem perguntas difíceis a ele, mas pode-se perguntar seu nome — ele responde Odradek — e seu endereço. A isso ele replica “domicílio incerto”. Existem perguntas não formuladas que preocupam o pai de família: Odradek pode morrer? “Tudo o que morre”, ele reflete, “teve antes uma espécie de meta, um tipo de atividade

e nela se desgastou; não é assim com Odradek.” (CS, 429)

Sendo assim, deve o pai de família supor que Odradek não morrerá, que ainda estará rolando pela escada sob os pés de seus filhos e dos filhos de seus filhos? Odradek parece não fazer mal a ninguém, “mas a ideia de que ainda por cima ele deva me sobreviver me é quase dolorosa”. (CS, 428)

Não surpreende que a exegese pareça não ter produzido um sentido inteligente. Vladimir Nabokov disse que os únicos leitores verdadeiros são os que releem — uma máxima que nunca foi tão verdadeira quanto ao ser aplicada às obras de Kafka. A significância desse pequeno texto em prosa de Kafka está no prazer que um verdadeiro leitor sente ao render-se às palavras do autor; um prazer não dessemelhante ao experimentado quando declamamos certos versos, como “Charm’d magic casements, opening on the foam / Of perilous seas, in faery lands forlorn”.\*\* É um prazer que traz a sensação de estar na presença de um mistério. “Odradek”, escreveu Benjamin em um ensaio por ocasião do décimo aniversário da morte de Kafka, “é a forma que as coisas assumem no esquecimento.” (Ill, 133) Sabemos imediatamente que ele está certo, embora nos seja difícil explicar por que ou interpretar o que ele disse. Certas coisas não podem ser explicadas.

Se existe um “significado inteligente” a ser encontrado em “O veredicto”, *Na colônia penal*, *A metamorfose*, *Amerika*, *O processo* ou *O castelo*, é a reação que essas obras provocam no leitor. Quando a janela que dá vista para a cena da execução abre-se em *O processo*, K. vê nela “uma pessoa que a distância e a altura tornavam fraca e fina”. Essa visão e a faca de açougueiro são tudo o que lhe resta. Ele não chegou até o juiz que o condenou, não teve acesso ao supremo tribunal e nem teve a chance de apresentar os argumentos que poderiam provar que “a lógica, na verdade, é inabalável, mas não resiste a uma pessoa que quer viver”. (T, 228) O obverso do anseio universal pela solidariedade humana é uma verdade igualmente universal, uma verdade que o Narrador do grande romance de Proust, *Em busca do tempo perdido*, descobre quando um renomado médico mostra descaso com a sua avó, fulminada por um

derrame. O médico está com pressa. Não quer se atrasar para uma recepção oficial. O Narrador conclui: “*chaque personne est bien seule*”, cada pessoa está completamente só. É possível que Josef K. descubra essa verdade em seu último instante de consciência, e que o mesmo se dê com as outras grandes vítimas na ficção de Kafka: Georg, no momento em que brada “Queridos pais, eu sempre os amei”, e Gregor, quando “a cabeça afundou completamente e das suas ventas fluíu fraco o último fôlego”. Talvez seja o segredo por trás da anomia do explorador.

Maltratados e feridos, Karl Rossmann e K. também sofrem de solidão e nostalgia, inevitáveis aflições de protagonistas de romances de viagem e de cavaleiros e heróis que partem em uma missão. Karl e K. são ambos enigmas: Kafka interrompeu-lhes o desenvolvimento ao abandoná-los prematuramente. Mas os romances de viagem não têm um final bem-arrumado, a menos que o autor dê um jeito para que o protagonista morra ou finalmente chegue à sua Ítaca ou à sua Cólquida. Neste segundo caso, certamente há de insinuar-se uma nova aventura, mas ela pode ser deixada para outro dia. O autor também pode, caso se atreva, declarar vitória. Foi o que fez Witold Gombrowicz em seu *Ferdydurke*. Incapaz de encontrar um desfecho que o satisfizesse para sua história, ele pediu a opinião de uma jovem camareira. Ela o aconselhou a pôr algum verso sem pé nem cabeça após a última sentença do romance e declará-lo concluído, pois era esse o modo como terminavam alguns contos de fadas poloneses. Gombrowicz seguiu o conselho à risca, servindo-se da inesgotável reserva de arrogância e sangue-frio dos nobres poloneses. O verso é quase intraduzível, mas uma ideia aproximada poderia ser: “E eis que chegamos ao final. E quem leu isto é um animal”.<sup>7</sup>

Kafka levou *Amerika* e *O castelo* até onde pôde e aceitou a derrota.

6 Na verdade, a origem é claramente eslava. A palavra *Odradek* inexiste na língua tcheca. No entanto, seu cognato “*odradit*” é um verbo tcheco que significa, entre outras coisas, “desencorajar”. Essa ampla alusão não desencorajou os kafkologistas. A busca prossegue. (Cf. *Bi*, 342)

7 Tradução de Tomasz Barcinski, São Paulo, Companhia das Letras, 2006. Em polonês: “*Koniec i bomba / A kto czytał, ten trąba*”.

\* Rube Goldberg (1883-1970), cartunista americano famoso por seus desenhos de máquinas complexas destinadas a executar tarefas extremamente simples. (N. T.)

\*\* "Que abriu janelas encantadas ao perigo / dos mares maus, em longes solos, desolado." "Ode to a Nightingale", John Keats, trad. Augusto de Campos. (N. T.)

## Chave das referências bibliográficas

- A Kafka, Franz, *Amerika*, tradução inglesa de Willa e Edwin Muir (Nova York, Schocken Books, 1974). [Ed. brasileira: *O desaparecido ou Amerika*, trad. Susana Kampff Lages. São Paulo, Editora 34, 2003.]
- B Brod, Max, *Franz Kafka — A biography*, tradução inglesa de G. Humphreys Roberts e Richard Winston (Nova York, Da Capo, 1995).
- Bi Binder, Hartmut (org.), *Kafka-Handbuch*, vol. ii (Stuttgart, Alfred Kröner Verlag, 1979).
- C Kafka, Franz, *The castle*, tradução inglesa de Mark Harman (Nova York, Schocken Books, 1996). [Ed. brasileira: *O castelo*, trad. Modesto Carone. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.]
- CS Kafka, Franz, *The complete stories*, org. Nahum Glatzer (Nova York, Schocken Books, 1971).
- D Kafka, Franz, *Diaries, 1910-1923*, org. Max Brod, tradução inglesa de Joseph Kresh e Martin Greenberg (Nova York, Schocken Books, 1975).
- Ill Benjamin, Walter, *Illuminations: essays and reflections*, org. Hannah Arendt, tradução inglesa de Harry Zohn (Nova York, Schocken Books, 1969).
- J Janouch, Gustav, *Conversations with Kafka*, tradução inglesa de Goronway Ress (Nova York, New Directions, 1971). [Ed. brasileira: *Conversas com Kafka*, trad. Celina Luz. São Paulo, Novo Século, 2008.]
- L Kafka, Franz, *Letters to friends, family, and editors*, org. Max Brod, tradução inglesa de Richard e Clara Winston (Nova York, Schocken Books, 1977).
- LF Kafka, Franz, *Letters to Felice*, org. Erich Heller e Jürgen Born, tradução inglesa de James Stern e Elisabeth Duckworth (Nova York, Schocken

Books, 1973).

LM Kafka, Franz, *Letters to Milena*, tradução inglesa de Philip Boehm (Nova York, Schocken Books, 1990).

LO Kafka, Franz, *Letters to Ottla and the family*, org. N. N. Glatzer, tradução inglesa de Richard e Clara Winston (Nova York, Schocken Books, 1982).

RK Anderson, Mark (org.), *Reading Kafka: Prague, politics and the fin de siècle* (Nova York, Schocken Books, 1989).

S Kafka, Franz, *Letter to his father*, tradução inglesa de Ernst Kaiser e Eithne Wilkens, revisão de Arthur S. Wensinger. In Kafka, Franz, *The sons* (Nova York, Schocken Books, 1989). [Ed. brasileira: *Carta ao pai*, trad. Modesto Carone. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.]

T Kafka, Franz, *The trial*, tradução inglesa de Willa e Edwin Mui, revisão de E. M. Butler (Nova York, Schocken Books, 1974). [Ed. brasileira: *O processo*, trad. Modesto Carone. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.]

As citações em meu texto foram extraídas das edições listadas acima, mas tendo em vista maior clareza ou exatidão fiz emendas não indicadas onde julguei necessário.

## Bibliografia selecionada

A edição alemã das obras de Kafka que consultei mais frequentemente foi *Gesammelte Werke*, org. Max Brod (Frankfurt, Fischer Taschenbusch Verlag, 1996), que inclui diários de Kafka e cartas a destinatários que não Felice e Milena. Também consultei *Franz Kafka: Briefe an Felice und andere Korrespondenz aus der Verlobungszeit*, org. Erich Heller e Jürgen Born (Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, 2003), e *Franz Kafka: Briefe an Milena*, org. Jürgen Born e Michael Müller (Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, 1986).

A literatura sobre Kafka e sua vida é uma densa floresta. Além das obras acima mencionadas, as seguintes foram-me de grande utilidade:

Boa, Elizabeth. *Kafka: gender, class and race in the letters and fictions*. Oxford, 1966. Como o título deixa claro, um estudo especializado, porém vívido e informativo.

Born, Jürgen (org.). *Kafkas Bibliothek — Ein beschreibendes Verzeichnis mit einem Index aller in Kafka's Schriften erwähnten Bücher, Zeitschriften and Zeitschriftenbeiträge; zusammengestellt unter Mitarbeit von Michael Antreter und Jon Shepherd* (Frankfurt, S. Fischer Verlag, 1990). Um fascinante catálogo descritivo dos livros da biblioteca de Kafka.

Calasso, Roberto. *K.*, tradução inglesa de Geoffrey Brock. Nova York, Alfred A. Knopf, 2005. [Ed. brasileira: *K.*, trad. Samuel Titan Jr. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.] Uma interpretação imaginativa e eloquente de *O processo* e *O castelo*.

Canetti, Elias. *Kafka's other trial: the letters to Felice*, tradução inglesa de Christopher Middleton (Nova York, Schocken Books, 1974). Um sensível e perspicaz estudo das cartas pelo romancista laureado com o prêmio Nobel, para quem o “julgamento” no Askanische Hof repetiu-se em *O processo*.



Citati, Pietro. *Kafka*, tradução inglesa de Raymond Rosenthal (Londres, Secker & Walburg, 1990). [Ed. portuguesa: *Kafka — Viagem às profundezas de uma alma*, trad. Ernesto Sampaio. Lisboa, Cotovia, 2001.] Uma biografia elegante e sensível.

Gilman, Sander L. *Franz Kafka: the Jewish patient* (Nova York, Routledge, 1995). Uma análise brilhante e erudita do antissemitismo e estereótipos antissemitas europeus e do modo como eles afetaram a vida e as obras de Kafka.

Northey, Anthony. *Kafka's relatives: their lives and his writing* (New Haven, Yale University Press, 1991). Reconstitui as migrações e aventuras dos membros das famílias Kafka e Löwy e o uso que Kafka pode ter feito delas.

Pawel, Ernst. *The nightmare of reason: a life of Franz Kafka* (Nova York, Noonday Press, Farrar Straus Giroux, 1984). Ainda a melhor biografia geral de Kafka.

Stölzl, Christoph. *Kafka's böses Böhmen: Zur Socialgeschichte eines Prager Juden* (Munique: edição crítica, 1975). Não disponível em inglês, mas indispensável como introdução ao contexto social no qual Kafka cresceu e trabalhou.

Unsel, Joachim. *Franz Kafka: a writer's life*, tradução inglesa de Paul F. Dworak (Riverside, Ariadne, 1994). Reconstitui a complexa história da publicação das obras de Kafka.

Wagenbach, Klaus. *Kafka*, tradução inglesa de Ewald Osers (Londres, Haus Publishing, 2003). Originalmente publicado em 1964, passou no teste do tempo e continua a ser uma das melhores biografias breves do autor.

# Uso dos topônimos alemães

Kafka usou nomes de lugares e ruas em alemão em seus diários e correspondência. Segui seu uso. Os equivalentes tchecos atuais são mostrados abaixo:

|                             |  |
|-----------------------------|--|
| Alchimistengasse            | Zlatá ulička   |
| Altstädter Ring             | Staroměstské náměstí   |
| Bilekgasse                  | Ulička Bilkova   |
| Ferdinand-Karls-Universität | Univerzita Karlova v Praze (Universidade de Carlos em Praga) |
| Friedland                   | Frýdlant   |
| Graben                      | Na Příkopě   |
| Karlsbrücke                 | Karlův Most  |
| Lange Gasse                 | Dlouhá   |
| Heinrichgasse               | Jindřišská   |
| Kleinseite                  | Malá Strana  |
| Marienbad                   | Mariánské Lázně  |
| Moldau                      | Vltava   |
| Niklasstrasse               | Parížská   |
| Podiebrad                   | Poděbrady  |
| Rathausgasse                | Ulička Radnice   |
| Reichenberg                 | Liberic  |
| Schelesen                   | Želízy   |
| Spindelmühle                | pinlerův Mlýn  |
| Triesch                     | Třešť  |
| Woßek                       | Osek   |
| Zeltnergasse                | Celetná  |

Zuckmantel  
Zürau

Slaté hory  
Sřem

## Datas importantes na vida de Kafka

- 1883 3 de julho: fk nasce em Praga, filho de Herman Kafka e Julie (nascida Löwy).
- 1889-93 Cursa o ensino elementar.
- 1889 29 de outubro: nascimento de sua irmã favorita, Ottla, a filha mais nova de Herman e Julie.
- 1893-1901 Cursa o ensino secundário.
- 1897 Tumultos antissemitas em Praga.
- 1901 Ingressa na universidade e decide estudar direito.
- 1902 Férias de verão com dr. Siegfried Löwy (o “médico rural”) em Triesch. Outubro: conhece Max Brod.
- 1904 Começa a escrever “Descrição de uma luta”, a mais antiga obra sobrevivente.
- 1905 Férias em Zuckmantel, Silésia. Primeiro relacionamento amoroso, com uma “mulher madura”.
- 1906 18 de junho: forma-se advogado. Outubro: começa treinamento de um ano, primeiro no tribunal superior civil, depois no tribunal criminal.
- 1907-8 Trabalha na filial da Assicurazioni Generali em Praga.
- 1908 Março: publica oito textos em prosa na revista *Hyperion*. Ingressa na semiestatal Instituto de Seguros contra Acidentes do Trabalho.
- 1909 Começa a escrever diários.
- 1910 Promovido ao cargo de *Konzipist* (escrevente-chefe) no Instituto de Seguros.
- 1911 Investimento na fábrica de asbesto pertencente ao seu cunhado. Amizade com o ator iídiche Yitzhak Löwy. Crescente interesse pelo teatro iídiche

e pelo judaísmo.

1912 18 de fevereiro: apresenta uma leitura de poesia iídiche por Yitzhak Löwy, falando nesse idioma.

Agosto: prepara para publicação seu primeiro livro, *Contemplação* (*Betrachtung*), uma coletânea de breves textos em prosa; conhece Felice Bauer.

Setembro: inicia correspondência com Felice Bauer, escreve “O veredicto” e *A metamorfose* e começa *Amerika*.

1913 Janeiro: interrompe *Amerika*. Vasta correspondência com Felice; encontra-se com ela três vezes em Berlim; começa amizade com Grete Bloch. Viaja a Riva passando por Trieste, Veneza e Verona. Caso amoroso com uma “moça suíça”. Promovido a vice-secretário do Instituto.

1914 Junho: noivado com Felice.

Julho: confronto no Askanischer Hof; rompimento do noivado; viaja com Ernst Weiss e a amante deste a Travemünde e Marienlyst.

2 de agosto: a Alemanha entra na guerra.

Ainda em agosto, começa *O processo*.

Outubro e até o fim do ano: trabalha em *O processo*, escreve *Na colônia penal* e um capítulo de *Amerika*.

1915 Janeiro: para de escrever *O processo*. Primeiro encontro com Felice Bauer desde o rompimento em julho de 1914; seguem-se mais dois encontros, em maio (Grete também presente) e junho.

Novembro: publicação de *A metamorfose* em livro.

1916 Julho a novembro: encontros com Felice; em julho em Marienbad.

Outubro: “O veredicto” publicado em forma de livro.

Novembro: começa a usar a casinha alugada por Ottla na Alchimistengasse. Os contos escritos no local e em 1917 serão publicados em 1920 no livro *Um médico rural*.

1917 Julho: segundo noivado com Felice; ela e K. fazem visitas de cortesia a parentes e amigos em Praga.

- Agosto: primeira grande hemorragia.  
Setembro: diagnóstico de tuberculose. Hospedado por Ottla em Zürau, onde permanecerá até abril de 1918.  
Dezembro: rompimento do segundo noivado com Felice.
- 1918 Maio: fk retorna ao trabalho no Instituto.  
Outubro: adoece com gripe espanhola e pneumonia dupla.  
Novembro: volta a trabalhar no Instituto, mas adoece novamente; no fim do mês, sua mãe leva-o para Schelesen, onde ele se hospeda na Pensão Stüdl; permanece lá até março de 1919. Conhece Julie Wohryzek.
- 1919 Primavera e verão: encontra-se com Julie Wohryzek em Praga e ficam noivos.  
Novembro: casamento com Julie é adiado. Em Schelesen, com Max Brod. Escreve *Carta ao pai*. Na *colônia penal* é publicado em forma de livro.
- 1920 1º de janeiro: fk torna-se secretário do Instituto.  
Abril: de licença médica em Merano. Escreve primeira carta a Milena Jesenská.  
Maio: publicação de *Um médico rural*.  
29 de junho-4 de julho: visita Milena em Viena. Julho: rompe noivado com Julie.  
14-15 de agosto: encontra-se com Milena em Gmünd.  
Novembro: violentos tumultos antisemitas em Praga.  
Inverno: rompimento com Milena; fk vai para Matliary, de licença médica.
- 1921 Agosto: retorna de Matliary.  
Outubro: dá a Milena todos os seus diários e passa a escrever um novo diário.  
Novembro ao fim do ano: gravemente enfermo e quase sempre preso ao leito, submete-se a tratamento médico no apartamento dos pais. Milena visita-o várias vezes.
- 1922 Meados de janeiro: colapso nervoso. 27 de janeiro: vai para

Spindlermühle por cerca de três semanas e começa a escrever *O castelo*.  
Fevereiro-julho: escreve “Um artista da fome” e “Investigações de um cão”. Fim de junho: hospedado por Ottla em Planá, onde permanecerá até setembro.

Julho: aposenta-se do Instituto.

Fim de agosto: colapso nervoso.

Outubro: publicação em revista de “Um artista da fome”.

Novembro: abandona o trabalho em *O castelo*.

1923 Inverno e primavera: acamado boa parte do tempo; retoma estudos do hebraico.

Julho: férias em Müritz no mar Báltico com sua irmã Elli; conhece Dora Diamant.

Setembro: vai morar com Dora em Berlim.

Outubro-dezembro: escreve “A construção”.

1924 Saúde deteriora-se rapidamente.

17 de março: retorna a Praga com Brod.

No apartamento dos pais, escreve “Josefina, a cantora, ou O povo dos camundongos”.

Fim de março: acompanhado por Dora, interna-se no Sanatório Wiener Wald na Baixa Áustria; diagnóstico de tuberculose na laringe.

19 de abril: acompanhado por Dora, interna-se no sanatório de Kierling, próximo a Viena. Corrige provas da coletânea de contos *Um artista da fome*.

3 de junho: fk morre aos quarenta anos.

11 de junho: sepultamento no Cemitério Judaico de Strašnice.

# Agradecimentos

Quero expressar minha profunda gratidão às seguintes pessoas:

Meus queridos amigos Joel Conarroe e Donald Hall, por lerem uma versão preliminar deste livro e darem inestimáveis sugestões e incentivo.

Meu editor, James Atlas, por inspirar-me a escrever a obra, e o preparador, John Oakes, por seu paciente trabalho em meu texto.

Meu estimado amigo Jeffrey P. Cunard, por guiar-me no labirinto dos direitos autorais.

Minha cara amiga Deborah M. Lizasoain, cujos olhos de águia detectaram nas sucessivas versões de meu texto mais erros do que eu teria coragem de contar.



## Sobre o autor

Louis Begley nasceu em 1933, na cidade de Stryj, então pertencente à Polônia (atualmente Ucrânia) e emigrou para os Estados Unidos em 1946. Graduou-se com distinção em literatura inglesa e em direito pela Universidade Harvard. Trabalhou quase cinquenta anos como advogado, até aposentar-se, em 2007. Entre os prêmios que recebeu, destacam-se o IrishTimes/Aer Lingus International Fiction Prize, o pen/Hemingway Award, o Prix Médicis Étranger e o Konrad Adenauer Stiftung Literaturpreis. Dele, a Companhia das Letras publicou oito romances, entre os quais *Infância de mentira* (1992), *Sobre Schmidt* (1999), *Schmidt libertado* (2002), *Naufrágio* (2007) e *Questões de honra* (2009).

Copyright © 2007 by Louis Begley

Publicado originalmente nos Estados Unidos pela Atlas & Co., 2007

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The tremendous world I have inside my head — Franz Kafka: a biographical essay

*Capa*

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

*Imagem de capa*

Bettmann/ Corbis/ LatinStock

*Preparação*

Lucas Murtinho

*Revisão*

Marise S. Leal

Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-8086-101-3

Todos os direitos desta edição reservados à  
editora schwarcz ltda.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)